

A REDENÇÃO DO ANJO CAÍDO

(Versão de degustação dos primeiros capítulos)

PRÓLOGO

O anjo chegou empolgado ao último degrau da escadaria.

Nas mãos trazia a harpa e, no peito, um conjunto de versos que compusera pela manhã e intitulara “O Poema da Criação”. Agora, estava ansioso para recitá-lo ao Pai, que se encontrava entretido às margens da *Fonte da Vida*.

— O que estás fazendo, Pai? – ele perguntou com voz alegre, ao se aproximar do Altíssimo.

— Estava aguardando por ti. Há algo que quero te mostrar – Deus respondeu.

Antes de o anjo externar em palavras as dúvidas que lhe vieram à mente, o Criador imergiu um dedo na fonte e fez leves movimentos circulares, até diminutas ondas se formarem. Em seguida, puxou repentinamente a mão, trazendo para fora um fino turbilhão cristalino, como se fosse extensão de seu dedo. A água começou então a tomar forma: pernas, depois corpo, braços, cabeça e, finalmente... asas.

— Era esta estátua que querias me mostrar? – o anjo questionou, admirado com a figura imóvel terminando de se materializar diante de seus olhos.

— Não é uma estátua! – Deus divertiu-se.

— Não? Então o que é?

— É um anjo, como tu... – o Altíssimo afirmou, atento à reação causada pela resposta.

Por um tempo, o jovem refletiu, tentando assimilar as dimensões do que aquilo significava. Apertava a harpa com força, sem perceber. Em seu âmago, donde só brotara a

mais pura alegria desde o dia em que fora criado até então, floresceu um sentimento tão desconhecido quanto incômodo.

— Por que precisas de outro anjo, Pai? – perguntou, num único fôlego.

— Precisarei de ti, deste aqui e de muitos outros mais. Olhe a tua volta... – Deus abriu os braços e virou a cabeça de um lado para o outro, instigando o filho a imitá-lo. – Veja quão extenso é o Paraíso. Não te sentes um pouco solitário ao bater tuas asas em tão vazia imensidão? Verás como tudo ficará melhor, preenchido de vida, movimento, sons e cores, por todos os lados. Verás como tuas canções soarão ainda mais belas quando cantadas por um coral de querubins.

O anjo ponderou sobre aquelas palavras e tentou projetar na mente o mundo novo descrito pelo Pai. Tentou afugentar a constatação de que, pela primeira vez em sua existência, discordava do Altíssimo. Não entendia porque tudo não poderia continuar como estava, por todo o sempre – apenas criador e criatura, apenas Pai e filho caminhando entre as árvores e as estrelas, sob o som dos doces sonetos de adoração por ele compostos. Mas a presença daquela estátua d'água, que agora parecia encará-lo, trazia consigo a certeza de que as coisas nunca mais seriam as mesmas.

— Deixarei de ser teu preferido? – resumiu assim as aflições surgidas no coração.

— Amarei todas as minhas criaturas da mesma forma, pois infinito é o meu amor e razão não há para dosá-lo, dividindo-o mais para um ou mais para outro. O conceito de preferido perde-se dessa forma. – Depois que Deus disse essas palavras, o anjo nada respondeu, permanecendo cabisbaixo. Após alguns instantes, o Altíssimo voltou a quebrar o silêncio: – Não te preocupes, posso garantir que sempre terás papel fundamental em meus planos. E não falo isso somente para te agradar, pois bem sabes que minha palavra é a expressão da verdade. Além disso... estou certo de que gostarás de liderá-los.

— Eu os liderarei? – animou-se o anjo, com a alegria subitamente retornando ao espírito. – Quantos deles?

— Muitos! Hostes tão numerosas que se perderão de vista e darão a volta ao mundo quando enfileiradas! – o Criador respondeu, enchendo-se de orgulho ao perceber o interesse transbordando no semblante de sua criatura.

— E o Senhor criará todos eles hoje? – o anjo agora estava eufórico.

— Não, hoje não! – Deus deu uma gostosa gargalhada, sacudindo as estrelas no firmamento. – Quando estiver seco por completo – o Altíssimo apertou o ombro da figura moldada com a água da fonte –, soprar-lhe-ei a centelha da vida. Assim como fiz contigo e como farei com os outros. Mas apenas um a cada dia, não mais do que isso. Pois, para que fiquem perfeitas, as coisas devem ser feitas com calma. Compreendes?

O anjo balançou a cabeça em afirmação, satisfeito pela sensação que o incomodara havia pouco ter ido embora – esperava não senti-la nunca mais. Já não via aquela “estátua d’água” como uma ameaça e, além disso, a perspectiva de ter incontáveis subalternos animava-o em demasia. Então, perguntou ao Altíssimo:

— Poderei ensiná-los a compor louvores e a cantar?

— Sim. E também... a guerrear – Deus falou, desviando o olhar para o horizonte.

— Guerrear? – o anjo arregalou os olhos, desconcertado. Entendia o significado da palavra, mesmo sem nunca tê-la ouvido antes, mas não compreendia como esse tipo de evento poderia vir a ocorrer. – Contra quem?

— Existem forças que se alastraram pelo universo enquanto Eu dormia. E, agora, anseiam retomar o que lhes foi tirado quando acordei. Desejam destruir a ordem e lançar

todas as coisas de volta ao *caos primordial* que havia no mundo antes que o tempo fosse criado – assim respondeu o Senhor.

— Tu és o Pai-*Todo-Poderoso*, onipotente, onipresente e onisciente – o anjo sorriu com confiança. – Desconheço essas forças por ti mencionadas, mas estou certo de que estão loucos caso planejem qualquer tipo de levante contra ti, meu Pai amado. Infinito é teu poder: com apenas um pensamento poderia rechaçá-los... – enquanto falava, o anjo refletia a respeito das próprias palavras, e a confiança cedia lugar à dúvida. – Com apenas uma palavra, poderias destruí-los agora mesmo, onde quer que estejam... não é?

— Sim, sou aquele que tudo pode e tudo sabe, aquele que sempre existiu e sempre existirá. Sou aquele que é. Porém, a onipotência também me possibilita abrir mão de poder certas cousas, conforme a minha vontade. Entendes? – o Altíssimo perguntou.

O jovem coçou o queixo, olhou para o alto e pensou por algum tempo. Na falta de melhor argumento, acabou ficando com a resposta mais simples, direta e sincera possível:

— Não, não entendo.

Deus sorriu, sem nada dizer de imediato. Caminhou até ele e encarou-o com um misto de alegria e tristeza, como se estivesse vendo todo o destino do universo refletido no azul de seus olhos. Acariciou o rosto de seu primeiro anjo, tão belo quanto a estrela que brilha na alva e traz a luz para o mundo. Então, assim disse o Senhor:

— Um dia, entenderás, *Lúcifer*. Um dia, entenderás...

CAPÍTULO I – SOBERBA

Centenas de anos depois...

Lúcifer distraiu-se por alguns instantes, segurando a manopla de combate em frente ao rosto. Contemplou todas as nuances e detalhes da luva prateada a refletir seu semblante, agora estagnado em algum ponto entre a hesitação e a ansiedade. Pensamentos perdiam-se nos feixes luminosos irradiados pelos diamantes que adornavam a última peça da magnífica armadura. Respirou fundo, enchendo-se do aroma celeste, sempre fresco e revigorante a qualquer hora do dia ou da noite. Sentiu o cheiro das rosas, das maçãs, da relva e dos troncos das árvores, ainda umedecidos pelo sereno. Prendeu o ar por um longo momento de incerteza e, em seguida, soltou tudo de uma só vez, em um assovio determinado. Desejou que os últimos resquícios de dúvida, que cobriam seu coração como folhas mortas boiando num lago, fossem levados embora pelo vento suave que brincava com seus cabelos naquela alvorada.

Mas eles não foram.

Mesmo assim, o Primeiro entre os Anjos colocou a luva, ficando totalmente equipado para a guerra – para a batalha que viria ainda naquele dia e haveria de se definir antes que o Sol tingisse de vermelho as nuvens no oeste. A batalha que concederia a ele seu *lugar de direito*, que abriria espaço para que chegasse ao trono do Altíssimo e dali arrancasse o velho Pai, tomando assim, com mão forte, o posto mais alto na hierarquia celestial. A batalha que apresentaria ao universo o seu novo Deus.

Abriu e fechou o punho algumas vezes, com a confiança avolumando-se em um leve sorriso no canto da boca. Gostava de ouvir o ranger do metal nas articulações perfeitamente encaixadas. Refletiu por um instante, questionando se seria capaz de construir uma armadura com tamanha maestria. Concluiu que era óbvio que sim, afinal, não havia nada que o Pai

tivesse feito que ele, o *Portador da Luz*, não poderia fazer igual, ou ainda melhor. Empunhou a espada conhecida como “Aniquiladora do Caos”: a arma mais destrutiva já criada, forjada pessoalmente por Deus, com energia suficiente para costurar um milhão de *quasares* na malha negra do espaço. Segurou-a, com a costumeira sutileza, e a brandiu no ar. Partículas brilhantes marcaram o caminho percorrido pelo gume, flutuando em silêncio feito a neve que chega ao chão sob os suspiros agonizantes do outono. Sentiu poder, confiança e certeza irradiando no punho, permeando a manopla de combate, infiltrando-se na mão e subindo pelo braço, atravessando-o de ombro a ombro, percorrendo todo corpo, dos pés à ponta do último fio de cabelo e, finalmente, invadindo e inflamando seu coração com as chamas da ousadia, que precisam arder para que um grande passo seja dado.

As mesmas chamas que às vezes queimam demais e tornam-se loucura.

O sorriso, a princípio tímido, não tardou a se transformar em gargalhada de dentes escancarados, enquanto nuvens cobriam o Sol, lançando sombras de mau agouro sobre os campos do Paraíso. Lúcifer, aquele que brilha como a Estrela da Manhã, o mais notável dentre todos os anjos, arcanjos, serafins e querubins, caminhou em direção às tropas que o aguardavam em prontidão, lideradas por Belial, o Valoroso.

— Comandante... – Lúcifer cumprimentou Belial, batendo as asas para se erguer um côvado acima do solo e assim conseguir olhar seu subordinado de cima para baixo.

— General... – Belial respondeu, com igual formalidade e frieza. Meneou levemente as asas negras e esplendorosas que lhe brotavam nas costas, mas permaneceu com os pés fincados ao chão.

— Como está o moral das tropas, Comandante? Observando daqui, vejo uma quantidade considerável de semblantes assustados, olhares que se esquivam buscando o solo quando encarados, lanças que tremem às mãos, espadas empunhadas sem confiança, escudos

que parecem ter ficado mais pesados da noite para o dia... eu vejo isso em alguns, Belial. Na verdade, em muitos – disse Lúcifer, percorrendo suas hostes com o olhar e segurando o punho da *Aniquiladora do Caos*. – Mas não é o que vejo em uns e outros o que me preocupa, Comandante. O que me preocupa de fato é o que eu *não estou vendo*... em ninguém. Quer que eu diga o que é, Belial?

— Sim, meu... Senhor... – as palavras só conseguiram sair após longa inspiração, que apaziguou o ímpeto de responder as primeiras coisas, certamente não condizentes com a hierarquia, que lhe vieram à cabeça.

— Sabia que iria querer, Comandante – Lúcifer sorriu com ironia. – Pois te direi, com prazer: eu não estou vendo aqui a sede de sangue, a vontade de correr em direção às linhas inimigas e promover um massacre, a empolgação de brandir uma espada em direção ao pescoço desprotegido do oponente, de arremessar a lança à distância e ouvi-la assoviando no ar até encontrar um coração no caminho – enquanto falava, Lúcifer interpretava cada um dos ataques descritos. Então, após pausa e suspiro carregado de decepção, continuou: – Não estou vendo aqui, Belial, o brilho nos olhos que os guerreiros precisam ter antes de uma luta. O brilho que estava em nossos olhos, quando travamos a grande guerra contra as forças do Caos, lembra-se? Ah, não faz tanto tempo, Belial, tenho certeza que te lembras muito bem! Pois então, meu bom Comandante, estamos prestes a marchar rumo a uma contenda ainda mais importante, que pode se tornar ainda mais mortífera do que aquela... e os rostos dos soldados afiguram-se como se estivéssemos nos dirigindo a um recital de harpa! Tu, que és o responsável pela motivação dos soldados, saberias me explicar o porquê disso?

Belial engoliu em seco e refletiu, ponderando se não seria melhor atacar o General e acabar de uma vez com aquela insanidade, arrancando-lhe, a machadadas, o sorriso debochado que estampava no rosto ao proferir seus mandos, desmandos, caprichos e

perguntas retóricas. A mão chegou a deslizar instintivamente rumo ao cabo do machado de guerra preso à cintura, mas o Comandante controlou-se a tempo. Lúcifer estava no auge do poder e das habilidades de batalha, dificilmente seria derrotado em combate direto. Era hora de aguardar, concluiu Belial. Conformando-se, assim respondeu:

— A verdade, General... é que brumas tempestuosas pairam acima de nossos elmos e trovões de dúvida explodem em nossos ouvidos. Ao contrário da guerra contra o Caos, onde cada um sabia exatamente a razão de estar ali, lutando, matando, sangrando e morrendo se preciso fosse, dessa feita não há uma convicção unânime acerca da... sensatez... em se travar a batalha que tu nos propõe. E, acima de qualquer outra coisa, os soldados estão deveras preocupados com as reais chances que temos de lograr êxito nessa investida – antes de terminar a frase, Belial já estava alerta, pronto para se defender caso o superior não *reagisse muito bem* à sinceridade da resposta.

— Estão com medo das tropas de Miguel, Comandante? – Lúcifer questionou com escárnio, encarando-o.

— Miguel e suas tropas não, meu Senhor. Pois com esses sabemos que a luta será de igual para igual. Estamos deveras receosos quanto a atacar o ALTÍSSIMO! – a última palavra saiu da boca de Belial num tom mais alto e mais imbuído de raiva que o esperado.

Foi a vez de Lúcifer dirigir a mão à arma. Tamborilou os dedos na empunhadura e então puxou a *Aniquiladora do Caos*, apenas o suficiente para que um pedaço da lâmina ficasse à mostra fora da bainha, sussurrando uma ameaça velada que fez Belial instintivamente recuar um passo e encolher as asas.

— Então eles duvidam que posso derrotar o Altíssimo? Então querem saber o porquê de marcharmos em direção aos Portões de Safira nessa manhã... – Lúcifer balbuciou consigo, girando a cabeça lentamente de um lado para outro, contemplando uma vez mais toda a

extensão de suas fileiras. Em seguida, falou, tão repentino, estrondoso e aterrador quanto uma estrela que colapsa em si mesma, transformando-se em buraco-negro: – ESCUTEM, SOLDADOS! Muitos de vós combatestes a meu lado, na árdua peleja que travamos contra as forças caóticas, que faziam cerco a nossos portões desde tempos imemoriais. Eu quero que se lembrem, meus amigos – balançou a cabeça, concordando com as próprias palavras –, quero que se lembrem *quem* escalou a, até então intransponível, *Montanha da Entropia*, esquivando-se de vagalhão de energia após vagalhão de energia, quem derrubou gigante de mármore atrás de gigante de mármore e usou seus corpos colossais como escada, abrindo caminho por hordas de guerreiros etéreos até chegar ao topo, ao lugar mais mortal que existiu ou haverá de existir, onde um mínimo deslize poderia destruir qualquer alma para sempre; onde o vento soprava tão forte que mesmo as constelações mais pesadas deslocavam-se no espaço e o chão tremia tanto que os planetas e suas luas partiam-se em milhões de fragmentos e juntavam-se à poeira cósmica. Quero que se lembrem, meus caros, quem subiu lá e cravou a espada na massa amorfa de Caos em seu estado mais bruto e selvagem, quem sentiu reverberar no punho todo ódio, toda angústia, todo desejo por desordem e destruição que tal criatura indizível guardava dentro de si. Pergunto a vós, meus soldados: quem foi o autor de feito tão magnífico? Por acaso foi Miguel? – As hostes estavam mesmerizadas com o discurso do General e só despertaram quando ele reforçou a pergunta, com um grito rouco que abalou metade do Paraíso: – POR ACASO FOI MIGUEL?

— Não, senhor! – a resposta veio num coral descompassado, mais assustado que convicto.

— Eu vos pergunto, companheiros de armas: quem liderou as tropas celestiais rumo à vitória improvável e concedeu a vós a oportunidade de ver a luz da vida por mais um dia... Por acaso foi Gabriel? Por acaso foi Rafael?

— Não, SENHOR! – A dúvida começava a converter-se em confiança e ganhar volume no coração e na voz dos anjos.

— Por acaso foi YAHWEH, o ALTÍSSIMO?

— NÃO! – a confiança começava a virar frenesi.

— Então... QUEM FOI?

Seguiu-se um alvoroço de vozes que trespassavam e aglomeravam-se umas às outras. “Lúcifer, Estrela da Manhã!”, bradavam. “Seguiremos a ti até a morte!”, “Foi tu, meu General!”, “O Portador da Luz!” – disseram essas, e muitas outras coisas. A balbúrdia exalou o cheiro amalgamado de loucura, selvageria e coragem que permeia um exército confiante na vitória antes da batalha. E Lúcifer gostou do que viu. Aguardou que os ânimos se aquietassem, saboreando o resultado de seu poder de persuasão e também a inveja que irradiava velada nos olhos escuros de Belial. Pediu silêncio, com as palmas das mãos viradas para baixo subindo e descendo lentamente no ar. Em um instante, apenas o vento se fazia escutar, deslizando entre o capim e as pedras. Então, assim continuou a dizer o *Portador da Luz*, aos anjos que o contemplavam admirados:

— Por que atacar o Altíssimo, vós perguntais. Por que participar de um levante contra nosso Criador, contra nosso próprio Pai? É uma questão pertinente, não hei de negar. Acreditem, trata-se de uma ação extrema, que pode afigurar-se à primeira vista como a mais profana de todas as insanidades, mas vos garanto: esta é uma batalha de causa tão justa quanto necessária. O motivo é tão simples quanto estarrecedor: Yahweh *enlouqueceu*. Sim, meus irmãos... é uma notícia que traz grande consternação à alma, uma constatação dolorosa, porém, não obstante, verdadeira. O Pai amado, para quem compusemos e cantamos as mais belas canções, por quem lutamos incontáveis batalhas e derramamos veios de sangue e lágrimas que formariam mares, a quem sempre olhamos como a personificação da santidade e

da perfeição... está prestes a nos *trair* – Lúcifer sussurrou essa palavra, como se soprasse o mais terrível dos segredos ao ouvido de cada soldado –, está a um passo de cuspir em tudo o que já fizemos por Ele, vilipendiando nosso amor irrestrito, nossa dedicação incondicional, nossa prontidão incessante para protegê-Lo e adorá-Lo.

Lúcifer fez uma breve pausa e notou com satisfação que os olhares dos soldados, que há pouco se desviavam inseguros, agora brilhavam estupefatos, como se diante de seus narizes se descortinasse um mundo novo, ávidos por mais detalhes daquela afirmação completamente desconcertante que fazia o General. No tempo exato entre aguçar a curiosidade e dispersar a atenção, ele continuou, com a entonação tão pesarosa que até mesmo as montanhas, a relva e as árvores se comoveram:

— O Altíssimo deixou de nos amar, há muito, muito tempo. Agora percebo que a guerra contra o Caos parece não ter sido mais que um embuste, onde Ele nos usou como marionetes para conseguir o que precisava e não teve a honradez, tampouco a coragem, de ir buscar sozinho. Ele nos disse que conter as forças entrópicas era imprescindível para que a criação pudesse ter continuidade. Todavia, deu ordens sigilosas a mim e a Miguel, para que não destruíssemos por completo a besta caótica, mas a contivéssemos e trouxéssemos ao menos um naco de sua essência no regresso ao Paraíso. Essa foi a primeira vez que desconfiei das intenções d’Ele, mas, como bom filho e bom soldado que sou, cumpri o que me foi ordenado. Porém, muito me intrigou o destino que seria dado ao invólucro que a Ele entreguei pessoalmente. Passei então a investigar, e planos nefastos não tardaram a se revelar diante dos meus olhos zelosos, que o vigiavam à socapa. Eu descobri a verdade, meus amigos... e ela não poderia ser mais terrível.

O silêncio cobria a planície como névoa fria a imiscuir-se às almas dos anjos ali enfileirados. As armaduras, tão polidas que de longe podiam ser confundidas com espelhos

perfeitamente alinhados, refletiam o céu, agora coberto por gordas nuvens carregadas de altivez, decisões difíceis e caminhos sem volta. Já não estavam amedrontados, admirados ou curiosos. Estavam petrificados, numa perplexidade que só aumentou quando Lúcifer prosseguiu com suas *revelações*:

— Nosso outrora amado Pai, na quietude solitária de seus salões de ouro e mármore, em segredo planeja criar uma esfera de realidade similar à nossa, mas feita com energia em vibração mais acentuada, de modo que com ela não possamos interagir diretamente. Essa esfera, meus amigos, *Ele* intenciona popular com uma vastidão de animais e plantas, e, a um tipo de animal em particular, pretende dar centelha divina igual a que flui em nossas veias. Porém, nessas mesmas criaturas, *Ele* também imbuirá uma gota do Caos, que EU trouxe da *Montanha da Entropia* e Lhe entreguei. Vidas de incontáveis soldados foram perdidas naquele dia e vejam só a troca de quê... traição! Sim, traição! Pois nos devaneios de Yahweh, esses seres substituir-nos-ão em Sua preferência. A eles será dado o poder do louvor, toda graça e todo amor do Altíssimo, enquanto nós seremos relegados à condição de serviçais, obrigados a agir como pajens, zelando por tão débeis criaturas. Pois eu, Lúcifer, Primeiro entre os Anjos, General de quarenta e nove hostes celestiais, vos digo: ISSO NÃO HÁ DE ACONTECER! – Os soldados vibraram com entusiasmo, gritando e erguendo suas lanças e espadas em resposta. – O universo pertence a nós e isso não deve mudar. ISSO NÃO VAI MUDAR!!! Mas, para que não mude, preciso que vós marcheis comigo uma vez mais, meus irmãos. Preciso que me deem cobertura enquanto enfrento Miguel e sua guarda pessoal, que protegem o acesso ao trono do Altíssimo. Haverá luta. Sangue será derramado. Mas depois haverá paz e, aos que permanecerem fiéis a mim, serão concedidos os devidos galardões.

— Não que duvidemos de tua capacidade, General – Belial voltara a se manifestar após longo período sem esboçar qualquer reação, com uma amargura viscosa escorrendo na voz –, mas ficaríamos deveras motivados se pudesse nos dizer de que forma pretendes lutar

contra o Altíssimo. Pois contra Miguel e sua guarda pessoal, temos certeza de que sairás vitorioso sem muita dificuldade, porém, contra o onipotente... ousou dizer, sob pena de soar extremamente pessimista, que nem mesmo se todos os anjos, arcanjos, serafins e querubins se reunissem, mesmo que nosso contingente se aliasse às forças de Miguel e também às de Rafael e Gabriel, e mesmo que todos juntos atacássemos em perfeita sincronia, ainda assim, desconfio, não teríamos o menor vestígio de chance.

As brumas da dúvida voltaram a pairar sobre as tropas e os soldados entreolharam-se, desconfortáveis com a realidade que de súbito pesava-lhes novamente sobre os ombros. Lúcifer cerrou os olhos e encarou o Comandante. Belial tinha certeza que dessa vez não escaparia do confronto e, ato contínuo, preparou-se para empunhar o machado, mas, ao tocar na empunhadura, viu o General gargalhar e explicar às tropas, como se já contasse com o questionamento:

— Os senhores têm um comandante cauteloso, soldados! Durante a batalha, de pouco vale a cautela, pois quando metal encontra metal e pedaços de armaduras e corpos começam a voar, tingindo o mundo de vermelho, o que nos mantém vivos é a coragem e a ousadia que beira a imprudência, mas, antes disso, a cautela é bem-vinda. Fosse eu no lugar de Belial, teria feito exatamente a mesma pergunta, caso um *superior* apresentasse tão ambicioso estratagema como este que acabei de apresentar – Lúcifer voltou a olhar o Comandante com o costumeiro desprezo. – A dúvida procede: como derrotar o Todo-Poderoso? Alguém poderia sequer sonhar com isso? Em verdade vos digo que eu seria o primeiro a afirmar que tal empreitada seria completamente impossível, SE... ao trazer a essência caótica aprisionada, eu, como general prudente que sou, não tivesse pego meu quinhão.

Então, do embornal preso ao cinturão prateado da armadura, Lúcifer tirou uma esfera que parecia conter em seu interior todo um universo de incontáveis estrelas, nebulosas,

galáxias, quasares e feixes de energia pura, que brilhavam e diluíam-se numa miríade de cores e formas. Ao simples vislumbre daquele artefato de beleza e poder inimagináveis, os olhos dos soldados brilharam, enquanto em seus corações germinava a semente da cobiça. Sem disfarçar a satisfação, o Primeiro entre os Anjos continuou o discurso:

— Com essa pequena, mas, não obstante, mais que suficiente amostra da única coisa que Yahweh já temeu desde o início dos tempos, eu criarei a arma derradeira. A arma que destruirá o Altíssimo e livrará os anjos do destino humilhante que lhes está reservado nos planos do Criador. Se alguém aqui possui o mórbido desejo de servir criaturas inferiores, que se manifeste agora, que vá embora e não volte nunca mais, pois não quero covardes em minhas fileiras. Porém, àqueles que não estão dispostos a se submeter aos desmandos e caprichos de um tirano enlouquecido; aos que querem estar do lado vencedor quando chegar a próxima Lua – Lúcifer fez uma pausa, com o braço erguido movendo-se de um lado para o outro, exibindo a esfera do Caos aos guerreiros –, eu convido: marchem comigo. Asseguro-lhes que serei generoso ao compartilhar os louros da doce vitória que nos aguarda, tão certa quanto o nascer de um novo dia. Assim, pela última vez eu pergunto: quem quer viver para saborear os deleites que meu reinado haverá de oferecer? Quem deseja esmagar as resistências que a nós se impuserem e banhar a armadura com o sangue impuro dos inimigos derrotados? Quem quer VENCER essa que será a última das guerras? Quem está comigo? QUEM ESTÁ COM O NOVO DEUS?

Os anjos abraçaram-se, bateram espadas em escudos e, a urros entorpecidos de selvageria, juraram lealdade eterna a Lúcifer. Agora, despídos de qualquer dúvida quanto às chances de êxito, estavam ávidos pela batalha, ensandecidos pelo frenesi sanguinário que acomete um exército confiante. Porque, aos soldados, interessa mais a certeza, mesmo que ilusória, de lutar no lado que permanecerá de pé ao final da contenda do que a certeza de lutar

no lado *certo*. Deleitando-se com a balbúrdia gerada pelo discurso, o Portador da Luz devolveu a esfera ao embornal e, com semblante vitorioso, assim falou a Belial:

— Parece-me que as tropas estão *deveras* motivadas agora, Comandante – saboreou a ira que queimava nos olhos do enorme anjo de asas negras e então completou, dessa vez com voz e expressão mais frias que a lâmina da *Aniquiladora do Caos*: – Não vou tolerar desculpas para qualquer tipo de fracasso, Belial. E serei ainda menos compreensivo com qualquer um que ousar me trair. Espero que isso esteja claro o suficiente...

— Está claro o suficiente, Senhor – aquiesceu Belial, sem esboçar sentimentos.

— Muito bom, *soldado*. Muito bom. Agora, siga-me! – Lúcifer ordenou, já virando as costas e voando em direção aos Portões de Safira.

CAPÍTULO II – A QUEDA

Assim, as tropas de Lúcifer marcharam pelo Paraíso. Cruzaram o *Desfiladeiro da Fé*, onde todos os louvores passados e vindouros ecoam feito som de harpas e pífaros, reverberando eternamente nas rochas douradas que ladeiam a passagem. Atravessaram a *Planície das Sete Virtudes*, quase tão extensa quanto a bondade de Deus. Fizeram ouvir suas botas, tilintando como uma tempestade de gotas metálicas desabando, ao pisar o chão ladrilhado de pedras preciosas que margeia toda a entrada do reino. Adentraram os jardins e contemplaram uma vez mais a beleza do lago. Então, finalmente chegaram aos portões que davam acesso aos recônditos do Altíssimo. Uriel, o querubim que guardava a entrada, cumprimentou o General que se aproximava, com a honra que lhe era devida:

— Lúcifer, Primeiro entre os Anjos, aquele que brilha e é belo como a Estrela da Manhã, Portador da Luz, General de quarenta e nove hostes celestiais, Campeão de Deus, herói de incontáveis batalhas, orgulho para os antigos, inspiração para os novos... a que vens, amigo? E por que trazes tamanho contingente atrás de ti?

— Uriel – Lúcifer olhou para o alto, como se buscasse algo na memória –, *Guardião dos Portões de Safira...* – completou depois de um tempo. – Trago notícias que anseiam chegar aos ouvidos do General Miguel, com a maior brevidade possível – disse, caminhando despreocupadamente na direção do querubim ainda aturdido com a chegada daquele batalhão.

— Qual... qual é a natureza de tais notícias, Portador da Luz? – Uriel questionou, com uma incômoda sensação avolumando-se na garganta à medida que Lúcifer se aproximava.

— É o tipo de natureza que cabe aos ouvidos dos generais, não dos... guardiões dos portões, meu bom Uriel. Agora, queira me dar passagem, por gentileza – Lúcifer falou, de um jeito que deixava claro que não era exatamente um pedido.

— O arcanjo Miguel, meu General, deixou ordens claras para que ninguém passasse sem prévia autorização, Lúcifer, *Estrela da Manhã*... – disse o querubim, com a voz pouco mais hesitante do que gostaria de deixar transparecer.

— Aqui entre nós, o Miguel anda com a memória meio fraca depois da última batalha! – Lúcifer gargalhou alto, uma gargalhada medonha, estridente feito vidro que se estilhaça ao encontrar o chão. – A guerra é uma coisa terrível, ah, terrível! Sorte tua ter sido criado depois, meu amigo. Aquela confusão, os gritos, todo aquele sangue escorrendo nas pedras enquanto nossas asas quase derretiam no calor – o semblante de Lúcifer se contorceu em dor, como se todas as cenas passassem diante de seus olhos naquele exato momento. – Bom, acho que isso mexeu um pouco com a cabeça dele, sabe? Faz tempo. Sim, bastante tempo. Mas quem pode culpá-lo? Quem pode culpá-lo, Uriel? Certamente ele esqueceu de lhe dizer que há exceções óbvias para essa regra de “ninguém passar” – disse, pousando amigavelmente a mão direita no ombro de Uriel. – Agora, meu caro, se você pretende continuar vivendo... em tempos de paz... por favor, abra esse portão.

— Recebi ordens para que NINGUÉM passasse, *Estrela da Manhã*... – Uriel afirmou num único fôlego, retomando a coragem e fitando Lúcifer com determinação, enquanto buscava a espada guardada à bainha.

Porém, antes que qualquer arma tivesse oportunidade de ser sacada, uma voz se fez ouvir no lado interno dos portões. Uma voz com o poder dos trovões que preludiam grandes tempestades e, ao mesmo tempo, serena como o cadenciado escorrer de águas numa nascente de riacho. A voz do arcanjo mais temente a Deus. A voz de Miguel.

— És um bom soldado, Uriel. Tens a minha confiança, pois cumpriste bem as ordens que lhe foram atribuídas. Todavia, o General Lúcifer está correto quando discorre acerca das exceções às regras. Lamentavelmente, esqueci-me de instruí-lo sobre isso, fato que me leva a pedir sinceras desculpas. O Portador da Luz possui livre acesso a qualquer lugar do Reino Sagrado. Compreendeste, Uriel?

— Perfeitamente, meu Senhor – o querubim assentiu, abaixando a cabeça.

— Ótimo! – Miguel abriu os Portões de Safira pelo lado de dentro. – Agora, General Lúcifer, *Estrela da Manhã* – fez um reverência e estendeu o braço em convite –, por favor entre, para que possas me dizer quais são as notícias assaz urgentes que trouxeste.

— Vamos subindo, Miguel. Eu te conto no caminho...

Lúcifer lançou um último olhar a Belial, que meneou a cabeça em afirmação. O Comandante ficaria ali fora, com a missão de conter as tropas lideradas por Gabriel e Rafael, que certamente viriam em socorro do Altíssimo quando o plano de usurpar o trono fosse descoberto. Em seguida, cruzou a entrada que dava acesso à *Escada da Purificação*. Quarenta e nove lances de trezentos e quarenta e três degraus dourados, adornados com faixas de prata e diamante. Sete côvados é a medida de cada degrau. Ao final da longa subida está o *Pátio da Alvorada*, onde jorra a *Fonte da Vida*, protegida pela guarda pessoal de Miguel: doze serafins com rosto de cobre, vestindo túnicas brilhantes e empunhando lanças imbuídas do fogo da justiça divina, que queima mais intenso do que todas as estrelas do universo. Depois do pátio, o infinito *Caminho da Perfeição* e então finalmente o Palácio Sagrado, onde Deus habitava, habita e sempre habitará. Onde Deus é. A intenção de Lúcifer era chegar até lá. Para tanto, precisaria passar pelos doze serafins e, antes disso, pelo arcanjo Miguel, que subia a seu lado na escadaria.

— As forças do Caos reagrupam-se? Por certo se trata de algo demasiado grave, que deve chegar ao conhecimento do Altíssimo o quanto antes – Miguel refletiu sobre as palavras que Lúcifer acabara de lhe dizer. – Tens certeza do que estás afirmando, *Estrela da Manhã*? – questionou, batendo as asas vez ou outra para avançar com mais velocidade pelos degraus que ainda estendiam-se até perder de vista.

— Não faz ideia do quanto eu gostaria de estar errado, Miguel. Meu coração fica apertado com o mero vislumbre da possibilidade de passarmos por tudo aquilo de novo. Tanta dor, tantos amigos caindo em agonia. Mas eu vi o que vi, e as evidências são inequívocas – Lúcifer mentiu, com a mesma naturalidade que respirava.

— Apressemos-nos, pois!

— Sim, Miguel, apressemos-nos. Apressemos-nos...

Lúcifer cerrou os olhos com satisfação, enquanto Miguel tomava a frente na subida dos degraus. Estavam então à metade do caminho: longe o suficiente dos ouvidos de Uriel, que permanecera junto aos portões, e igualmente distantes dos doze serafins aguardando lá no alto. O Portador da Luz bateu as asas, projetando-se alguns metros para o alto. Encheu o peito com o ar celeste, contemplou o Sol que refletia o esplendor divino acima das nuvens e despediu-se, não sem certo saudosismo, do mundo como conhecia. Era aquele o passo decisivo, depois do qual não haveria mais volta. Sacou a espada e, numa rápida investida desprovida de qualquer remorso ou hesitação, atacou Miguel pelas costas.

A lâmina da *Aniquiladora do Caos* zuniu durante a curta trajetória. O golpe teria rompido a armadura sagrada e partido Miguel ao meio se, no instante derradeiro, como se já soubesse das intenções de Lúcifer, o arcanjo não tivesse se virado e saltado, jogando-se para trás. A esquivada, porém, não foi perfeita. O ataque cortou metade de sua face e continuou até

lhe rasgar o peito. O impacto lançou-o em grande velocidade contra os degraus, onde se estatelou já coberto pelo sangue que jorrava dos ferimentos.

— Que insanidade é essa, Estrela da Manhã? – Miguel questionou, contorcendo-se de dor e levando a mão ao rosto, na vã esperança de conter o sangramento e recuperar a visão do olho direito.

— Insanidade, Miguel? Eu não chamaria assim – Lúcifer pousou ao lado do arcanjo, pisou em seu peito e refestelou-se com a agonia do inimigo caído. – Para falar a verdade, acho que insanidade é continuar ao lado d’Ele – apontou na direção do Templo Divino –, conhecendo o destino que é reservado a nós. Sabes do que estou falando, não sabes, Miguel? Também viste, eu sei. Viu os animais que Ele planeja criar em outras esferas. Como podes aceitar perder o posto para aquelas criaturas débeis? Como podes aceitar tamanho disparate?

— Ele é o Senhor e os caminhos que Ele traça são perfeitos – Miguel afirmou, tentando se desvencilhar da bota de Lúcifer que lhe travava a respiração. – Quem és tu para julgar as decisões do Criador, Estrela da Manhã?

— Ah, Miguel... sempre foste um belo de um bajulador! – Agora Lúcifer agarrava o pescoço do arcanjo, pressionando-o com força suficiente para esmagar uma pedra de diamante. Chegou bem perto, observou o rosto dilacerado de Miguel, que se debatia inutilmente raspando pés e mãos no chão dourado, e então continuou: – Quem sou eu, tu me perguntas? Eu sou o anjo mais belo e mais poderoso, *meu amigo*. Sou aquele que tomará o lugar de um Deus obsoleto. Aquele que governará o universo através dos séculos e séculos; aquele a quem todas as canções, adorações e louvores serão destinados.

— Tu és louco, S-Samael... – Miguel gaguejou, com os últimos resquícios de força.

— Samael? – Lúcifer recuou, demonstrando curiosidade e um estranho desconforto com o nome inesperado pelo qual foi chamado.

— *Veneno de Deus!* – Miguel respondeu, recobrando o fôlego, com as mãos protegendo instintivamente a garganta. – De hoje em diante, não mais serás conhecido como Lúcifer, Estrela da Manhã, mas como Samael, *o Veneno, a Serpente*.

— De hoje em diante eu serei conhecido como DEUS! – Lúcifer esbravejou, sem esconder a irritação que tal alcunha lhe causara. – Quanto a ti, Miguel, serás meu capacho, meu laçao. Beijarás meus pés no final dessa história, por isso vou deixá-lo vivo.

— Hei de cravar minha lança em tuas costas no final dessa história, Samael...

— Veremos...

Lúcifer apoiou o joelho sobre o peito de Miguel e começou a golpeá-lo com grande fúria. Um soco, depois outro e mais outro. Incontáveis. Bateu até o rosto do arcanjo se tornar uma pasta ensanguentada. E continuou batendo depois disso. Então, quando já não aguentava mais esmurrar aquele corpo inerte, levantou-se e seguiu com a escalada. Não poderia gastar toda energia ali, afinal, havia ainda doze serafins que precisariam ser derrotados lá no alto. Doze. Esse era o número de inimigos que Lúcifer esperava encontrar.

Contudo, quando pôs os pés no último degrau, teve uma surpresa.

Ali não estava a guarda pessoal de Miguel. Não havia vestígios de nenhum serafim, querubim, anjo ou arcanjo. Não havia nada além do pátio redondo, cujas bordas perdiam-se de vista, sufocadas ao longe por uma névoa branca, e onde os passos metálicos de Lúcifer ecoavam no silêncio. No centro do pátio, jorrando a água que brilha mais do que as supernovas, estava a *Fonte da Vida*, completamente desprotegida. O Portador da Luz observou atentamente à volta, desconfiado, não podia ser diferente. Imaginou qual tipo de

embuste Miguel poderia ter preparado, mas concluiu que, fosse o que fosse, de nada adiantaria ficar parado, aguardando a iniciativa de um inimigo que o espreitava nas brumas. Avançou então a passos largos em direção à fonte e, quando lá chegou, logo pôs um dedo n'água, fazendo movimentos circulares que geraram diminutas ondas. Dali ele puxou um filete cristalino, que começou a assumir a forma de um anjo. Lúcifer sorriu, satisfeito com o que havia acabado de fazer. Tinha certeza que possuía o poder de criação e sempre quisera colocar em prática. O sorriso, porém, esfriou quando se deu conta que o rosto e também as asas de sua primeira obra estavam um tanto disformes. “Hum... é só questão de prática”, disse a si próprio enquanto enfiava novamente o dedo na fonte e puxava outro turbilhão de água. Antes que esse turbilhão ganhasse forma completa, já estava com os dedos imersos novamente, puxando agora cinco veios d'água de uma só vez, completamente inebriado com a confirmação da habilidade – a última coisa que faltava em seu âmago para ter certeza que, sim, era capaz de fazer tudo o que Deus fazia.

Tirou dali dez anjos, depois quinze, trinta, cem, duzentos. Tirou até ficar cercado pelas estátuas d'água e continuou tirando até não haver mais espaço onde as pudesse colocar. Então, percebeu que estava exausto, que todo aquele trabalho havia consumido muito de sua energia. Secando o suor que lhe escorria pela face, sentou à beira da fonte e, orgulhoso, observou suas criações, que aguardavam o sopro da consciência. Antes disso, contudo, o Primeiro entre os Anjos tirou do embornal a esfera que continha a essência do Caos e a atirou na fonte. Ela afundou apressada, como se fosse uma pedra qualquer, mas, antes de encontrar o fundo, revelou sua verdadeira natureza – o Caos libertou-se do cárcere, fazendo todo o Pátio da Alvorada tremer e a água da Fonte da Vida borbulhar, aquecida a uma temperatura impossível. Passados alguns instantes terríveis, em que o Paraíso escureceu e perdeu as cores e o medo chegou a visitar o coração do próprio Lúcifer, os tremores cessaram e o silêncio

voltou a imperar. Era o minuto de calma banhado à garoa fina que precede a mais densa tempestade.

No momento seguinte, tudo desabou em generalizada balbúrdia.

Da fonte, emitindo urro medonho como jamais se ouvira, exalando pestilência que revirava o estômago e fazia o simples fato de estar vivo parecer um fardo, saltou a única criatura capaz de destruir o Altíssimo, a arma secreta de Lúcifer – a *Besta do Caos*, a materialização do medo, ódio, rancor, inveja e maldade. Em seus dentes reinava o terror. Se uma espada o tocasse, ela não resistiria; nem a lança, nem a azagaia, nem o dardo. O ferro para ele era palha e o bronze, pau podre. Cada um dos seus espirros fazia resplandecer a luz e seus olhos eram como pálpebras da alva. De sua língua saíam tochas e das narinas, fumaça, como de uma grande caldeira. Seu hálito faria incender os carvões; e da sua boca jorrava fogo escarlate. Ninguém seria ousado o bastante para provocá-lo, nem resistiria encará-lo face a face. Ninguém, debaixo de toda a extensão do Céu, poderia afrontá-lo e sair com vida.

A essa criatura demoníaca os anjos deram o nome de “Leviatã”.

Antes que o monstro pudesse se levantar, Lúcifer impôs as mãos sobre sua cabeça de dragão, e ordenou-lhe diretamente nos ouvidos: “tu és minha criação e servirás a mim até o final de todas as coisas; não ouvirás outra voz que não a minha e não terás outro mestre que não eu. Está feito!”. Em resposta, o Leviatã apenas emitiu um grunhido bestial e terminou de erguer-se do chão. Nesse momento, o Primeiro entre os Anjos sentiu salivar na boca o gosto da vitória certa. Olhou para a morada do Altíssimo, que agora parecia ansiar por ser conquistada e falou com voz triunfante, como se Deus, Miguel e os outros inimigos estivessem ali a seu lado e pudessem ouvi-lo: “*contemplai minhas criações, ó poderosos... e desesperai-vos!*”.

Porém, logo a certeza da vitória esfarelou-se ao vento. Das névoas que margeavam o Pátio, irrompeu uma criatura dourada, com a cabeça e o corpo de um rinoceronte colossal, dois chifres como os dos touros e seis patas iguais às dos leões. Cada um de seus passos fazia cair uma constelação do firmamento e a velocidade com que avançava era imensurável. A essa criatura os anjos chamavam “Behemoth”.

Num átimo, Leviatã serpenteou ao encontro de Behemoth, tomado pela certeza bestial que só possui aquele que encontra o grande amor, ou o grande inimigo. As criaturas enredaram-se com fúria jamais antes vista no Paraíso e que jamais voltaria a ser vista em qualquer outro lugar, até que esse mesmo combate voltasse a acontecer no fim dos tempos. Lutaram numa profusão de urros e mordidas e labaredas de fogo e patadas e chifradas que fazia voar escamas e enchia de sulcos viscosos as couraças. As criaturas mostravam ter nascido para lutar uma contra a outra, do primeiro ao último dos dias. Lúcifer se preocupou, não com aquela batalha de titãs, mas com o que começava a ganhar contornos saindo da névoa ao redor de todo o pátio. Ali se encontrava um contingente tão vasto que teria dificuldade de suplantar mesmo com todo seu exército. Hesitou por alguns instantes, completamente desnortado. Estava claro que seu plano de atacar furtivamente havia caído por terra e concluiu que agora a única chance seria descer, matar Uriel e abrir os portões, para que suas tropas pudessem ajudá-lo na batalha de larga escala que a todo custo tentara evitar.

Nesse instante, porém, trombetas de guerra soaram ao longe, e os planos de Lúcifer terminaram de desmoronar.

Olhou para baixo, para o imenso campo onde seus soldados estavam agrupados sob o comando de Belial. Daquela distância, assemelhavam-se a pequeninos grãos de areia prateada, refletindo os últimos vestígios de inocência de suas almas. Lúcifer viu que pelo flanco esquerdo aproximavam-se as forças de Gabriel e, pelo direito, as de Rafael. Eles já

sabiam do ataque. De alguma forma, já sabiam. “Mas como poderiam saber?”, perguntou-se. Decerto alguém o traía. Sim, uma traição, com certeza. Mas quem seria o traidor? Belial? Azazel? Baal, talvez? Não importava mais.

Como última cartada, soprou as estátuas d’água criadas havia pouco, trazendo-as à vida. Essa ação deixou-o ainda mais fraco, mas esses soldados novos em folha poderiam conter os serafins que se aproximavam e, enquanto isso, ele seguiria até o Templo Sagrado e acabaria com o Altíssimo. Sozinho. Sim, estava certo que seria capaz disso, mesmo cansado como estava. Não precisava de Leviatã, de Belial, de exército, nem de nada e nem de ninguém. Afinal, era o anjo mais poderoso, o primeiro e mais perfeito de todos. Sim, tiraria Deus de lá à força, com as próprias mãos se fosse preciso. Sim, com as mãos nuas, sem espada, para humilhá-lo! Sim! Era possível. A ele tudo era possível. Sim! Sim!

— Tudo bem então – Lúcifer sacou a *Aniquiladora do Caos* e falou, virando-se para os incontáveis Serafins que se posicionavam entre ele e o caminho para o Templo –, quem quer morrer primeiro?

Investiu contra a primeira linha de anjos – eles formavam uma parede de escudos, resguardada por lanças empunhadas pelos aliados postados na fileira logo atrás. Todas as estratégias, táticas e formações de batalha ensaiadas exaustivamente pelos serafins revelaram-se inúteis quando Lúcifer, mesmo enfraquecido, desferiu um chute contra o primeiro escudo que encontrou no caminho. O impacto, além de partir metal e ossos, fez o desafortunado serafim ser projetado dezenas de metros para trás, abrindo um túnel no meio do exército. Foi nesse túnel que Lúcifer entrou, instigando os soldados recém-criados a segui-lo, esquivando-se das pontas de lanças e das lâminas de machados e espadas que vinham em sua direção. Com a *Aniquiladora do Caos* ele começou a golpear e os serafins de rosto de cobre e túnicas cintilantes começaram a tombar. Logo o chão ficou escorregadio e não se via mais prata na

armadura de Lúcifer, tampouco a pele alva do mais belo entre os anjos, pois agora ele estava completamente banhado em vermelho. Caíram doze. Depois mais doze. Caíram doze vezes doze. E ele continuava a golpear e a avançar em direção ao Templo Sagrado. Teria prosseguido, até chegar ao objetivo ou até que o sangue dos serafins cobrisse o pátio e chegasse à altura dos joelhos se preciso fosse. “Sim! Posso acabar com todos eles!”, concluía, com mais e mais certeza a cada inimigo que tombava. Mas então, uma lança atravessou-lhe as costas, lançando-o ao chão junto com seus delírios de grandeza.

— Cometeste uma grande tolice ao me deixar vivo, Samael...

— Mi... M-Miguel... a-atacando pelas... costas? Para onde f-foi tua honra, nobre guerreiro? – Lúcifer gaguejou cuspidando sangue, depois usou as últimas forças para gargalhar, debochado. – Voltou pra a-apanhar... mais? Já não está f-feio o suficiente?

— Amarrem-no – o arcanjo ordenou aos soldados próximos.

Os serafins prenderam Estrela da Manhã, não sem antes espancá-lo com uma cólera que desconheciam possuir. Com Miguel no campo de batalha, os anjos disformes criados por Lúcifer não tardaram a ser derrotados. Leviatã e Behemoth pareciam ter aniquilado um ao outro e dos dois não se via mais sinal, como se nunca tivessem sequer existido. Depois desses eventos, os serafins levaram Lúcifer à presença de Miguel, que aguardava às margens da Fonte. A água da vida restaurara a maior parte de seus ferimentos, mas a cicatriz provocada pelo corte da *Aniquiladora do Caos* permaneceria para sempre. O arcanjo desceu com os prisioneiros até a planície. Ali, as hostes de Lúcifer mediam forças, com igual contingente e motivação, com as tropas de Rafael e Gabriel. Assim, a vastidão de serafins guerreiros que seguia Miguel pelas escadarias douradas mudou drasticamente os rumos da guerra.

Vendo-se em desvantagem numérica de dois para um e, principalmente, ao notar que seu general havia sido capturado e agora era arrastado degraus abaixo, indefeso e mole feito

um boneco de palha, as hostes de Lúcifer sofreram um abalo irreversível no moral. Sob as ordens gritadas pelos comandantes, até tentaram formar uma parede de escudos e segurar as forças de Miguel (até então confinadas no corredor estreito das escadarias), mas não conseguiram manter por muito tempo a concentração, tampouco o ânimo, de combater em três focos simultâneos. Não tardou para que os serafins abrissem caminho pelo âmago do exército de Lúcifer, com a ferocidade da água que finalmente se desvencilha de uma represa. O resto foi um borrão de espadas, flechas, lanças, gritos e fugas desesperadas.

Quando todos estavam afugentados para além dos jardins, Miguel agarrou Lúcifer pelo pescoço, suspendendo-o do chão, e lhe falou:

— Agora vós sereis expulsos do Paraíso, Samael. Cairão em desgraça e não mais poderão se levantar, até a batalha derradeira que ocorrerá nos últimos dias.

— Estás cometendo uma grande tolice ao me deixar vivo, Miguel...

— Assim são as ordens do Altíssimo, então assim faço eu – o arcanjo respondeu sem hesitar e soltou o pescoço do prisioneiro.

— Então *Ele*... já sabia? – Lúcifer perguntou, sem muita surpresa, esforçando-se para permanecer em pé.

— É claro que sim! Ele é o que tudo pode e tudo sabe. Das cousas que já aconteceram e ainda hão de acontecer. Tu bem sabes disto, Samael! E em verdade te digo que é isto que não consigo entender... – Miguel apertou o semblante, decepcionado. – Em algum momento, tu realmente achaste que esse levante poderia dar certo? Diga-me, antes que eu expulse-o daqui junto com teu exército e nunca mais veja nenhum de vós. Diga-me, *Lúcifer*, em nome dos velhos tempos, quando com sinceridade tu me chamavas de *amigo*. Por favor, eu preciso

saber: onde estavas com a cabeça ao te empenhardes em semelhante empreitada? Por que fizeste tal loucura?

Lúcifer olhou para o alto, apreciando as nuvens que desvaneciam indiferentes, tingidas em tons alaranjados pelas luzes do crepúsculo que se aproximava. Contemplou a planície que se estendia até o horizonte infinito: o solo sagrado agora embebido de sangue, o verde perdido em uma profusão desoladora de asas, corpos e destroços de armas, armaduras e pureza. Atentou-se ao silêncio e à calma, que já retomavam o espaço que lhes fora usurpado pela batalha recente. Ouviu harpas ao longe – elas entoavam louvores de paz. Então, baixou os olhos e refletiu por alguns instantes. Depois deu de ombros e, com um raro sorriso sincero delineando-se no rosto, respondeu:

— Ah, Miguel, a verdade mesmo é que eu só estava um pouco... entediado.

O arcanjo atirou Lúcifer para junto do exército derrotado e declarou, alto o suficiente para que todos ouvissem, e com firmeza mais que suficiente para que ninguém questionasse, que aqueles anjos seriam expulsos do Paraíso e ali nunca mais voltariam a pisar. Disse também que, dali em diante, Estrela da Manhã seria conhecido como Samael, o Veneno de Deus, a Serpente Traíçoeira. Em seguida, com a lança que pelos serafins era chamada de “Ira do Criador”, golpeou o chão e todo o universo estremeceu. Rachaduras começaram a eclodir e se ramificar no solo das *Planícies das Sete Virtudes*, alargando-se cada vez mais até que a terça parte do céu desabou, levando consigo Lúcifer e seus anjos em direção ao abismo de trevas eternas.

A queda durou dez mil dias e dez mil noites.

E os gritos de ódio e agonia proferidos pelos anjos caídos haveriam de ecoar nos pesadelos da humanidade por todo o sempre.

CAPÍTULO III – REFLEXÕES

Milhares e milhares de anos depois...

Belial sentiu um vento frio soprar em meio ao fogo, ao enxofre e ao ranger de dentes. “Lúcifer está deveras pensativo nos últimos tempos: sinal de fraqueza, isso nunca é bom. E é ainda pior em épocas que precedem a guerra. Ou talvez seja bom... não para ele, evidente. Mas para mim. Talvez seja hora de liderar um golpe e usurpar-lhe o trono negro”, refletiu o líder militar de setenta e sete legiões infernais. Uma distração que o fez baixar a guarda, deixando o flanco esquerdo desprotegido por um instante, breve, porém suficiente, para ser atingido por uma estocada instintiva desferida pelo soldado que obtivera a *honra* de ser seu companheiro de luta naquele dia. Um filete de sangue, tão escuro e viscoso quanto a seiva da mais velha e maldita de todas as árvores, escorreu lentamente pelo abdômen do comandante. Em seus olhos, vazios como a alma de mil infanticidas, explodiram estrelas de ódio. Demônios que lutavam e mutilavam condenados nas proximidades pararam com seus *afazeres*, curiosos com a novidade de ver o superior sangrar e, sobretudo, desejosos por descobrir os castigos e torturas que seriam impostos ao (literalmente) pobre diabo que teve a infelicidade de acertá-lo. O soldado recuou um passo, com a espada que gotejava sangue profano tremendo nas mãos.

— P-perdão... perdão, meu Senhor. No calor da batalha, eu... eu golpeei por reflexo. Jamais imaginei q-que pudesse atingi-lo... – gaguejou, com a entonação débil e esganiçada de um vira-lata sarnento ganindo na chuva, sem saber ao certo se estava remediando ou agravando ainda mais a própria situação.

— Qual é o seu nome, soldado? – Belial perguntou, enquanto raspava com o dedo indicador a secreção que brotava do ferimento.

— R-Ran... Ranzael, Senhor – respondeu o demônio inferior, engolindo seco e apertando com força o fêmur quebrado que formava a empunhadura de sua arma.

— Ranzael. Você aproveitou um instante de distração do oponente e desferiu um golpe com exuberante precisão. Fosse outro seu adversário, um anjo sem patente, por exemplo, e agora teríamos tripas celestiais espalhadas por todo esse chão. Eles decerto iriam gostar da variação no cardápio – Belial girou a cabeça, apontando o queixo quadrado para um grupo de humanos que digladiavam entre si, comendo a carne e as vísceras uns dos outros.

Os demônios ao redor gargalharam. O soldado, em dúvida se estava recebendo um elogio ou se, mais provavelmente, apenas ouvia os primeiros acordes da trombeta que anunciava o início do pior dia de sua miserável existência, optou por um sorriso contido, deixando poucos de seus dentes, podres e quebradiços, à mostra.

— S-Sim, sim Senhor. Foi um golpe de *sorte*...

— Eu não acredito em sorte, Ranzael. Eu acredito em treinamento – Belial interrompeu, lambendo o sangue que se acumulava no dedo. – Você teve uma chance e a aproveitou. Isso é bom. Muito bom. Mas...

A pronúncia da palavra “mas” fez o corpo do soldado quase congelar no calor infernal. Recuou outro passo e apertou ainda mais o punho da espada, enquanto os “companheiros” o espiavam, esfregando as mãos entre cochichos malignos e molhando os lábios compulsivamente, ávidos pela provável demonstração de crueldade que estavam prestes a assistir. Belial estendeu a pausa, aproveitando cada segundo de agonia que o silêncio provocava em seu vassalo. Decorridos alguns segundos (para Ranzael afiguraram-se como horas), o grande demônio continuou:

— Mas você me fez sangrar, Ranzael. E isso não é bom. Eu só havia sangrado uma vez, até hoje. Foi em outro tempo, em outro lugar – completou o Comandante, fitando as colossais estalactites que se apinhavam na cobertura do abismo de dor e sofrimento eternos, com um semblante que, aos olhos de um observador mais atento, poderia transparecer certa melancolia. – Você sabe o que eu fiz com o último que conseguiu ver meu sangue escorrendo no fio da espada, Ranzael?

— Não, n-não, Senhor – balbuciou o soldado, recuando ainda mais e engolindo seco de novo, sem a menor curiosidade de conhecer a resposta.

— Eu lhe cortei as mãos e os pés, as orelhas e o nariz. Esqueci a batalha que acontecia a meu redor e fiquei ouvindo-o gemer e gemer – disse Belial. – Quando a dor começou a estancar, arranquei-lhe as asas. Não com a lâmina do machado. Não, isso seria muito rápido. Arranquei com as mãos. Deixei-o de joelhos, apoiei os espinhos da bota no meio de suas costas, segurei as duas e puxei... não de uma vez. Fui bem devagar, ouvindo cada estalo dos nervos se desprendendo do corpo, aos poucos, saboreando cada grito, rindo de cada prece, cuspiendo em cada pedido de misericórdia. Quando finalmente se soltaram, dois rombos abriram-se no dorso do miserável, o sangue angelical jorrou sem parar por todos os lados e o inimigo caiu prostrado no chão, chorando indefeso. Como foi bom. Ah, você não imagina como foi bom... Um dos humanos que hoje engrossam nossas fileiras, disse certa vez, quando ainda era um grande senhor no mundo dos homens: “A maior alegria que se pode ter é conquistar seus inimigos e persegui-los. Montar seus cavalos e tomar suas posses, ver o rosto de seus entes queridos cobertos de lágrimas e estuprar suas mulheres e suas filhas”. Ele estava certo, Ranzael. Não há nada melhor do que a vitória, a conquista, do que ter alguém agonizando bem aos seus pés, inteiramente à sua disposição, tendo apenas a imaginação como limite. Naquele dia, a guerra já estava perdida, logo seriam os oponentes que se regozijariam ao nos perseguir, então aproveitei o quanto pude. Eu o violentei, depois urinei em seus

ferimentos, para que ardesse e a dor o mantivesse acordado. Depois o obriguei a engolir as próprias penas, até que engasgou e eu precisei forçá-las goela abaixo, com socos e chutes. Senti o rompimento de todos os ossos reverberando em meus punhos e, no final, não sobrou muito do rosto bonito que minutos atrás exalava confiança. Mas ele ainda estava acordado e seus olhos inertes ainda me encaravam. Então fui misericordioso. Ajoelhei em seu peito e, enquanto escutava o doce som emitido por alguém que se afoga no próprio sangue, afundei meus polegares em sua garganta. Senti a existência dele se esvaír em dor e escuridão...

O comandante gesticulava e apertava o ar, como se estivesse reconstituindo a luta com um inimigo invisível postado bem à frente. Quase que saindo de um transe, terminou a narrativa e respirou fundo. Por um breve momento, alguns demônios chegaram a se compadecer pelo soldado, mas logo já estavam novamente excitados pela maldade e se acotovelaram, disputando o melhor ângulo de visão para acompanhar a cena hedionda que com certeza ocorreria em instantes. Ranzael concordou com a cabeça e começou a piscar os olhos amarelos de lagarto, sem saber o que dizer.

— O que você achou desse castigo que eu apliquei em meu inimigo, Ranzael? — questionou Belial, enquanto examinava a lâmina do machado que, segundo as lendas, era tão pesado que ninguém exceto ele conseguiria empunhar com apenas uma das mãos.

— F-foi uma... uma punição muito bem aplicada, meu Senhor — Ranzael respondeu. — Vocês estavam em *guerra* e tudo mais, não é mesmo? N-não que eu já tenha participado de uma, mas acho que na *guerra* as coisas t-têm que ser assim mesmo... — completou a resposta com um risinho forçado, quase digno de pena.

Quase...

— Boa resposta, soldado. Mas o ponto não foi a guerra. O ponto foi alguém derramar meu sangue. Como você acabou de fazer. Veja bem, sou um Senhor deveras justo, Ranzael,

não costumo dar duas medidas ao mesmo peso. Por isso, meu caro, terei que aplicar a você a mesma punição que apliquei ao anjo que teve o azar de cruzar comigo no campo de batalha. Acredito que você consegue compreender isso, estou certo?

— S-sim... – Ranzael pensava se deveria correr, implorar por misericórdia ou mesmo atacar. Mais por medo que por dúvida, acabou ficando parado. De qualquer forma, suas pernas, sustentadas por cascos de bode, estavam completamente bambas e não teriam coordenação para esboçar reação alguma.

— Mas aqui nós temos um problema, Ranzael. Um problema que me impossibilita de impor a você a mesma punição que impus ao anjo...

— Um problema, meu Senhor? Q-qual... qual seria esse problema?

— Você não tem asas para que eu possa arrancá-las de suas costas, meu bravo guerreiro! – Belial disse em tom apaziguador, abrindo os braços e também um largo, e raríssimo, sorriso.

Alguns demônios gargalharam, menos por graça que por bajulação, outros se encolheram e viraram as costas decepcionados, com a impressão de que o mestre havia decidido que apenas o susto estava de bom tamanho para castigar o soldado. A maioria ainda aguardava, ansiosa pelos próximos movimentos.

— É... é verdade, S-Senhor... eu... eu não tenho asas... he-he-he-he... – Ranzael concordou, com mais uma risada forçada, esperançoso que tudo realmente não passasse de uma grande piada, mas sabendo em seu íntimo que isso era algo pouco provável, levando-se em conta o histórico de total desprovimento de senso de humor do comandante.

— Você não tem asas, Ranzael! – repetiu Belial, soltando uma gargalhada tão perversa e inesperada que fez todas as almas, humanas e abissais, se arrepiarem de pavor, dali até onde a vista podia alcançar. – Mas fique tranquilo, vamos achar algo equivalente...

O grande demônio completou a frase com um grunhido e desferiu um golpe de baixo para cima com o machado, tão violento que arrancou os dois pés do soldado de uma única vez e o alçou vários metros no ar. Depois de cair, urrando de dor e desespero, Ranzael foi torturado e humilhado pelo resto daquele longo dia. O Comandante era um especialista nessa *arte* e conseguia extrair o máximo de dor, mantendo a desafortunada vítima acordada durante todo o tempo. Quando restavam poucos vestígios de consciência ao vassalo, Belial o segurou pelo braço e começou a arrastá-lo.

— Se te serve de consolo, caso você errasse o ataque eu teria te contado uma história sobre o que aconteceu com o último sujeito que perdeu um golpe depois de eu ter aberto a guarda e teria te castigado da mesma forma – confessou Belial, enquanto caminhava. – Meus soldados não podem desperdiçar uma chance como aquela. E o torturaria duas vezes mais, caso ousasse se acovardar em desferir a estocada, pois covardes valem menos do que esterco, menos até do que humanos, e não servem para minhas legiões. Agora, jogarei seu corpo no *Lago de Fogo*, serão dias e dias de dor insuportável, mas depois você emergirá de lá, renovado. Então eu te mutilarei de novo e de novo, para então jogá-lo no Lago e aguardá-lo sair de lá novamente, por muitas e muitas vezes. Diria “até o final dos tempos”, mas estaria mentindo. E como deve saber, sou um senhor deveras justo e honrado, não gosto de mentir para os integrantes da minha tropa, nem de fazer ameaças que não tenho intenção de cumprir, a quem quer que seja. Sabe por que, Ranzael? Sabe por que não será até o final dos tempos? – o Comandante perguntou, mais ao vento que ao soldado. – Porque uma hora eu vou enjoar. Uma hora eu vou cansar de cortar os pedaços do seu corpo e de te ver sangrar, gritar e

implorar por perdão e clemência. Ninguém aguenta fazer a mesma coisa para sempre, meu caro. Mais cedo ou mais tarde, tudo se torna entediante. Tudo enjoa, Ranzael. Tudo.

Belial fitou o horizonte e, apesar de sua atenção e pensamentos irem muito além, o olhar parou no inexorável paredão formado pelas *Montanhas da Danação*, uma cadeia de rocha negra, tão dura quanto diamante, com três vezes a altura e sete vezes o comprimento da maior cordilheira do mundo dos homens, onde magma, sangue e as almas dos suicidas escorriam e haveriam de continuar escorrendo, por todo o sempre – as montanhas não enjoam de nada, afinal. Depois delas, estendia-se, a perder de vista, a *Planície dos Aventureiros*, onde as almas mesquinhas eram enterradas em pé, com as mãos presas às costas, uma ao lado da outra, ficando apenas a cabeça para fora da terra. Quando a carne do rosto dos vizinhos acabava, começavam a gemer de fome e assim continuariam pelo resto da eternidade. Um rápido vislumbre desse campo, ou a simples audição do coral macabro de lamentações que dali emanava, seria suficiente para enlouquecer até o mais centrado dos homens, mas aos Senhores Infernais esse lugar trazia energia revigorante. Além da planície estava o *Abismo sem Fim*, tão escuro quanto era o universo antes que Deus criasse a luz. Nesse lugar eram jogadas as piores de todas as almas humanas, aquelas com quem até mesmo os demônios mais baixos e vis se negavam a conviver e eram relegadas a uma eternidade de queda, frio, escuro e solidão. Esse era o fosso que isolava a, magnífica a seu modo, *Fortaleza das Trevas*.

Dois demônios alados, trajando armaduras de ônix e portando foices tão afiadas quanto a mítica arma da Morte, protegiam a entrada. Tinham cabeça de javali e olhos brilhantes como a lava que se revira com ferocidade nas entranhas da Terra. Guardiões altaneiros, vigiando e praguejando, incansáveis. Às suas costas, o portão principal, feito de metal fundido de um milhão de espadas, facas e punhais que derramaram sangue inocente algum dia. Esse era o único acesso à fortaleza, cuja colossal abóbada e as muralhas, que a selavam hermeticamente, eram feitas de grandes blocos de escarpas negras, que pareciam ter

vida própria. Dentro dessa fortificação, sob a luz ébria de incontáveis tochas, a legião que formava a guarda pessoal do rei das profundezas treinava, preparando-se para o confronto final com as hostes celestiais, ou – algo que na mente de Lúcifer tinha chance de ocorrer com mais brevidade – para conter uma eventual insurreição de algum Lorde Infernal em que, com o lento passar dos anos, a cobiça acabasse por se revelar maior do que a prudência.

No centro da fortaleza, o *Castelo das Trevas*, feito da matéria-prima que compõe os mais terríveis pesadelos. Com exceção ao próprio Espírito Santo e aos anjos mais leais e poderosos, nenhuma alma, por mais pura que fosse, conseguiria entrar ali e não se corromper. O cheiro de perversidades tão antigas quanto o próprio tempo empestava o ambiente, deixando o ar ainda mais sufocante do que já era no resto do inferno. Quando eram obrigados a comparecer àquele lugar, onde a essência do mal era mais palpável do que as cinzas de uma cidade incendiada pairando no céu numa noite de inverno, poucos eram os demônios que não tinham vontade de vomitar, chorar, se ajoelhar e implorar a Deus para perdoá-los e os tirar dali, ou ao menos ter misericórdia e desintegrá-los com um raio de luz divina. Ninguém – homem, mulher, anjo ou demônio; ninguém conseguiria ficar em paz e manter a sanidade naquele castelo. Ninguém, exceto talvez os Lordes e também, é claro, Lúcifer, aquele que fora o Portador da Luz e agora personificava as trevas, que em tempos quase esquecidos brilhava como a *Estrela da Manhã* – o primeiro anjo, a criatura mais bela e inteligente criada por Deus-Pai-Todo-Poderoso.

Ali, ele se sentia em casa. Sentado em seu trono (construído à imagem e semelhança do trono celestial e depois ornamentado com diamantes, rubis, safiras e ossos de querubins, para ganhar aspecto mais imponente e amedrontador), Lúcifer traçava intrincadas estratégias da guerra contra o Céu, tecia os fios invisíveis das teias que utilizava para aprisionar as almas humanas, concebia torturas indizíveis para punir seus desafetos ou aqueles que tinham o azar de cruzar com ele em um dia ruim (ou em um dia particularmente inspirado), observava as

legiões, as almas que já agonizavam e rangiam dentes nas chamas e, também, as almas promissoras, para o bem e para o mal, que apareciam vez ou outra no mundo dos homens.

Mas não nos últimos tempos.

Ultimamente, *Estrela da Manhã* parecia ter abdicado de suas atribuições e raramente era visto fora do castelo, sobrevoando e observando de perto tudo que ocorria em seus domínios, como gostava de fazer. Mais raras ainda eram as oportunidades em que se deslocava até a Terra, para soprar conselhos nada virtuosos nos ouvidos dos governantes e detentores de riqueza que possuíam milhares e milhares de vidas e futuros sob poder, dar um pequeno empurrão no ímpeto assassino de psicopatas, estimular a sede sexual de estupradores *tímidos* ou levar pessoas com estômago e cérebro revirados pela batalha que Céu e Inferno travavam dentro de si a concluir que a vida era uma só e também era muito curta, então não havia necessidade de se prender tanto a dilemas morais, que o importante era fazer o que se tivesse vontade de fazer, sem se preocupar com as consequências.

Vontade de fazer...

O anjo caído parecia não ter vontade de fazer mais nada que não fosse sentar no trono e ali permanecer por dias e noites, com o queixo apoiado à mão, os dedos acariciando lentamente o cavanhaque, o semblante perdido numa encruzilhada de aborrecimento e contemplação. Lúcifer lembrou-se, muitas e muitas vezes, de tudo o que havia ocorrido desde o início da criação: com ele, com Miguel, com o Criador, com os anjos que permaneceram com Deus e os que caíram junto à terça parte do Céu. Pensou, também por muitas e muitas vezes, nos demônios que vieram depois, nos humanos e suas provações, nos frutos proibidos, nos filhos unigênitos, no Paraíso, Terra e Inferno. Pensou em livre arbítrio. Refletiu sobre seu papel naquela história toda e sobre os eventos que haveriam de se descortinar nos anos que estavam por vir. Com a paciência que somente uma existência extremamente longeva pode

trazer, ele lembrou, pensou, refletiu, ponderou. E quando achou que todas as possibilidades estavam esgotadas, o Senhor das Trevas lembrou, pensou, refletiu e ponderou novamente. Repetiu esse processo à exaustão, até que, finalmente, após esmiuçar todas as ideias, fatos e acontecimentos decorridos desde um passado quase imemorial até os dias atuais, respirou fundo, coçou o bigode e concluiu, com a perspicácia e o poder de síntese que apenas o mais inteligente de todos os anjos poderia ter:

— O filho da puta me fodeu! – sussurrou para si mesmo, apertando os olhos e balançando levemente a cabeça, concordando com as próprias palavras.

Levantou-se e começou a caminhar, cabisbaixo, massageando a nuca com a mão esquerda e gesticulando com a direita, vez ou outra torcendo a boca e balbuciando frases desconexas, como se um acalorado debate estivesse sendo travado dentro de sua mente. Mudou de forma, adquirindo o aspecto de um mendigo decrepito com protuberante corcunda, fiapos de cabelos brancos escorrendo pela testa e uma camada leitosa de catarata cobrindo os olhos. Passou horas assim, deslocando-se lentamente com a ajuda de uma bengala. Depois se tornou mulher de beleza inebriante, curvas voluptuosas e um olhar que faria transbordar desejos ardentes até no mais fiel entre os corações dos homens. Assim, andou ao redor do trono por longo período, apalpando com luxúria os seios fartos que saltavam no decote do vestido, acariciando e umedecendo os lábios com a língua repleta de saliva e promessas veladas. Em seguida, transmutou-se num homem magro, com semblante firme e misericordioso, pele morena, nariz côncavo, barba e cabelos compridos e espessos, trajando manto simplório. Esfregou as mãos calejadas de carpinteiro, olhou para o alto e deu uma risada anasalada que misturava ódio, rancor, inveja e uma miríade de outros sentimentos vis. Mas, aos poucos, o riso foi ganhando contornos irônicos e quando se converteu em pouco mais que uma leve contração da bochecha, toda maldade havia se dissipado, sobrando tão

somente a expressão daqueles que, após muito tempo de negação, agem com humildade e reconhecem a derrota.

Voltou à forma demoníaca – corpo nu, esguio; pele vermelha e escamosa; uma longa cauda que terminava afiada tal ponta de flecha e movia-se como se possuísse vida própria; grandes asas membranosas; cascos fendidos no lugar dos pés; mãos enrugadas, com dedos terminando em unhas negras, compridas e pontiagudas; rosto cadavérico, onde olhos de serpente cintilavam amarelos e ameaçadores, como os de um predador que vê a presa se aproximar, apavorada e indefesa, no negrume da noite sem lua e sem estrelas. Cavanhaque e bigode bem cuidados e pequenos chifres irrompendo da testa completavam o visual.

Sentou-se novamente. Jamais admitiria isso, nem a ele mesmo, mas, naquele momento, Lúcifer sentiu-se estranhamente solitário e ansiou que alguém estivesse próximo, para compartilhar as agruras que lhe consumiam a alma.

Chamou Belzebu.

CAPÍTULO IV – DECISÕES

Instantes depois do chamado, uma mosca, do tamanho de um touro, voou salão principal adentro. Seu aspecto era repulsivo e o zunir de suas asas fazia o mais destemido dos cavaleiros templários tremer dentro da armadura. Pousou aos pés do trono e começou a mudar de forma, tornando-se uma mistura mal-acabada de homem e bode, com chifres curvilíneos brotando nos flancos da cabeça triangular. Ajoelhou-se diante do amo e disse, com entonação que se esforçava para transparecer submissão e lealdade:

— Aqui estou, meu supremo Senhor. Vim o mais rápido que pude, espero não tê-lo aborrecido com minha demora. Antes que dê tuas ordens, permita-me dizer que estou honrado com tão honrosa convocação, entorpecido de júbilo pela oportunidade de prostrar-me a teus pés, ansioso em saber em quê minha humilde presença pode ser útil a...

— Pode cortar a babação de ovo e o papo furado, *Zebuzinho* – disse Lúcifer, com um sorriso jovial.

— N-Não... não se trata de bajulação, meu implacável suserano. São apenas verdades. Verdades transmitidas através de palavras polidas, que visam demonstrar minha completa e voluntária adoração perante vosso incomensurável poder – o demônio respondeu, completamente desconcertado, com as palavras escapando com pressa da boca.

— Tá bom, tá bom – Lúcifer continuava com o misterioso sorriso estampado no rosto. – Olha, tem dias que eu te chamo aqui porque realmente quero ter meu saco puxado até que não sobre nenhuma ruga, mas não é o caso hoje, ok? Hoje tudo que eu quero é que você me ouça e acompanhe o raciocínio, certo?

— Como quiser, meu impávido Senhor. Farei o que estiver ao meu alcance, mas é sabido que qualquer intelecto, do Céu, da Terra ou do Inferno, se revelaria limitado e falharia miseravelmente ao tentar acompanhar vosso incomparável poder de raciocínio – disse Belzebu, precavendo-se para o que começava a desconfiar que fosse uma armadilha de seu mestre, que terminaria em dor e tortura para ele.

— Fica tranquilo, Zebuzinho. Você é esperto e meu “incomparável poder de raciocínio” já deixou tudo bem mastigado, é só seguir a trilha de pedaços de pão e não tem como se perder. Na verdade, agora tudo está tão claro que dá até vergonha lembrar que demorei tanto tempo para chegar nessas conclusões. Mas assim é a vida, não é? Assim é a vida! – disse Lúcifer, baixando os olhos e colocando as mãos unidas pelas pontas dos dedos em frente à boca, dando impressão que mergulhava em mais um ciclo de introspecções.

Belzebu fixou os olhos no Senhor das Trevas, aguardando a continuidade do discurso, mas ele permaneceu em silêncio. Passados alguns minutos, pensou em incentivá-lo a prosseguir, receoso que, caso não o fizesse, permaneceria ali parado feito estátua, por muito tempo, mas ficou ainda mais receoso em despertar a fúria do amo, caso lhe interrompesse um momento de reflexão. No final da terceira hora, seus joelhos começaram a doer e o ar pesado do castelo começou a travar sua respiração. Passado três vezes esse tempo, o incômodo falou mais alto que a prudência e a personificação do segundo pecado capital resolveu arriscar, falando com a voz mais suave que conseguiu entonar com a traqueia caprina:

— Estou... estou ávido por saber do que se trata, meu indefectível Senhor...

— Sim, sim... – Lúcifer despertou do transe. – Como eu estava dizendo: *Ele* me fodeu, Belzebu...

— “Ele”...? “Ele” quem, meu adorador Senhor?

— Ah, você não tinha escutado essa parte, né? Ele, Zebuzinho, *Ele...* – apontou para cima. – O nosso Pai, nosso Criador-*Todo-Poderoso*: Deus!

— Entendo – Belzebu balbuciou, com cara de quem na verdade não está entendendo nada. – Mas, como Ele te... *prejudicou...* exatamente, meu magnânimo Senhor?

— Como, Belzebu? Como? – Lúcifer esbravejou, dando um tapa nos braços do trono e em seguida segurando-os com tamanha força que quase os fez trincar.

— Desculpe minha ignorância e lentidão para acompanhar vosso brilhantismo, meu colérico Senhor! – Belzebu encolheu-se.

— Não, tudo bem – Estrela da Manhã acalmou-se, tão subitamente quanto se enfureceu, voltando a unir as mãos em frente ao peito. – Como eu disse antes, depois que a gente entende fica óbvio, mas antes disso não é tão claro. Definitivamente não é. Veja bem, meu caro. Recorde-se comigo. Ele me criou, certo? E, como bem sabemos, Ele também é onisciente, correto?

— Sim, meu perspicaz Senhor – Belzebu assentiu com a cabeça, começando a ficar realmente intrigado com aquela história e, principalmente, com os rumos que ela parecia estar prestes a tomar.

— Pois bem. Baseado nessas duas simples informações, qual é a conclusão, óbvia, clara, inequívoca, única, alarmante, que não deixa margem para dúvidas, que ficou o tempo todo se esfregando na nossa cara sem a gente perceber, a que podemos chegar? – perguntou Lúcifer, abrindo as mãos, arqueando as sobrancelhas finas e projetando o rosto na direção de Belzebu que o escutava de olhos arregalados.

— Qual? Qual é a conclusão, meu enigmático Senhor? – o demônio falou, com a esperança que seu amo fizesse como aqueles que perguntam para logo em seguida emendar a resposta.

— Não está claro como a luz da tal estrela da manhã? – Lúcifer ofereceu mais um sorriso e um lampejo de alegria apareceu destoante em seu rosto maligno. – A conclusão, Belzebu, a *inequívoca conclusão* é: Ele já sabia!

— Ele já sabia? Ele já sabia o quê, mais especificamente, meu obscuro Senhor?

— Tudo! – exclamou o Senhor das Trevas, levantando-se do trono e andando de um lado para outro, num surto repentino de euforia. – Ele já sabia de TUDO!!! Sabia que eu ia querer ser mais poderoso e mais adorado que Ele, que violaria Suas ordens, guardando um pouco da essência do Caos para mim, que eu insurgiria contra Ele e depois cairia. Sabia que eu iria até o paraíso terrestre, para oferecer à Eva o fruto proibido e dar início à danação da humanidade. Sabia que eu iria até Ele, apostar a alma de Jó. E agora tenho certeza que só topou a aposta porque sabia de antemão que eu ia me foder. Sabia que eu tentaria inutilmente corromper o “filho” d’Ele no deserto, que depois o receberia aqui por três dias e lhe entregaria as chaves do Inferno no final. Sabia que eu era mau, desde o começo. Ele me criou assim, com um coração repleto de ambição e me colocou ao lado do que eu mais poderia desejar: o poder! O poder infinito, ilimitado, irrestrito – Lúcifer esfregava as mãos e arregalava os olhos instintivamente, só de falar nesse poder. – Foi o mesmo que atirar fogo num barril de pólvora, não acha? Ele me sacaneou, me usou como bode expiatório. Criou uma história em Sua divina cabeça, me relegou ao papel de vilão e foi me direcionando, mas sem que eu percebesse, sem que ninguém percebesse. Fez parecer que foi tudo minha culpa, que sempre existiu a possibilidade de ser diferente e eu fui lá e estraguei tudo, mas era Ele quem estava no controle

da situação o tempo todo. Ele já sabia! “Ele já sabia”... só agora consigo compreender a dimensão e as reais implicações dessa afirmação.

— Compreendo, meu inefável Senhor. Mas não entendo qual é o proveito que pode ser tirado dessa conclusão – Belzebu disse e acariciou a barba, enquanto se levantava. Os joelhos doíam e agora seu mestre também se levantara e movimentava-se sem parar, seria mais fácil acompanhá-lo de pé.

— Qual o proveito? Esse é o ponto, meu caro – Lúcifer fez uma pequena pausa, olhando para o chão enquanto caminhava em círculos. – No mundo dos homens, as crianças estudam história nas escolas. Uma visão deturpada, normalmente contada pelos vencedores, mostrando obviamente a perspectiva que lhes interessa sobre os acontecimentos, omitindo um pequeno massacre aqui, um *genocídiozinho* ali, mas, em linhas gerais, eles aprendem sobre os fatos que marcaram as épocas, os heróis, os vilões, as guerras, as atrocidades e outras coisas que me dão orgulho de ter ajudado a construir. E qual o proveito que tiram disso, Belzebu? Nenhum! – afirmou, com o dedo em riste. – Porque não passam de idiotas arrogantes que não conseguem enxergar um palmo à frente do nariz e consideram o próprio umbigo o centro de todo universo infinito. Sempre me aproveitei desse ponto fraco para atraí-los aos meus embustes, mas agora percebo que o maior de todos os idiotas arrogantes era eu!

— Por que, meu Senhor? – perguntou Belzebu, sem conseguir pensar em nenhuma bajulação específica que poderia ser aplicada naquele momento.

— Por que, Belzebu? Porque a história deveria ser estudada para que os erros cometidos no passado não voltassem a se repetir! Mas eles não estão nem aí para os erros do passado. Assim como eu também não estava, Belzebu. Até hoje...

— Agora entendo melhor, meu visionário Senhor. Mas ainda não consigo entender como pretende se aproveitar do conhecimento dos erros do passado para sua luta contra

Deus... – Belzebu disse, arqueando a sobrancelha esquerda, apertando os olhos e coçando a cabeça como se tentasse estimular o raciocínio a funcionar à base de fricção.

— Agora você tocou na ferida, Zebuzinho. A luta! Não haverá mais luta – Lúcifer sentenciou com firmeza, porém de maneira serena, pousando as mãos nos ombros de Belzebu e encarando-o de frente com os olhos amarelos, que agora pareciam cansados.

— C-como disse, meu surpreendente Senhor?

— Não haverá mais luta nenhuma, *mon ami*. Da mesma forma que Ele já sabia antecipadamente tudo que aconteceu, Ele já sabe hoje tudo o que acontecerá daqui para frente. Ele já sabe que eu planejo ir ao mundo dos vivos, subjugar a humanidade, fazer com que me adorem para conquistar o máximo de almas possíveis e delas extrair o Caos para utilizar como arma na guerra derradeira, na *Batalha do Armagedom*. E sabe que vai vencer no final, que nós vamos apanhar de novo, que seremos enxotados como cães vadios com o rabo entre as pernas para as profundezas do Inferno e que nos trancará aqui por toda a eternidade, junto com todo mundo que ficou contra Ele. Já está escrito. Se eu continuar insistindo nesse caminho, já sei qual será meu destino. Mas eu não vou dar esse gostinho a Ele. Não servirei mais como marionete, não vou ceder aos santos caprichos. Se a história precisa de um vilão, alguém louco o suficiente para enfrentá-lo em combate aberto, Ele que arrume outro, porque eu não vou mais participar dessa palhaçada. Estou farto, esgotado. Não quero mais ouvir sobre isso, não quero mais gritar sobre isso. Nunca mais.

— E o que pretende fazer, meu intrépido Senhor? – questionou Belzebu, ainda coçando a cabeça com a sobrancelha arqueada, agora completamente intrigado.

— Se não pode vencê-lo, junte-se a ele! – Lúcifer gargalhou com escárnio e olhou para o alto uma vez mais. – Eu vou até lá, Belzebu. Vou pedir desculpas, me ajoelhar diante d’Ele, balançar uma bandeira branca em frente aos portões celestiais, pedir arrego, dizer que

desisto, reconhecer que ele é muito foda e eu sou um merda. Essas coisas. Enfim, vou ver o que eu preciso fazer para me redimir. Ele gosta de dizer que é o Senhor cheio de misericórdia, não é? Vamos colocar isso à prova – disse, com o semblante pesaroso de quem só pode estar falando sério.

— E... e... quando... quando pretende fazer essa... essa jornada até o Céu, meu Senhor?

– Belzebu estava sem palavras. Olhou para o trono das trevas... vazio. E, por mais que tenha tentado se controlar, não conseguiu evitar que a cobiça lhe transbordasse nos olhos malignos.

— No dia em que todas as coisas importantes deveriam ser feitas, meu caro: hoje! – o Senhor das Trevas respondeu.

A pele de Lúcifer começou a ficar mais clara e menos escamosa. Continuou empalidecendo, até se tornar tão alvo e resplandecente quanto a Lua cheia numa noite de verão. Os chifres e a cauda recolheram-se. Uma túnica branca, cravejada com safiras e diamantes, cobriu-lhe o corpo nu, o rosto rejuvenesceu e adquiriu traços delicados, cabelos lisos como o pelo de uma pantera negra escorriam por suas costas. O amarelo dos olhos deu lugar a um azul brilhante como uma constelação de estrelas gigantes perdidas no espaço-tempo. Abriu as asas, agora forradas por penas magníficas, revelando a beleza ancestral e o antigo esplendor da *Estrela da Manhã*. Instintivamente, Belzebu recuou um ou dois passos. Sentiu um pequeno ímpeto de também reaver sua forma angelical, do tempo em que era conhecido como *Baal, o Puro de Coração*, mas logo essa efêmera insanidade afastou-se de sua cabeça. Havia assuntos mais urgentes que necessitavam ser resolvidos e ele precisava manter o foco.

— Há quanto tempo não o via assim, meu multifacetado Senhor. Pensei que essa forma não mais lhe apetecia e não imaginei que o veria assim nunca mais – Belzebu falou em

tom malicioso, ainda com os olhos se acostumando à claridade emanada pelo brilho da Estrela da Manhã.

— Melhor ir desse jeito. Do contrário, podem interpretar como uma afronta. E eu não quero arrumar confusão com ninguém. Não agora. Não mais – Lúcifer olhou as mãos, os cabelos e as roupas, parecendo perplexo com a própria aparência original. Perplexidade que logo deu lugar ao que poderia ser interpretado como um raro instante de *felicidade*.

— S-Senhor... antes que vá, precisamos saber quem ocupará o trono durante sua, espero de todo coração que breve, ausência. Tenho absoluta certeza que, com vossa imensa sabedoria, escolherá algum *servo dedicado e leal* para representá-lo – Belzebu lambia os beiços e esfregava as mãos, mirando o trono das trevas com os olhos arregalados e esperançosos.

— Um servo leal e dedicado... – o Primeiro entre os Anjos sorriu. – Não é má ideia, Belzebu. Definitivamente, não é má ideia. Convoque os outros aqui, vou fazer o “anúncio oficial” – gesticulou desenhando aspas imaginárias no ar – da minha viagem e também comunicar a decisão sobre quem eu quero que ocupe meu lugar, durante essas *férias*, ou, se tudo der certo... pelo resto da eternidade.

Belzebu transformou-se novamente em mosca e saiu zunindo em disparada para fora do castelo, ainda mais rápido do que quando chegou. Lúcifer permaneceu em pé e, enquanto aguardava, converteu seu famigerado tridente na *Aniquiladora do Caos*, a poderosa espada que empunhava no início da criação, quando o universo ainda era jovem e os corações ainda eram puros. Não precisou esperar muito – o demônio das moscas e da pestilência era um mensageiro veloz.

Principalmente quando questões de seu interesse estavam em jogo.

CAPÍTULO V – REUNIÃO INFERNAL

Lúcifer, Senhor das Trevas, em sua esplendorosa forma de Portador da Luz, arriscou alguns golpes no ar e sorriu ao recordar-se da leveza da velha arma. Encarou a lâmina, forjada pelo próprio Deus-Pai-Todo-Poderoso, que flamejava com a força e o calor de mil quasares. Passou um tempo mesmerizado pelas chamas que guardavam a lembrança de batalhas titânicas, travadas há tanto tempo que já nem pareciam mais verdade. Logo, porém, os senhores infernais começaram a chegar, e esse evento demoveu-o das recordações.

O primeiro a adentrar o castelo foi Mammon, senhor da cobiça e da avareza. Tinha a forma de um humano esquelético, trajando sapatos velhos e um casaco esfarrapado. Seu rosto era comprido, com bochechas e orelhas protuberantes, e olhos fundos, encimados por sobrancelhas arqueadas. Cabelos sujos e desganhados escorriam até a altura dos ombros. Sua voz era anasalada e falava baixo, pronunciando sem pressa cada palavra:

— Saudosismo numa hora dessas, depois de velho, Lu? O que tá acontecendo? — perguntou, com os dentes amarelos enfileirados num sorriso carregado de malícia.

— Saudosismo? Não tinha encarado dessa forma, mas agora que você falou, até que faz certo sentido. Talvez seja um pouco sim. Logo você vai saber a história toda — “Lu” respondeu com tranquilidade, acompanhando Mammon até seu lugar no conselho infernal.

O segundo Lorde a chegar foi Asmodeus, a personificação da luxúria. Possuía asas e patas de dragão e três eram as suas cabeças: uma de boi, uma de carneiro e uma de homem, esta última com orelhas pontudas e olhos vazios, adornada por uma coroa dourada. O braço direito também era de homem e segurava um cetro com formato de pata de besta, enquanto o esquerdo era uma serpente marinha com cabeça de tigre. De sua boca, saía fogo e uma voz afeminada, sedutora como a de quem tem o sexo por vício, ofício e perdição:

— Chefinho, a que devo a honra? Hum... como estamos elegantes. Seria esse encontro um tipo de festa temática? Deveria eu também retornar à minha forma angelical, para ficarmos mais... à vontade? – as cabeças de boi e de carneiro riram.

— Não, Asmodeus, não é uma festa. Mas você é livre para assumir a forma que bem entender – Lúcifer respondeu com a gentileza que é talhada pelo tempo naqueles que se acostumam a evitar conflitos, no eterno jogo de interesses que se joga na vida. – Vamos, sente-se. Aguardemos os outros.

Caminhando a passos lentos, com pernas longas que terminavam em pés extremados por dedos que mais pareciam raízes de árvores, chegou Belphegor, senhor da preguiça. Era magro e alto, muito alto. Andava completamente nu, com labaredas de fogo surgindo aleatoriamente pelo corpo. Nas laterais da careca, destacavam-se pequenos chifres e no rosto, barbado, enrugado e carrancudo como de um ancião ranzinza, emergia um nariz protuberante, cravejado de verrugas. Falava com voz de trovão:

— HUUUUUM... por que chamar Belphegor aqui? O que querer de Belphegor? Estrela da Manhã em forma antiga... huuuuuummm... não parecer bom a Belphegor.

— Para que a pressa, meu caro amigo? Esse não é o seu lema? Para que a pressa? Vamos, sente-se ali e relaxe – como bom anfitrião, Lúcifer conduziu o demônio até sua cadeira no conselho.

— HUUUUUUMMMM... Belphegor esperar... huuuuuum... Belphegor desconfi...

Um grunhido bestial interrompeu Belphegor. Então, uma serpente gigantesca, saída dos pesadelos mais téticos que atormentaram o sono dos marinheiros em todas as épocas, entrou no salão, urrando com ferocidade. Circundou Lúcifer, farejando-o. Sem dizer palavra, arrastou-se para seu lugar – não uma cadeira, mas um grande pilar, onde se enrolou

resfolegando com fúria e maldade. Era Leviatã, aspecto da inveja, dragão marinho, besta feita de Caos, que reinava nos oceanos e aterrorizava os navegantes dos sete mares desde tempos primordiais.

— Oi, Leviatã. Que bom que você veio, eu também estava com saudade – Lúcifer sorriu, enquanto observava a porta do castelo abrir novamente.

Dessa vez veio Azazel, o senhor da ira. Não fossem os pequenos chifres, as orelhas pontiagudas e a maldade em estado bruto que apenas um demônio pode ter no olhar, poderia ser confundido com um humano velho, de constituição física vigorosa, que caminhava nu, a passos firmes e decididos, salão infernal adentro. A seu lado andava um bode de pelo negro e encrespado, rodeado por moscas que zuniam e lhe atormentavam sem trégua. O timbre de sua voz era o suficiente para incutir a sede assassina no coração dos homens:

— Todos reunidos aqui de uma só vez e você em sua antiga forma. Aposto que boa coisa não deve ser, Samael – vociferou, encarando Lúcifer com audácia desmedida.

— Já te disse mais de uma vez que não gosto desse nome, Azazel. Agora, por favor, *coloque-se em seu lugar...* – o Senhor das Trevas respondeu calmamente, mas com uma ameaça sussurrada nas entrelinhas, apontando a cadeira de Azazel no conselho.

— Eu sei muito bem onde é meu lugar, *Samael* – disse o demônio da ira, dando as costas a seu senhor e dirigindo-se à cadeira. O bode preto o seguiu.

Lúcifer apertou o gume da espada e teve o ímpeto de golpear Azazel pelas costas e fazê-lo em pedaços. Deixá-lo estrebuchando com as vísceras espalhadas no chão durante toda a reunião, como exemplo para o próximo que ousasse lhe dar as costas ou desafiá-lo de alguma forma. Ou ao próximo que simplesmente o chamasse de “Samael”. Mas os portões abriram-se novamente e concluiu que era melhor poupar as energias e evitar, ou ao menos

adiar, aquele confronto. Dessa vez quem entrava no salão era Belial, líder militar supremo do inferno, comandante de setenta e sete legiões. O grande demônio entrou, trajando armadura de batalha, vermelha e profana como o sangue que encharca a terra, com o enorme machado conhecido como “Degolador de Arcanjos” preso às costas. Suas feições duras e seus olhos vazios não transpareciam qualquer emoção. Encarou Lúcifer, medindo-o de cima a baixo. Asco e reprovação lhe entorpeceram a alma, mas o semblante permaneceu inalterado. Cumpriu o protocolo, prestando continência a seu superior dentro da hierarquia infernal, com voz tão fria quanto o rosto:

— General...

— Comandante... – Lúcifer cumprimentou de volta, também com extrema formalidade, fazendo uma reverência quase imperceptível com a cabeça.

Logo em seguida os portões rangeram novamente e então veio Belzebu, a representação da gula, demônio das moscas e da pestilência. Entrou resfolegando pela sala, com seus cascos de bode estalando apressados no piso negro coberto por névoa densa.

— Convoquei a todos, com a máxima rapidez possível, meu *assêmblico* Senhor. Espero que a lentidão de minhas asas não tenha despertado vosso aborrecimento. A *mulher* está vindo logo atrás, em instantes todos estarão aqui – reportou o assecla, fazendo uma longa reverência e dirigindo-se, apressado e ansioso, à sua cadeira.

Só faltava *ela*.

Lilith, demônio que assumiu o papel de Lúcifer como representante do orgulho e da vaidade, primeira esposa de Adão e primeira mulher a se rebelar contra Deus. Ela chegou, arrastando-se na forma meio viperina meio humana que assumira desde que saiu do paraíso terrestre e assim enrolou-se em Lúcifer, como uma serpente enrolou-se à outra antes do

acasalamento. Encarou-o. Suas madeixas ruivas moviam-se aleatoriamente, enquanto ela apertava os seios fartos, cerrava os olhos e mordia os lábios dizendo, ofegante, com voz aveludada:

— Sempre quis te ver nessa roupa, *mon chéri*. Então era assim o primeiro anjo, o Portador da Luz? Não vou negar que prefiro a versão “Senhor das Trevas”, mas você me enche de desejo, de qualquer jeito – deslizou a palma da mão pelo peito de Lúcifer, em direção ao abdômen. – Vamos, me tome como mulher, me possua com a força e a ferocidade da Estrela da Manhã. A você eu aceito ser submissa, meu amor. Só a você. Vamos, mostre a eles como se faz – olhou de soslaio para os demônios que aguardavam, alguns já demonstrando desconforto, e, em seguida, roçou os lábios nos de Lúcifer, manchando-os de batom –, me mostra de novo a sua virilidade, meu amor, me joga nesse chão, joga? Me enche de... luz... – completou, acariciando o rosto do Senhor das Trevas e lançando um sorriso que insinuava um milhão de indecências.

— Ah, minha querida amante! É isso que eu mais admiro nas mulheres... com uma voz sedutora, um rosto de traços delicados (e às vezes um pouco de maquiagem), com o olhar certo e as palavras oportunas e, é claro... com um belo par de peitos, vocês são capazes de tentar o próprio Diabo! E você, Lilith, é a personificação máxima dessa tentação. Quantos homens já não perderam seus reinos, suas fortunas, suas famílias e suas almas por você? Ah, querida, não faz ideia de como gostaria de te montar agora mesmo, do jeito que você jamais permitiu a nenhum outro homem, anjo ou demônio. Mas infelizmente temos assuntos urgentes a tratar e também alguns *convidados* que começam a ficar impacientes. Permita-me conduzi-la a seu posto no conselho – Lúcifer afastou-a com gentileza e lhe acariciou as costas enquanto caminhava a seu lado, em direção à última cadeira vaga.

Assim, reuniram-se os nove maiores demônios do inferno. Lúcifer, o Senhor das Trevas; Belial, comandante do exército abissal; Asmodeus, Azazel, Belphegor, Belzebu, Leviatã, Lilith e Mammon, os representantes da luxúria, ira, preguiça, gula, inveja, orgulho e avareza, os sete pecados capitais, aqueles que mais desagradam ao Criador. A maldade emanada por tal encontro foi tão grande que, no mundo dos vivos, pessoas com maior conexão com o plano espiritual desmaiaram, vomitaram e tiveram pesadelos aterradores que lhes atormentariam a memória até o último dos dias. Crianças choraram e gritaram nos berços, mulheres sofreram abortos espontâneos, animais ficaram inquietos sob a pálida luz da Lua cheia, uma semente de desesperança brotou no coração dos homens bons e o empurrão que faltava para concretizar crueldades foi dado nas costas dos homens maus.

Lúcifer voltou a ficar pensativo, caminhando a passos lentos até o trono. Contemplou os oito Lordes infernais que se alinhavam no salão do castelo, analisou cada rosto disforme, cada semblante maligno, recordou-se de cada história, cada desafio, ameaça, tortura e punição, cada detalhe de gosto amargo que se fez necessário para que as coisas se mantivessem em funcionamento, para que, em meio à dor e à loucura daquele lugar terrível, pudesse haver um pouco de ordem e ele pudesse governar e desenvolver os planos para uma grande guerra contra o Céu, uma guerra que agora percebeu ser inútil travar. Uma peleja onde vencedores e perdedores já estavam definidos antes do aço das espadas, das armaduras e dos escudos começarem a se encontrar no campo de batalha. Uma peleja onde vencedores e perdedores já estavam definidos antes mesmo das espadas, das armaduras e dos escudos serem forjados. Do alto de seu assento real, o Senhor das Trevas olhou para aqueles que lhe fizeram companhia desde a queda dos anjos e com ele permaneceriam por toda a eternidade.

“Adiei essa despedida por tempo demais...”, concluiu em pensamentos.

CAPÍTULO VI – A ESCOLHA DE LÚCIFER

Com a reunião estabelecida, o Senhor das Trevas levantou-se e se pôs a falar, com a entonação doce e imponente do mais belo e poderoso entre os anjos criados por Deus:

— Caros confrades do pecado, irmãos da maldade, companheiros de armas e confidentes de alcova – piscou para Lilith, que retribuiu o gracejo enquanto Belial suspirava impaciente. – Agradeço a presteza dos senhores em responder com tanta agilidade à minha convocação. É sempre bom poder contar com amigos e conselheiros tão leais e dedicados – sorriu para Belzebu, que esfregava compulsivamente as mãos. – Mas agora, chega de *rasgação de seda*, vamos direto ao assunto, porque não quero gastar o tempo de vocês, e muito menos o meu. Aliás, o mote principal dessa reunião é justamente esse: perda de tempo! Senhoras e senhores, ultimamente, nos últimos dois séculos para ser mais exato, tenho pensado demais sobre tudo o que aconteceu desde o início de todas as coisas e, principalmente, em tudo o que está para acontecer comigo e também com vocês, até o final de todas as coisas. Bom, depois de muito pensar, cheguei ao veredicto que tudo é uma grande perda de tempo. E não estou mais disposto a me empenhar em coisas que não renderão frutos, coisas já fadadas ao fracasso.

Assim que a última palavra foi pronunciada, o salão infernal foi coberto por um manto de silêncio, sepulcral e constrangedor. Os demônios se entreolhavam, tentando identificar se alguém havia entendido alguma coisa. Belzebu sorria triunfante, julgando-se mais esperto que todos os outros, por ter compreendido perfeitamente tudo que seu mestre quis dizer. Belial aprumou-se na cadeira, pigarreou, coçou a espessa barba que se espalhava por toda extensão do maxilar, pigarreou novamente e enfim falou, do modo mais polido que suas truculentas cordas vocais lhe permitiam falar:

— General, com todo respeito devo dizer que esse seu discurso foi deveras... obscuro. Tenho consciência de que inteligência não é minha característica mais notável, mas também não sou nenhum tolo simplório. E mesmo assim não entendi absolutamente nada do que acabou de dizer.

— Huummm... Belphegor não entender nada também! Huummm... Belphegor não gostar de não entender nada! Melhor Estrela da Manhã explicar melhor para Belphegor! — resmungou o demônio com pernas de árvore, com labaredas emanando em profusão por todo corpo, feito chamas que se alastram numa floresta seca.

Outros murmúrios e protestos começaram a ganhar força e ecoar no *Castelo das Trevas*. Leviatã eriçou-se e fungou, as cabeças animais de Asmodeus resfolegaram e a boca humana deixou escapar um suspiro entediado, acompanhado por uma flama alaranjada. Mammon cochichou algo no ouvido de Belzebu e Azazel apertou os braços da cadeira, tentando dispersar a energia e se controlar. Lúcifer sentiu a discórdia ganhando contornos visíveis bem à sua frente e saboreou o clima tenso por alguns instantes, como se fosse uma refeição de despedida. Então pediu calma, movendo lentamente as mãos no ar, com os dedos abertos e as palmas viradas para baixo. Não estava com paciência para contar novamente toda a história que havia contado a Belzebu pouco antes, então considerou pertinente ser mais claro e sucinto, ir direto aos “finalmentes”:

— Muito bem, senhoras e senhores, acalmem-se. Tentarei ser mais claro dessa vez. A verdade é que eu... eu estou... a verdade é que... ah, pro inferno com as palavras bonitas! — disse, dando um tapa no ar. — A verdade é que estou desistindo, pulando fora do barco, pedindo arrego, amarelando, mijando pra trás. A verdade é essa.

— Desistindo? Desistindo do que exatamente, General? — questionou Belial, inclinando-se para frente do assento, sem alterar o semblante por um segundo sequer.

— Disso tudo... – Lúcifer respondeu, abrindo os braços e olhando em todas as direções. – Do castelo, do Inferno, da guerra. Tudo.

— Mas por que isso agora, *mon chéri*? O que está acontecendo? – Lilith perguntou, notadamente agitada.

— Está acontecendo que eu cansei, *mon cher*. Cansei de ser feito de marionete nesse jogo de cartas marcadas que é nossa guerra contra o Céu. Cansei de dar murro em ponta de faca querendo superar o meu Pai, ser mais poderoso ou mais adorado que Ele. Não tem jeito, não temos como vencer. Eu vou lá pra cima – Lúcifer olhou e apontou para o alto – e sugiro, a quem tiver bom senso, que me acompanhe.

— Ai, você vai me desculpar, chefinho, mas acho que não terei *bom senso* o suficiente para aparecer lá no Céu dizendo: “oi gente, voltei! Espero que não tenham levado para o lado pessoal tudo que andei fazendo nos últimos... milênios!”. É, acho que preciso amadurecer mais um pouquinho, adquirir mais sabedoria por aqui mesmo, para daí então ter capacidade de tomar uma decisão assim, repleta de... bom senso – Asmodeus falou e sorriu em seguida, acompanhado pelos rugidos animais de suas outras cabeças.

— Bom, talvez eu até te acompanhe, *Lu*. Sabe, talvez não seria mau esticar um pouco as pernas e tudo mais. Mas me diga, que vantagem tiraremos disso? – quis saber Mammon, coçando o rosto comprido.

— A princípio não ganharíamos nada, Mammon. Só deixaríamos de perder o bem mais precioso que existe, mesmo para os imortais: tempo! Mas, pensando bem, acho que com toda sua ironia, Asmodeus acabou me convencendo de uma coisa... acho que o melhor agora é que vocês fiquem aqui. Devo ir até lá sozinho. Se *Ele* aceitar minha redenção, vocês ficarão sabendo, e o caminho estará aberto para os que quiserem seguir os mesmos passos.

— Mas, *mon chéri*, pode ser que eles nem te deixem entrar. Ou, ainda pior, pode ser que queiram te destruir, ou tomá-lo como prisioneiro até a guerra. Sem você nós não teremos chance...

— Hummmm... mulher dizer coisa que faz sentido. Belphegor não querer perder guerra! Hummmm... general ser capturado não ser nada bom pra ganhar guerra...

— Calma, isso não vai acontecer – garantiu Lúcifer, com uma convicção na voz que surpreendeu até a ele mesmo.

— Como pode ter tanta certeza disso, *chérie*? – Lilith parecia realmente preocupada com os rumos que a existência de seu amante estava prestes a tomar.

— Eu tenho... fé! – Lúcifer soltou uma gargalhada. – Não sei te explicar, Lilith. Mas de alguma maneira eu sinto, de alguma maneira eu sei, que *Ele* está me esperando. Não sei se de braços abertos, mas que está me esperando, isso Ele está. Ademais, se quisessem me fazer prisioneiro, já teriam feito quando fui até lá falar sobre o Jó.

— General, nós nos preparamos durante séculos e séculos para essa guerra. Agora, quando o conflito derradeiro mostra-se a apenas alguns palmos de distância, quando a chance de saciar nossa sede de vingança e de poder está prestes a finalmente se concretizar, aquele que causou tudo isso resolve debandar? Desculpe a sinceridade, mas devo dizer que estou deveras decepcionado – Belial grunhiu com aspereza e se levantou.

— Ora, o diabo é sempre quem você menos espera, Belial! Nunca ouviu falar isso? – Lúcifer encolheu os ombros e dispensou um olhar sarcástico ao Comandante.

— Por acaso toma isso como brincadeira? Por acaso tem noção do que está dizendo? – Belial engrossou ainda mais a voz e agora apontava para o General enquanto falava.

— Não, não estou encarando isso como brincadeira alguma. E tenho completa noção do que estou dizendo. Quem parece ter perdido a noção aqui nessa sala é você, Belial. Será que precisarei lembrá-lo porque sou eu que mando e você que obedece, SOLDADO?

— Não, não senhor – Belial recuou, após alguns instantes de hesitação.

— Ótimo, então volte para o seu lugar, Comandante. E não se levante mais sem a minha autorização, fui claro?

— Sim... General... – os olhos de Belial transformaram-se em um buraco negro de fúria, mas, como bom soldado que era, simplesmente cumpriu as ordens que lhe foram dadas. Não era o momento apropriado para confrontos, afinal, a divisão de poder e as alianças ainda não estavam muito bem definidas por ali.

— Muito bem – o Senhor das Trevas retomou a palavra, com o intuito de continuar o discurso –, agora precisamos decidir quem será o meu substituto. Peço que todos os interessados se lev...

— SAMAEL, ISSO É UM ULTRAJE! – Azazel, que já imprimira a marca dos dedos no braço da cadeira depois de tanto apertá-los, não conseguiu mais se controlar e interrompeu Lúcifer, com a voz de trovão ecoando ira e reverberando como um grande terremoto a sacudir o castelo. – Você armou toda essa história, Samael. Nós viemos pra cá, fomos derrotados e humilhados, nós caímos... por sua causa, Samael. Por causa desse seu olho maior que a barriga, dessa sua estupidez disfarçada de orgulho. Você foi um grande idiota, e nós idiotas ainda maiores por tê-lo seguido. Mas nós continuaríamos te seguindo, seu miserável, nós continuaríamos te seguindo até o fim, Samael. Não por amor ou lealdade, mas porque chegamos num ponto que não tem mais volta. A hora de se acovardar passou há milênios! Pare de nos envergonhar, volte à sua forma de demônio, é isso que você é agora, e é isso que sempre será até o final, queira ou não. PARE JÁ COM ESSA MERDA, SAMAEL!!!

Durante o discurso inflamado, Azazel havia se levantado e caminhado, a passos pesados, até o meio do caminho entre as cadeiras do conselho e o trono infernal. O bode preto seguiu seus passos. O peito do demônio inflava e murchava, punhos e dentes estavam cerrados, uma veia pulsava-lhe na testa e seus olhos vermelhos emanavam raiva em estado bruto. Lúcifer desceu vagarosamente, degrau a degrau, olhando com carinho paternal para o gume flamejante da *Aniquiladora do Caos*. Seus passos ecoavam no silêncio absoluto que mais uma vez predominava no salão. Parou em frente a Azazel e, encarando-o diretamente nos olhos, falou:

— Repita o que você disse, Azazel. Vamos, repita. Ou apenas olhe para mim e diga “Samael” mais uma vez. Vamos, honre suas patentes e seus colhões e me chame por esse nome de novo...

— SAMAEEEEEELLLL!!!! – o demônio da ira gritou, e seu grito fez um vulcão entrar em erupção no mundo dos homens.

Azazel avançou com olhos vidrados. Seu vigoroso braço direito traçava uma curva no ar em direção ao rosto, agora angelical, de Lúcifer. Um ataque com poder suficiente para transformar a maior muralha da Terra numa pilha de escombros. Com poder suficiente para derrubar, ou ao menos desequilibrar, o Senhor das Trevas. Lúcifer teria cambaleado para trás e ficado tonto, caso recebesse tal golpe. Mas girou a espada num movimento rápido, um rastro de luz foi desenhado em meio à penumbra e, no instante seguinte, o braço de Azazel estava separado do corpo, rodopiando e esguichando sangue profano pelo ar. Antes que o membro decepado tocasse o chão, a espada flamejante assoviou a canção da morte e girou novamente, de cima para baixo dessa vez, partindo Azazel em dois, num corte transversal do ombro esquerdo até a virilha. Os punhos de Azazel podiam destruir uma montanha, mas a espada de

Lúcifer podia dizimar toda uma cordilheira. Belial, que da cadeira acompanhava todos os movimentos com grande interesse, acariciou a barba, parecendo satisfeito com o que viu.

Os olhos agonizantes de Azazel moviam-se em círculos, enquanto o sangue negro jorrava da boca, fazendo-o gorgolejar. Lúcifer pisou em sua barriga com força e esfregou os pés, espalhando as tripas do demônio derrotado pelo chão. Ordenou ao bode preto que devorasse as entranhas do próprio mestre e o animal maldito acatou de imediato, sem qualquer sinal de hesitação. O Senhor das Trevas olhou friamente para os membros remanescentes do conselho e perguntou se havia mais alguém disposto a se pronunciar ou se ele podia continuar o discurso sem receio de ser interrompido. Todos calaram e ele tomou isso como consentimento da segunda opção. Voltou ao trono, subindo as escadas com a mesma tranquilidade com que descera para ir de encontro a Azazel minutos antes. Observou por alguns momentos o bode refestelar-se com as vísceras do demônio da ira, que ainda estrebuchava na névoa pestilenta que cobria o piso do castelo. Depois, como se nada tivesse acontecido, falou assim o Primeiro entre os Anjos:

— Eu vou embora. E se tudo der certo, não voltarei. Mas, existe a chance do meu Pai não me aceitar... vocês sabem que Ele é meio temperamental e por vezes imprevisível, não é verdade? Pois bem, nesse caso, é bem provável que eu fique fora um tempo, mas uma hora, mais cedo ou mais tarde, vou acabar voltando. E nessa hora, espero encontrar as coisas em ordem por aqui, porque se isso acontecer, se eu tiver que voltar, com certeza estarei muito *puto*, afoito para começar logo a guerra e não vou querer perder tempo arrumando a casa, lidando com conflitos e disputas de poder entre vocês. Portanto, acredito que se faz necessário nomear um sucessor para ocupar o trono negro durante minha ausência, dure ela um dia, um mês ou, assim espero, toda a eternidade. Não vou ficar fazendo média, dizendo que confio igualmente em todos vocês, que tenho convicção de que qualquer um tem plena capacidade de me substituir à altura e *blá-blá-blá*. A verdade é que já tomei minha decisão e a única coisa

que poderia mudá-la seria o nome que estou pensando não desejar o fardo de governar no meu lugar. Para saber isso, peço que todos fiquem de pé e quem estiver disposto a se “candidatar”, avance um passo.

Lúcifer pensou que veria sete demônios avançando. Oito, caso Azazel não tivesse se rebelado e ocupasse seu lugar no conselho nesse momento, em vez de estar estirado ao chão com o braço decepado e o corpo partido em dois. Mas a cobiça, ou, na verdade, a *falta de cobiça*, de seus confrades acabou surpreendendo-o. Nem mesmo Mammon candidatou-se. Apenas dois deram o passo a frente, manifestando o desejo de ocupar o posto mais alto dentro da hierarquia infernal. Foram eles Belial e Belzebu. O demônio das moscas encarou seu concorrente com o triunfo estampado no semblante, batendo as mãos levemente, como um jogador de cartas com a certeza da vitória que lhe trará grande fortuna. O comandante militar de setenta e sete legiões lhe devolveu um olhar de desprezo. Lúcifer sorriu, deixando escapar nas entrelinhas que um daqueles dois era o escolhido que havia pensado inicialmente. Respirou fundo e decretou:

— Caros confrades, com toda formalidade do mundo, anuncio que meu substituto, que deverá ser obedecido, respeitado e receber todas as honras, deveres e atribuições do posto de Senhor das Trevas durante minha ausência será o ilustríssimo demônio... Belial.

Se ficou feliz em ouvir o próprio nome, Belial não deixou transparecer em nenhum músculo do rosto quadrado. Fez apenas uma leve reverência em agradecimento e depois não se moveu mais. Já o semblante caprino de Belzebu derretia-se em perplexidade, rancor e desapontamento. Tantos e tantos anos de *dedicação*, para receber tamanho desaforo como agradecimento? Tentou manter a compostura o máximo que pôde, mas uma lágrima de ódio acabou lhe fugindo aos olhos. Mas ninguém viu. Ninguém olha para os perdedores. Lúcifer

desceu as escadas, desejando em seu íntimo que pela última vez. Aproximou-se de Belzebu e soprou-lhe ao ouvido, em tom confidente:

— Sabe aquela história de que é melhor reinar no Inferno do que servir no Céu? É mentira, Zebuzinho... reinar no inferno é uma merda. Um fardo que eu só desejaria ao meu pior inimigo. Como nem meu Pai, nem Miguel estão por aqui, sobrou pro Belial. Acredite, você não iria gostar, não vale a pena, *mon ami*. Não vale a pena. Você entende?

— S-sim... sim, meu elucidativo Senhor. Eu... eu entendo...

— Entende porra nenhuma! – Lúcifer gargalhou, batendo nos ombros de Belzebu. – Você ‘tá puto comigo, eu sei. É normal. Mas com o tempo talvez você aceite. Na verdade, você não tem outra opção e quanto antes fizer isso, melhor. Adeus. Ou talvez... até logo.

— Até logo, meu reconfortante Senhor...

Lúcifer percorreu o salão, despedindo-se dos outros demônios que ali estavam presentes, apenas para cumprir protocolo. Parou somente para abraçar e beijar Lilith. Deixou-a implorando por mais e dirigiu-se até Belial, que agora era o Regente das Trevas.

— Comandante...

— General...

— Mantenha o exército treinado e em prontidão. Precisaremos dele, caso meu pedido de redenção não seja aceito.

— Talvez precisemos dele mesmo que sua *rendição* seja aceita, General – Belial, que era duas cabeças maior que Lúcifer, disse em tom enigmático.

— O que quer dizer? – indagou Estrela da Manhã, olhando para cima na tentativa infrutífera de ler o semblante de seu interlocutor.

— Que talvez haja guerra, mesmo que sua *rendição* seja aceita e o senhor não volte mais para cá, General. Nem todos vão querer seguir o caminho da paz, caso seu plano dê certo. A maioria aqui está tão enraizada no Inferno que já nem sonha mais em voltar ao Céu. Tenho certeza que a maior parte dos demônios inferiores sequer consegue recordar como era lá em cima e preferirá ficar aqui, tendo a pele queimada pelo fogo, do que subir lá e encarar um mundo desconhecido, provavelmente hostil. Como dizem por aí: “é preferível o mal que você conhece”, General.

— Entendo... – Lúcifer percebeu que Belial coibiria qualquer tentativa de debandada, mas decidiu que não era o momento de discutir sobre isso. – Bom, tenho certeza que você governará bem, manterá a “casa” arrumada e as espadas afiadas. Foi por isso que te escolhi, Belial. Pela sua tendência militar.

— Fiquei deveras honrado, meu Senhor.

— Ah, Belial... “deveras”, “deveras”, “deveras”... ninguém nunca te falou que essa palavra soa muito pedante? Enfim, essa conversa já se alongou demais – Lúcifer aumentou o tom, falando para todo o grupo: – Depois, joguem o corpo do Azazel no *Lago de Fogo*. Esse idiota talvez seja útil futuramente. Agora me despeço. Talvez eu os reveja aqui, talvez só os reveja nas minhas lembranças. Ou, talvez, os veja novamente do outro lado do campo de batalha e então terão a chance de me matar, como sei que já desejaram muitas vezes – o Senhor das Trevas sorriu timidamente e começou a caminhar em direção à porta. – Adeus!

“E por que não te matamos agora mesmo?”, pensou Belial, enquanto Lúcifer se afastava. Sabia que seu general era mais poderoso, mas durante a luta com Azazel percebeu que seus movimentos não estavam tão rápidos como outrora e sua técnica revelou-se imprecisa. Séculos e séculos sentado, exercitando muito a mente e pouco o corpo, pareciam tê-lo enferrujado. Durante os mesmos séculos, Belial treinara todos os dias com *Degolador de*

Arcanjos, o machado colossal. Se os outros demônios ali presentes o apoiassem na luta, com toda certeza a existência de *Estrela da Manhã* acabaria antes que cruzasse a porta. Azazel certamente o ajudaria, mas estava cortado em pedaços. Belzebu ficaria em cima do muro, dividido entre o rancor de ter sido preterido e o ódio por aquele que tomou o lugar que considerava seu por direito. Mammon era um inútil em combate, não fazia diferença. O mesmo raciocínio valia para Asmodeus. Leviatã, completamente imprevisível. Tinha quase certeza que Belphegor ficaria do seu lado e isso seria o suficiente para uma vitória certa, mas ainda restava Lilith. Belial a desprezava e sabia que seu poder de luta era quase nulo, mas algo nela o incomodava. Não sabia explicar o que era, mas sentia a confiança ser sugada das entranhas quando estava no mesmo ambiente que aquela *mulher*. Por isso não atacou Lúcifer quando ameaçou se rebelar, pouco antes de Azazel fazer o mesmo de maneira mais contundente. E por isso, por causa dessa estranha sensação causada por ela, hesitou e deixou de atacar o Senhor das Trevas, que agora abria os portões e voava para fora do castelo, em direção ao Céu.

Belial sentou-se no trono negro e dispensou os outros demônios. Ali, sozinho naquele lugar maldito, pensou um milhão de planos e maldades que poderia cometer, agora com poder absoluto sobre o Inferno. Sentiu-se bem, muito bem. Então, os músculos de sua face não conseguiram permanecer imóveis por mais tempo.

E um largo sorriso desenhou-se nos lábios do *Regente das Trevas*.

CAPÍTULO VII – O MAU FILHO A CASA TORNA

Um raio de luz irrompeu das portas do castelo negro, rasgando as trevas em grande velocidade e, por um breve instante, deixando cegos e aturdidos os guerreiros que por ali treinavam. Um instante breve, mas suficiente para despertar nesses demônios a lembrança de um tempo agora distante, de um lugar agora inacessível. A lembrança transformou-se em saudade, e logo se converteu em ódio, pois no inferno não há outro caminho para as coisas impossíveis, desejadas em segredo nos porões do coração. Algumas flechas foram disparadas por instinto, na direção em que aquele estranho rastro luminoso se projetara. Não sabiam os arqueiros que não se tratava de um invasor, mas do primeiro entre os caídos. E nenhuma seta poderia alcançá-lo.

Lúcifer sobrevoou seus domínios, observou os soldados e as almas humanas queimando em agonia, pagando por pecados há muito esquecidos, torturadas por carrascos cruéis que também sofriam e rangiam dentes, encarcerados num ciclo eterno de dor e danação. Ouviu as lamentações dos perdidos, o estalar do fogo que não se apaga e o lento arrastar dos vermes que não morrem. Ergueu os olhos para as montanhas negras, que um dia fizeram parte das planícies do Paraíso e, em seguida, baixou a cabeça para contemplar o abismo. Então o abismo o contemplou de volta, e ele apenas sorriu. Virou as costas e mergulhou no Lago de Fogo – o portal para o Céu, para a Terra e para as outras esferas de realidade. Um caminho claustrofóbico, cercado de gritos pavorosos em meio às labaredas que queimavam o espírito em dor lancinante e faziam querer voltar. O tempo deixava de existir enquanto se afundava no oceano vermelho de desespero, perdia-se a noção de ir para cima ou para baixo, se o corpo avançava ou se estava parado, emparedado eternamente no pior lugar que se poderia conceber. Por mais vezes que essa passagem fosse feita, era impossível se

acostumar. Mesmo àquele que um dia fora a luz que mais brilhava e depois se tornara a mais escura de todas as sombras, a travessia entre os planos era um evento que despertava temores.

Desnecessário descrever o alívio que sentiam os demônios ao emergir no *nada* entre o inferno e as esferas celestiais. Não era diferente com Lúcifer. O Senhor das Trevas, agora em sua antiga forma angelical, parou com mãos apoiadas aos joelhos, para recobrar o fôlego. Observou as colossais nuvens de energia, formando-se para logo em seguida desvanecer numa miríade de cores que olhos mortais jamais tomariam conhecimento da existência. A uma distância quase infinita dali, resplandecia o Paraíso. Sem pressa, o Portador da Luz bateu asas, colocando-se naquela direção. No caminho, pegou uma pequena porção da energia que fluava pelo vácuo e a ela começou a dar forma. Primeiro a cabeça, depois o corpo. Dois braços, uma cauda no lugar das pernas, olhos, nariz, orelhas, pequenas asas. Esmerou-se nos detalhes, desmanchando e recomeçando várias vezes o trabalho, sem perder a paciência com a matéria-prima que insistia em lhe escapar por entre os dedos.

— Está pronto! – Lúcifer pensou em voz alta, exprimindo a satisfação que lhe transparecia no rosto. – Agora... VIVA! – assim disse o primeiro anjo, com a mão imposta no peito da escultura.

Para orgulho do criador, a criatura abriu os olhos e logo se pôs a bater as asinhas, voando serelepe aqui e acolá. Depois de algumas voltas pelo vazio multicolorido, o ser aninhou-se no ombro do *pai*.

— Veja só, meu pequeno diabrete – disse Lúcifer. – Há tempos eu não esculpia nada e muito menos trazia a uma forma inanimada o sopro da vida. Estava meio enferrujado, tenho que admitir. Mas até que o resultado não ficou nada mau, hein? Nada mau! – ele balançou a cabeça positivamente e a criatura copiou o gesto. – Mas agora, continuemos. Vê ali em frente? – o Senhor das Trevas apontou em direção ao Paraíso, que já se avolumava no campo

de visão, cobrindo quase todo o horizonte. – É para lá que estamos indo. É um lugar legal... quer dizer, nem tão legal assim, mas acho que você vai gostar. É, você vai gostar sim. O que acha, diabrete? Por que apenas balança a cabeça e não diz nada? – Nesse momento, Lúcifer olhou intrigado para o rosto de sua criação e depois explodiu numa gargalhada. – Eu não fiz sua boca, diabrete! Mas que descuidado eu sou! Olha, eu até posso desenhá-la agora, só vai doer um pouco. É, um pouquinho só. Mas, se quer saber, acho que é melhor deixar desse jeito mesmo. Por você tudo bem? – O diabrete encarava o Portador da Luz com admiração e, mais uma vez, apenas assentiu, movendo a cabeça para cima e para baixo. – Ótimo! Então, vamos.

O *Primeiro Entre os Caídos* acelerou o ritmo das batidas de asa e logo saiu, com a beleza da *Estrela da Manhã*, entre as nuvens que ladrilhavam a parte externa do Paraíso, puras e alvas como sonhos de criança. Além das nuvens havia o portão dourado, protegido por dois serafins, guardiões incansáveis e imponentes. A pele de um deles era negra como o céu em noite sem Lua e sem estrelas e o simples vislumbre de seu semblante sereno acalmaria o mais aflito dos corações. O outro tinha a tez e os cabelos dourados, e sua presença era agradável como o Sol que derrete a neve acumulada em um longo inverno. Trajavam armaduras celestiais e reverberavam esperança por todo o universo. Seus olhos, a expressão da justiça, da honra e da bondade. Na mão direita, ostentavam uma brilhante lança de cavalaria e na esquerda, um escudo entalhado em runas sagradas e cravejado de rubis. Com exceção às penas das asas douradas, que meneavam conforme o vento, os guardiões permaneciam imóveis. Assim estavam desde que a terça parte do Céu desabara, *éons* atrás. E assim permaneceriam até o dia da derradeira batalha. Depois disso, somente o Altíssimo sabia o que haveria de acontecer.

Logo atrás do portão estava Pedro, o *Príncipe dos Apóstolos*, segurando a chave do Céu e concedendo acesso ao Reino somente às almas que possuíam o nome escrito no *Livro da Vida*. O nome daquele que se aproximava, caminhando distraído enquanto conversava com

uma estranha criatura empoleirada ao ombro, certamente não era um desses. Quando a distância entre eles era pouco menor que sete passos, Lúcifer cumprimentou:

— Pedro! Como anda a vida, tudo em paz? Faz tempo que a gente não se vê, já estava ficando com saudade...

E assim respondeu Pedro ao demônio, em uma língua já quase esquecida no mundo dos homens:

— O que quer aqui de novo, *Satanás*? Não te cansa de apanhar e de perder apostas? — o apóstolo gargalhou, com sua sagacidade de pescador. Se a provocação causou algum efeito em Lúcifer, este não moveu um músculo para demonstrar. Quando a própria risada deixou de ter graça, Pedro continuou, esticando o queixo de barba grisalha e desgrehada para o diabrete recém-trazido à existência. — E que tipo de criatura é essa aí com a qual conversa e que te olha da mesma forma que um filho admirado observa o pai?

— Gostou? Criei-o ainda agora, enquanto voava pelo vazio que separa nossas esferas. Mas ainda não lhe dei um nome — disse o Anjo Caído, na mesma língua utilizada por Pedro. — Diabitus? Mephit? Cramunhão? Estou em dúvida... — o anjo caído olhou para o alto por algum tempo, como se buscasse nas nuvens uma resposta ao mais intrincado dos enigmas, então de supetão voltou-se a Pedro, estalando os dedos com tanta alegria que fez parecer que tivera acesso a todos os segredos do universo ali naquele instante. — Já sei! O que acha de dar você um nominho a ele, *Pedróca*? Vamos, te escolhi para ser padrinho, está decidido!

— Volte para o inferno pelo mesmo caminho que veio, tome assento em seu trono e lá espere sentado, *Satanás*! Jamais eu daria nome a tal abominação! — o Apóstolo exaltou-se.

— Não fala assim perto dele, *Pedróca!* – Lúcifer sussurrou, desmanchando o semblante em inocência teatral, tapando os ouvidos do diabrete com as mãos. – Crianças são como esponjas: eles absorvem as vibrações ruins do ambiente, não sabia?

— Não me venha com suas dissimulações, Satanás! Isso não é criança, mas algo que não deveria sequer existir. Pelo visto, você não aprendeu a lição de que o poder da criação deve ser usado somente pelo Pai! – Pedro não perdera o costume de se enervar com facilidade e, nesse ponto da discussão, já estava com o rosto vermelho, com uma chuva de gotículas brancas lhe saindo da boca junto com cada palavra.

— Pedro, pensa bem – Lúcifer falou baixo, aproximando-se do portão e saboreando a ira que conseguira, quase sem esforço, despertar no apóstolo –, se o “Pai” realmente não quisesse que eu criasse as coisas e que eu não soprasse vida em criaturas como essa aqui... seria bem melhor Ele nem ter me dado esse poder, você não acha?

Pedro encarou Lúcifer com os olhos tão arregalados que pareciam prestes a saltar das órbitas. Apertou a grande chave dourada que trazia à mão direita, tão forte como se quisesse fundir os dedos ao metal e respirou fundo, uma vez, duas, três e depois outra, na esperança que os pulmões que se inflavam e esvaziavam com ferocidade lhe ajudassem a pensar em alguma argumentação. Mas a resposta, se é que havia uma, jamais veio e restou a Pedro a evasiva de ir direto ao assunto:

— Diga logo o que quer, não tenho o dia todo.

— Não? – perguntou Satanás, fingindo grande surpresa. – Caramba, poderia jurar que você ficava aqui dia e noite, procurando nome naquele livrinho e abrindo o portão, procurando nome e deixando o portão fechado, procurando nome no livro e abrindo o portão... Vendo aqui de fora parece meio monótono, sendo bem sincero, mas não é minha intenção menosprezar seu trabalho, *Pedróca*. Não mesmo, longe de mim!

— Creio que seja a hora de pedir que eles o acompanhem até a “saída”, não? – Pedro falou em tom de desafio, apontando, com olhar confiante, os dois anjos que permaneciam estáticos aos cantos do portão.

— Seria até divertido vê-los tentando a sorte, Pedro – Lúcifer respondeu com a voz transbordando malícia –, mas eu não vim até aqui para brigar. Na verdade, eu vim aqui para ver o meu Pai.

— Não há nenhum assunto que o Altíssimo tenha a tratar com você, Satanás! Vá embora! – o apóstolo exasperou-se repentinamente, mais uma vez.

— Pedróca, quase agora você falou que não tinha o dia todo, não foi? Pois é, eu também não – Estrela da Manhã falou com descaso, enquanto aproximava-se do portão. Depois completou, sussurrando como se revelasse algo constrangedor e tentasse amigavelmente poupar Pedro do escárnio dos anjos e almas humanas que já começavam a se acumular ao redor: – Em outras palavras, eu quero falar com o dono da casa, não com o porteiro. Entendeu? Então vai lá chamar o patrão, vai...

Houvesse espada por perto e Pedro ignoraria o conselho que recebera do Mestre, tantos anos atrás. Sentiu vontade de conclamar todos os anjos que por ali estivessem, os que praticavam a arte da guerra nos distantes Campos da Alvorada e também aqueles que estavam na Terra cuidando, ou tentando cuidar, da humanidade. Desejou chamar, de alguma forma, mesmo os anjos que há muito pereceram em batalha e até os que Deus ainda sequer havia criado. Todos. Queria chamar absolutamente todos, para que partissem Lúcifer em tantos pedaços que mesmo se todos os demônios do inferno trabalhassem juntos jamais seriam capazes de juntar. Porém, a completo contragosto, sua reação explosiva limitou-se a vociferar mais bravatas, que aos ouvidos do Senhor das Trevas chegavam tão inócuas quanto os gritos birrentos de uma criança mimada:

— Ele não vai querer te ver!

— Vai sim, Pedro. Eu sei que vai. Manda um anjo lá e você vai ver...

Pedro ficou ainda mais irritado diante da confiança insuportável exalada por Lúcifer e percebeu que não haveria outra solução além de enviar um mensageiro até o Altíssimo e aguardar até que retornasse com a resposta do Todo-Poderoso dizendo, obviamente, que não seria permitido ao Diabo voltar a pisar em pedra ou flor ou punhado de grama que fosse nos jardins celestiais. Chamou então um querubim que por ali perambulava, e deu a ele a instrução de que fosse o mais rápido que as asas lhe permitissem até os portões internos e lá explicasse a situação a Uriel, que por sua vez explicaria a Miguel e esse, finalmente, falaria ao Criador. Pedro completou suas ordens, dizendo que a resposta, que em seu coração já era tão certa quanto o cantar do galo pela manhã, deveria voltar com a mesma velocidade com que foi a pergunta. O jovem querubim confirmou que entendeu o recado e apressou-se na direção dos Portões de Safira.

Durante a espera, Lúcifer tentou puxar assunto, abrindo mão do costumeiro tom *amigável*, descaradamente falso, que usava sem o menor pudor quando queria provocar. Perguntou sobre iscas, se era melhor pescar com minhocas, com insetos ainda vivos ou peixes pequenos. Questionou detalhes sobre os barcos e as redes de pesca, como era possível ter noção da hora certa de puxar e se era muito pesado tirar uma rede cheia do mar. Quis saber se Pedro sentia saudade daquela época e se faria tudo de novo, mesmo a parte de ser crucificado de ponta cabeça. Disse, como se diz tentando consolar um amigo íntimo, que qualquer um ali naquelas circunstâncias teria negado Cristo ou quem quer que fosse, que não era para ele, Pedro, sentir-se culpado por isso e que a única falha dele (falha igualmente dividida entre os outros dez, Lúcifer fez questão de frisar) foi não ter percebido os planos de Judas a tempo. “Mas quem haveria de adivinhar?”, completou depois, voz embargada, transbordando

compreensão. Todo esse falatório do Diabo fazia com que a espera do querubim mensageiro se afigurasse a Pedro como uma não tão breve estadia no purgatório.

— Você não acha isso engraçado, Pedrinho? – o Senhor das Trevas continuava com as divagações prolixas. – Na hora em que saí do inferno, Ele já sabia que eu estava vindo pra cá. Na verdade, Ele já sabia bem antes... antes até de eu ter pensado nisso. Bom, mas isso não vem ao caso. Não agora. Então, o fato é que Ele ouviu a gente conversando aqui, porque Ele ouviu tudo, até o que estamos falando agora e o que nem falamos ainda. Não seria muito mais fácil abrir logo o portão no caso de, como eu imagino, Ele autorizar minha entrada? Ou, na remota chance de você estar certo e Ele não querer me ver, poderia mandar um sinal, um raio ou algo do tipo, ou simplesmente falar alto, com aquela voz de trombeta do apocalipse que Ele gosta de fazer quando está bravo, pra que a gente pudesse ouvir daqui: “não permitirei que adentre meu reino, Primeiro entre os Caídos...” – Lúcifer imitou a “voz de trombeta do apocalipse”, arrancando algumas risadas das almas humanas que aguardavam na fila para entrar (ou não) no Céu. Após breve pausa para respirar, prosseguiu: – Mas não! Pra que facilitar, né? Teve que fazer o porra do querubim ir até lá e...

— Onde pensa que está, Satanás?! – Pedro interrompeu. – Controle esse linguajar pois este é lugar sagrado. Lugar sagrado onde jamais voltará a pisar!

— Ah, Pedróca, lição de moral agora? Se me lembro bem, alguém aqui tinha uma boquinha bem suja quando a pescaria dava errado! – Lúcifer provocou. – Bom, e se vou entrar ou não, nós vamos descobrir, já, já... – esticou a sobrancelha na direção do querubim mensageiro, que despontava ao longe retornando da missão.

O querubim chegou esbaforido, demonstrando com espasmos contorcidos no semblante que cada batida de asas cobrava um enorme preço em dor. Parou diante de Pedro,

com os olhos tomados por incredulidade. Uma brisa glacial percorreu as entranhas etéreas do apóstolo, fazendo-o lembrar da época em que caminhava no mundo dos vivos.

— Então, qual foi a resposta do Altíssimo? Diga de uma vez! – Pedro ordenou, agarrando os braços do querubim e sacudindo-o como se assim pudesse fazer com que as palavras que queria ouvir saltassem da boca do mensageiro.

— O Todo-Poderoso, Criador de todas as coisas, disse que Lúcifer, aquele que brilha como a Estrela da Manhã... é bem-vindo no reino dos Céus – o incrédulo querubim repassou a mensagem que recebera de um igualmente incrédulo Uriel.

A chave do Céu, dourada e brilhante como mil sóis, tremia nas mãos de Pedro antes de ser encaixada e girada na fechadura para abrir os portões, permitindo assim que o Senhor dos Anjos Caídos entrasse no Paraíso uma vez mais. O apóstolo não acreditava. Simplesmente não acreditava. Tentou evitar que a raiva, que agora ardia até nos ossos já fossilizados no mundo dos vivos, lhe transparecesse na face ou nos atos. Resistiu o máximo que pôde. Lúcifer cruzou os portões, movendo-se lentamente, olhando com exagerada admiração para todos os lados, como se ali estivesse entrando pela primeira vez e então, como quem não quer nada, perguntou a Pedro:

— Homem de pouca fé... por que duvidaste?

Lúcifer seguiu sorrindo ao encontro de Deus.

Sem qualquer pretensão, por menor que fosse, de disfarçar a raiva, Pedro acompanhou com o olhar o inusitado visitante para quem os portões foram abertos, até que ele se perdesse de vista entre as almas humanas e angelicais que se aglomeravam no horizonte. Em seguida retornou aos afazeres, dando vazão à fila que já começava a se estender às portas do Céu. O diabo, por sua vez, passou pelo Apóstolo feito quem passa por um poste e seguiu caminhando

tranquilamente, como se por ali não tivesse deixado de caminhar um dia sequer desde que fora expulso, tantos anos atrás. Não demorou a chamar a atenção e despertar curiosidade em todos que estavam nos arredores. Os querubins pararam de tocar as harpas, pois qualquer canção que pudesse ser produzida pelo tilintar das cordas parecia perder o encanto diante de tamanha beleza. Os homens e mulheres igualmente cessaram suas atividades. Ninguém mais pescava, brincava com as borboletas coloridas, lançava gravetos aos cães para que estes os apanhassem e trouxessem de volta, como gostavam de fazer na Terra, ninguém mais cantava louvores ou apanhava frutos das árvores. Limitavam-se a cutucar uns aos outros e perguntar em voz alta a si mesmos, com a admiração imiscuída em cada olhar e palavra: “quem será aquele que vem lá? Será Miguel?”, ao que respondiam em pensamentos e sussurros boquiabertos: “ouvi dizer que Miguel tem uma cicatriz que lhe atravessa toda a face e que poucas foram as vezes em que saiu detrás dos portões de Safira. Já esse anjo não possui mácula alguma, tudo nele é belo e perfeito, desde o caminhar até o último fio de cabelo!”.

Lúcifer fingia não ouvir ou não dar muita importância a esses comentários, mas a verdade é que os escutava muito bem e com isso seu ego, que já era quase do tamanho de um pequeno universo, inflava-se ainda mais. Durante o trajeto, parou vez ou outra para brincar com as crianças que, sem os pudores envergonhados dos adultos, não perderam tempo em rodeá-lo. “Quem é você?”, “Qual é o nome desse bichinho no seu ombro?”, “Você é o anjo mais bonito que eu já vi...”, elas perguntavam e afirmavam simultaneamente, uma tentando se fazer ouvir mais que a outra, num turbilhão de vozesinhas esganiçadas que por alguns momentos fizeram o Paraíso ganhar ares de escola primária na hora do recreio. Lúcifer, feito político em época de eleição (porém com mais empolgação sincera nas palavras, há de se admitir), dizia: “É, criança... o tio Lu voltou!”. Passado o impacto inicial, alguns anjos, que de longa data conheciam aquela figura brilhante, logo trataram de tirar de perto dele as almas humanas, principalmente as crianças. O Senhor das Trevas provocou-os, dizendo-lhes que não

era necessário ficar com ciúmes. Alguns deixaram mostras evidentes de ter acusado o golpe, pois a verdade, sobretudo quando falada no tom de deboche que Lúcifer empregava com maestria e naturalidade, tem o péssimo costume de ser dolorida. Estes que se exaltaram foram controlados pelos mais tarimbados nas artimanhas do inimigo, e assim foi evitada, ou ao menos postergada, uma batalha que ninguém ali estava certo se realmente queria lutar.

O demônio seguiu jornada, com o ar jovial a despertar contemplação quase hipnótica em quem não o conhecia e os mais terríveis temores em quem sabia qual era sua verdadeira identidade. Regozijando-se em silêncio com a miríade de reações que sua simples presença causava, Lúcifer atravessou a Planície das Sete Virtudes, interrompendo a passada de vez em quando para narrar a seu diabrete eventos decorridos em outras eras. Nessas oportunidades, apontava aqui e ali e brandia as mãos no ar, gargalhava e também parava para refletir. A pequena criatura parecia ouvir tudo com atenção, mas não deu nenhum sinal se de fato estava entendendo. Não obstante, o Primeiro entre os Anjos continuou falando e falando, até que finalmente se deparou com os portões de safira, onde Uriel o aguardava com cara de quem concordava pouco, ou quase nada, com a decisão do Altíssimo de permitir que a *Serpente* novamente rastejasse em solo sagrado.

— Samael, Veneno de Deus! – o guardião cumprimentou com formalidade, mas sem disfarçar o dissabor rançoso que escorria na voz. – Não sei qual velhacaria está tramando em sua mente sórdida, mas garanto que não vai dar certo. E garanto que dessa vez não será apenas expulso... pelo menos não *inteiro*.

— Uriel! – Lúcifer cumprimentou de volta. Contemplou os arredores com o sorriso de ironia e satisfação que estava marmorizado no rosto desde que cruzara o portão guardado por Pedro, então prosseguiu: – Se tem uma coisa que sempre me deixou em dúvida é... por que será que os porteiros desse lugar não se limitam a fazer o trabalho que lhes cabe, sem

tagarelar? É sério, seria muito melhor pra todo mundo se vocês só abrissem e fechassem o portão, de biquinho calado.

— Pensei que não teria o desprazer de vê-lo, nem o infortúnio ainda maior de ouvir suas piadas carregadas de soberba, até a batalha derradeira no final dos tempos, quando hei de separar sua cabeça do corpo e costurar sua boca com linha de prata, para garantir que dela não saia mais nenhuma palavra ou sorriso – disse Uriel, com as pupilas cravadas nas de Lúcifer.

— Caramba, Uri, acho que esse não é um pensamento que um querubim bonzinho que nem você deveria ficar guardando por tanto tempo, né? Nos humanos esse tipo de coisa dá até câncer, sabia? Certamente não é bom para os anjos também. Quem avisa, amigo é! – Lúcifer falou, enquanto se aproximava lentamente, sacando a espada. – Olha, a conversa está boa, mas eu preciso ir mesmo. Sei que tem muito assunto pra gente colocar em dia, mas teremos bastante tempo depois. Imagino que você não ia me deixar entrar lá com isso – estendeu a *Aniquiladora do Caos* na direção do guardião dos portões de safira –, então segura aí até eu voltar. Tenho um carinho muito grande por essa arma, porque, afinal, *foi Deus quem me deu*. Então, cuida bem dela. – Uriel pegou a espada, controlando a vontade de usá-la naquele mesmo instante. Lúcifer finalizou: – Agora, será que dá pra abrir o portãozinho?

O querubim guardião não conseguiu conter um suspiro de desgosto, exalado ao girar a chave de luz no cadeado sagrado que selava os Portões de Safira, a barreira intransponível que separava o Templo Santo, onde *habita* o Altíssimo, do restante da criação. Lúcifer encarou a escada da purificação estendendo-se livre à sua frente, tão dourada, tão... tentadora. Depois se virou para Uriel e falou um “obrigado” que redefiniu os limites de sarcasmo que se era possível empregar numa única palavra. Ao dar o primeiro passo em direção aos degraus, porém, Uriel o interpelou:

— O acesso foi concedido somente a você, Samael. Essa criatura em seu ombro, seja lá que tipo de aberração ela for, deve permanecer fora dos portões.

— Você separaria um pai de seu filho dessa forma, Uri? Que cruel...

— General Lúcifer, minha paciência já se esgotou lá no “biquinho calado”. Não me leve a tomar atitudes que certamente farão com que eu me arrependa depois.

— Ah, Uri, Uri, Uri... levar os outros a tomar atitudes que conduzem ao arrependimento, às lágrimas e aos pulsos cortados é o que eu sei fazer de melhor! Mas eu mudei, meu caro. Como os macacos despelados protegidos de vocês costumam dizer: “as pessoas mudam”. E eu mudei – pousou a mão sobre o ombro de Uriel e lhe ofereceu a expressão amigável de quem tenta acreditar nas próprias palavras. – Vou deixar meu amigo por aqui. Vai, vai dar uma volta – disse ao enxotar o diabrete do ombro, instigando-o a voar pelos campos do Paraíso. Quando a criatura alada perseguia algumas cigarras ao longe, Lúcifer voltou-se para Uriel, concluindo antes de prosseguir no caminho até o Altíssimo: – Só fiz isso porque você me chamou de “General”.

Cruzou os portões e teve um breve *déjà-vu* da última vez em que ali estivera, e não pôde deixar de imaginar como tudo estaria se tivesse logrado êxito naquela oportunidade. Teria se entediado também de ocupar o trono celeste? Teria cansado de ser o Deus do universo, Senhor de todas as coisas e de todas as almas? Uma melancolia amarga lhe preencheu o coração e, antes que alcançasse o terceiro degrau, o sorriso havia desaparecido de seu rosto.

Foi quando Uriel dirigiu-lhe a palavra novamente:

— Lúcifer...

— Sim – respondeu o Senhor das Trevas, interrompendo momentaneamente a escalada, mas sem se virar.

— As pessoas não mudam. Por mais que os outros tentem acreditar nisso e trabalhem e se empenhem com esse propósito, infelizmente foi a essa conclusão que cheguei, depois de muito observar o mundo dos homens... as pessoas não mudam – repetiu Uriel, com certa tristeza. – Tampouco os anjos ou os demônios podem mudar – afirmou o querubim guardião dos portões de safira.

— Eu sei, Uriel. Eu sei... – Lúcifer concordou, compartilhando da mesma melancolia.

E da mesma certeza.

CAPÍTULO VIII – O ACORDO ENTRE DEUS E O DIABO

A longa subida tornou-se um intercalado de emoções e intenções conflitantes. Num degrau, Lúcifer pensava o que estava fazendo ali: envergonhava-se do papel ridículo a que estava se propondo, voltando, com o rabo entre as pernas e bandeira branca, ao lugar em que prometera retornar com um exército invencível às costas e não descansar enquanto não promovesse a mais cruel, terrível e irremediável aniquilação, e não pararia de atacar até que última pena da última asa do último anjo ainda tivesse o disparate de balançar ao vento. Imaginava se não seria melhor bolar um plano de última hora, um levante solitário, sorrateiro e inesperado, que lhe renderia o trono tão cobiçado. Mas o degrau seguinte o trazia de volta à insossa realidade que tentou negar por tanto e tanto tempo, mas agora tinha a consciência amarga de não haver como fugir: o Criador era mesmo invencível. A certeza incômoda de que naquele exato momento todos seus passos eram vigiados pelo Pai: todos os conflitos, contradições e devaneios que lhe explodiam dentro da cabeça, todos seus pensamentos, já eram de conhecimento do Altíssimo. Como seria possível vencer um inimigo assim? Ainda mais sem a essência do Caos. Sem sequer uma espada!

Ao tocar o pé em um novo degrau, porém, sempre aparecia um “e se...?” para dissipar as convicções da derrota decretada na antevéspera, clarear a visão, mostrar possibilidades ainda não imaginadas, artimanhas ainda não testadas, possíveis pontos fracos que jamais tiveram oportunidade de ser explorados. O coração se inflamava, batia acelerado acompanhando o ritmo da respiração, sentimentos há muito sepultados erguiam-se da cova, o universo adquiria cores vibrantes e parecia caber na palma da mão: todas as estrelas, galáxias, quasares e nebulosas, todos os seres que nadam, voam e rastejam, tudo que respira e se movimenta – pareciam implorar para que estivessem sob seu comando. Mas aí, vinha uma

nova passada, e com ela um novo balde de água fria nas pretensões megalomaníacas. E continuou assim, nessa escalada bipolar, até quase o final da escadaria.

Então, encontrou Miguel.

— Não sei o motivo de tua presença aqui, Samael. Mas se o Altíssimo anuiu com tua vinda, estou certo que há algum propósito maior em tão inesperada visita – o arcanjo falou, sem qualquer traço de ressentimento na voz.

— Caramba, Miguelito, você ainda fala desse jeito que dá impressão de estar descrevendo eventos épicos a cada palavra? Precisa dar uma arejada, meu amigo, aprender umas gírias novas. Você fica muito preso aqui, quase não dá as caras, parece meio antissocial... o pessoal tava até comentando disso lá fora, sabia? – Lúcifer gracejou.

— Vamos! – Miguel chamou em voz de comando, virando as costas sem dar atenção às palavras do demônio. – Acompanhar-te-ei até a entrada do Templo Santo e lá ficarei de guarda, para te dissuadir de qualquer plano sórdido que possas vir a querer colocar em prática.

— Você sozinho, Miguelito? Da última vez que a gente brigou, eu te dei a maior surra, não lembra? Ficou uma cicatriz bem feia aí no olho, inclusive – disse Lúcifer, balançando a mão em frente ao próprio rosto para simular o corte da espada. Miguel continuou caminhando. – Você nunca pensou em pedir pra Ele dar uma reconstruída nisso aí? Talvez uma compressa com água da Fonte da Vida resolva, você já tentou? De qualquer forma, eu só vim mesmo pra conversar, mas já que você está tão preocupado com a segurança do Altíssimo, te aconselho a levar mais uns guardas, só pra garantir. Apanhar de novo vai ficar feio, né? Ainda mais na frente do patrão. Bom, quem avisa amigo é! Além dis...

— TU ME ATACASTE PELAS COSTAS! – Miguel virou-se repentinamente e esbravejou, expelindo de uma vez todo o ar dos pulmões e o ranço que lhe amargava a boca durante milênios. Sua ira fez tremer as montanhas do Paraíso.

Lúcifer riu.

— Ah, Miguel, você se apega muito aos detalhes. E também, águas passadas não movem moinhos. Vamos, vou parar de lembrar os velhos tempos porque já vi que isso te deixa meio nervosinho...

O Senhor das Trevas seguiu emitindo sons anasalados, que aludiam às canções de marcha de tempos remotos. Terminaram assim os degraus restantes da Escada da Purificação, entrando no Pátio da Alvorada onde os doze serafins com túnicas prateadas guardavam a Fonte da Vida. Continuaram a caminhada, chegando ao Caminho da Perfeição – a ponte invisível que liga a morada do Altíssimo ao restante da criação. Nessa ponte, sopram ventos que deslocariam planetas de suas órbitas e a qualquer criatura, seja do Céu, do Inferno ou da Terra, é impossível voar ali. Cada passo dura uma eternidade e quanto mais se avança, mais distante o Templo Santo se parece ficar. O caminho da perfeição é infinito e apenas os mais poderosos e obstinados entre os anjos poderiam cruzá-lo. Ali estavam eles, dando passadas cada vez mais lentas, cada vez mais inúteis, sentindo as pernas fraquejarem e a vontade de dar meia volta e deixar tudo pra lá avolumando-se no peito cada vez mais. Então, o vento soprou mais forte do que jamais havia soprado e os dois levaram as mãos ao rosto, a fim de se proteger dos fragmentos de entropia que vinham cavalgando no furacão. Quando tornaram a abrir os olhos, estavam diante da morada do Altíssimo, como se ali estivessem desde sempre. Olhando para trás, a ponte era curta, envolta numa calmaria ensolarada. O Pátio da Alvorada, os doze serafins e a Fonte da Vida estavam à distância de duas ou três batidas de asas.

— É, Miguelito, parece que chegamos – disse Lúcifer, observando as imensas colunas douradas que sustentavam a entrada do Templo. – Obrigado pela companhia, mas agora pode voltar, não quero te atrapalhar não. Bom, na verdade... acho que a gente tem intimidade suficiente pra ser sincero um com o outro, né? Então vou ser bem franco: eu não quero correr o risco de você ficar aí atrás da porta como quem não quer nada, ouvindo o que eu vou falar lá dentro. É assunto de Pai e *primogênito*, sabe? Coisa particular, acho que você entende, não? Pode ir, não vou atacar o Criador, minha espada ficou lá com o Uriel, inclusive. Pode ficar tranquilo. Confia em mim.

— Samael – a voz de Miguel sibilou com ira dessa vez –, esta cicatriz, que por vontade própria ostento em meu rosto, serve para me lembrar do quão vil e traiçoeiro tu és. Jamais voltarei a confiar em ti, serpente dissimulada. E jamais abandonarei este posto de guarda, a menos que o próprio Criador ordene o contrário.

Nesse instante, uma luz capaz de ofuscar todo o universo emanou do templo. E a voz do Altíssimo se fez ouvir:

— Volte a teus afazeres, meu bom arcanjo Miguel. As palavras de Lúcifer, que veio até aqui na antiga forma de Estrela da Manhã, são verdadeiras. Não é seu intuito me atacar nesse momento.

— Olha só quem apareceu! – Lúcifer apontou com o dedo e virou a cabeça, como se aguçasse os ouvidos para ouvir melhor as palavras. – O que você estava falando mesmo, Miguelito?

— Que seja feita a vossa vontade, meu Senhor – Miguel ajoelhou-se de imediato e, em seguida, voou em direção ao Pátio da Alvorada para dar continuidade ao perpétuo treinamento de suas tropas.

Lúcifer sussurrou com entonação e empolgação de criança traquina: “se ferrôu...”, enquanto acompanhava Miguel bater em retirada. Então, o Anjo Caído entrou no Templo Santo. E assim, depois de muitos anos, Deus e o Diabo ficaram frente a frente outra vez.

* * *

Lúcifer caminhou através do salão, olhando para a abóbada de altura impossível onde diamantes, rubis, safiras e esmeraldas do tamanho de pequenos planetas estavam cravejados, cintilando feito uma colcha de estrelas. Quando chegou perto do Pai, que o aguardava no trono celestial envolto em magníficas nuvens, girou a cabeça de um lado para o outro, contemplando todo aquele espaço vazio, e perguntou com o semblante espremido em sincera curiosidade:

— Você não se sente meio sozinho aqui de vez em quando?

— Daqui ouço todas as preces dos humanos – Deus respondeu. – Os agradecimentos que alguns ainda têm o hábito de fazer quando acordam e veem o Sol brilhar mais uma vez. Os chamados pelo meu nome nas horas de desespero. Ouço os pássaros que cantam na primavera e batem asas para fugir do inverno, vejo as abelhas construindo com esmero as favas dentro das colmeias, sinto o calor dos pinguins que se amontoam em meio à neve e também a ferocidade dos ursos polares, das leoas e dos tubarões. Alegro-me com os anjos que entoam louvores debaixo do grande cipreste, com as crianças que atiram pedras no lago e com as boas almas que dão de comer a quem tem fome. Entristeço-me pelas maldades que os homens são capazes, absorvo o medo dos que morrem sozinhos na guerra, observo os vulcões, as tempestades, as estrelas que brotam no espaço vazio e os velhos que jogam migalhas aos pombos na praça. Sorrio junto com a mãe que vê o filho nascer e choro junto com os que seguram a mão de seus entes queridos durante o último suspiro. Aqui eu vejo,

ouço e sinto essas e muitas outras coisas. Em verdade te digo: aqui vejo, ouço e sinto *todas* as coisas. Então, Lúcifer, Portador da Luz... não, eu não me sinto sozinho.

— É, deve ser legal... – disse Lúcifer, arqueando a sobrancelha e enrugando o queixo numa expressão teatral de admiração e surpresa. Em seguida apontou para o teto. – Nunca pensou em mudar essa decoração? Pegar esses artistas renascentistas que estão de papo pro ar lá no Jardim e dar serviço pra eles, mandar pintar um afresco, fazer um vitral, sei lá. Tem uns aí que eram bons quando vivos, não é possível que tenham perdido a mão. De vez em quando eu peço umas coisas desse tipo para os que estão lá comigo...

— Agradeço tua sugestão, Lúcifer, Estrela da Manhã – o Altíssimo interrompeu a ladainha de seu filho pródigo. – Mas, por ora, estou satisfeito com os ornamentos de minha morada.

— Que bom, fico contente em saber – o demônio respirou fundo, já se preparando para uma nova saraivada de palavras.

— Porém – Deus antecipou-se –, tenho certeza que não fizeste tamanha jornada somente para perguntar gentilmente como me sinto na vastidão de meus aposentos, tampouco de oferecer teus préstimos como arquiteto, estou certo?

— É, acho que, de um jeito ou de outro, você sempre está – deu de ombros.

— Então, Lúcifer, Portador da Luz, sobre o que vieste falar?

— Eu vim falar disso! Exatamente disso! – Lúcifer respondeu, apontando o dedo repetidamente na direção do Altíssimo.

— Disso o quê? Seja mais específico, Estrela da Manhã.

— Disso, Pai... DISSO! – O Senhor das Trevas insistiu, agora balançando compulsivamente as mãos com as palmas abertas viradas para cima, como se estivesse prestes a dar a explicação mais óbvia do mundo. Recobrou o fôlego e a compostura e então continuou: – Desse negócio chato de você ficar perguntando coisas que já sabe as respostas.

— Como tens certeza que sei as respostas? – Deus perguntou, apurando-se em seu trono sagrado.

— Você é onisciente, não é? Sabe tudo o que já foi e ainda há de ser, não sabe?

— Já conversamos várias vezes sobre isso, Lúcifer.

— Por favor, Pai... estou pedindo “por favor” (e você sabe melhor do que ninguém o quanto isso é difícil), então, por favor, me responda diretamente: você já não sabe porque estou aqui? Não sabia, antes mesmo de me criar, que um dia eu me rebelaria, tentaria subir até aqui para te arrancar do trono e acabaria derrotado, escorraçado do Céu para sempre? Não sabe de todas as reflexões que tive durante esse tempo e da conclusão que me levou a abandonar meus domínios e vir até aqui? Não ouviu a conversa que tive com Pedro, com Uriel e Miguel? Não está consciente das tentações com que lidei há pouco, dos planos para te destruir que pulularam em minha mente enquanto eu subia as escadas? Diga-me, Pai. Responda-me diretamente, só dessa vez, por favor... você já não sabia de tudo isso?

— Sim, Eu sabia – Deus confirmou, com a alegria na voz ecoando por todo o templo, reverberando nas pilastras douradas e nas ametistas que ornavam os vitrais.

— Então, Pai... por quê? Por que, *em teu santo nome*, você faz essas perguntas? É por acaso algum tipo de tortura? Você sente prazer em me fazer de bobo ou algo assim? Quer testar suas habilidades e adivinhar exatamente as palavras que vou falar? É um jogo para que

eu fique pensando nas palavras que jamais usaria para então dizê-las na intenção de te fazer errar? Por que, Pai? Por quê?

— No início – Deus começou a responder após breve pausa –, todo o universo era apenas silêncio. Tu consegues imaginar isso, Lúcifer? Eu criei o Paraíso, esse templo e esse trono. Nele me sentei e por muito tempo permaneci sem que som algum chegasse aos meus ouvidos. Então, estalei os dedos e o ar movimentou-se, passando entre as folhas das árvores e a relva que recobre o campo. O farfalhar das folhas das árvores e da relva do campo alegrou-me e vi que isso era bom. Fiz as estrelas e, por muito tempo, permaneci bem perto delas, escutando o crepitar das labaredas; criei pássaros que cantavam e junto a eles sorri incontáveis sorrisos, criei mares e dormi infinitas noites sob o doce som das ondas que quebravam espumadas na areia branca, ouvi de perto o estrondo dos vulcões e das tempestades. E vi que tudo isso era bom. Mas chegou um tempo em que mesmo Eu, que sou Senhor de todas as coisas, me senti só. Foi então que realizei minha mais bela criação – Deus sorriu, encarando os olhos de Lúcifer com ternura. – Alguém com quem pude conversar por uma quase eternidade, um filho amoroso que sempre me surpreendia com novas canções e novos poemas. Ah, quando tu cantavas, todo universo parava para escutar! Jamais existiu ou existirá voz igual a tua, Lúcifer, Estrela da Manhã. Lembra-te do *Poema da Criação* que compuseste e declamaste com maestria sem igual?

— Lembro vagamente... – o Diabo respondeu, fingindo dar pouca atenção aos elogios que recebera.

— Poderia declamá-lo novamente?

— Agora?

— Quando mais?

— Ah, Pai... agora não. Quem sabe outro dia? É que hoje eu não vim preparado, sabe como é? – Lúcifer disfarçou.

— Tudo bem, filho. Não é minha intenção te forçar a nada.

Deus disse isso e, depois, permaneceram em silêncio por alguns segundos que pareceram se arrastar por séculos.

— Tá, já entendi – o Anjo Caído, já agoniado, quebrou o silêncio. – Agora, mesmo já sabendo o que eu vou falar, você quer ouvir da minha boca, não é isso?

— Exatamente! – o Altíssimo recostou-se no trono, semblante tomado por radiante satisfação.

O Primeiro entre os Caídos cerrou punhos e dentes, respirou fundo e deu uma boa olhada à volta, lembrando-se de tudo que já havia refletido até então e convenceu a si próprio uma vez mais de que qualquer tentativa de ataque direto contra o Criador seria absolutamente ineficaz, que fazer isso era sinônimo de ser expulso novamente do Paraíso, sob o olhar severo e desprovido de qualquer orgulho de Miguel (e essa ausência de soberba na alma do irmão era o que mais o irritava), e voltar para o inferno com o rabo entre as pernas, para receber o olhar triunfante (de quem se sente vitorioso com a derrota alheia) de Belial (e esse certamente o irritaria ainda mais). “Não, qualquer coisa menos isso...”, pensou. Abriu e fechou os dedos, relaxou a mandíbula e começou a falar:

— Então, pra resumir a história e não te encher com detalhes desnecessários, é o seguinte: eu me toquei que é inútil continuar travando essa batalha entre Céu e Inferno. Digo inútil porque agora tenho consciência de que não importa o que eu faça, vou acabar me estrepando no final, que não tem jeito, que não tenho a menor chance de te vencer e tal. Daí, eu engoli meu orgulho (e você sabe que isso foi mais difícil do que pedir “por favor”), deixei

o cabeçudo do Belial tomando conta lá de baixo por um tempo e vim pra cá com duas bandeiras brancas presas à testa, uma no lugar de cada chifre, perguntar o que preciso fazer pra gente selar um acordo de paz, voltar as coisas como eram antes, ou o mais próximo disso que seja possível, depois de tudo que aconteceu. Bom, mais ou menos isso.

O Altíssimo uniu as pontas dos dedos em frente ao peito e encarou Lúcifer por momentos silenciosos, ponderando sobre as palavras que acabara de ouvir. Então se ergueu do trono, uniu as mãos às costas e iniciou uma caminhada de passos pesados, sem direção definida. Seus pés deixavam rastros em forma de ondas de luz no piso, que mais parecia um espelho a refletir a abóbada, e ecoavam pelo amplo salão como notas perfeitas extraídas do mais afinado instrumento musical. Passou quase distraidamente ao lado do Anjo Caído e lhe falou essas palavras:

— As coisas não são assim tão simples, Estrela da Manhã.

— Por quê? – Lúcifer encarou-o com surpresa.

— Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado, até que se achou iniquidade em ti – Deus respondeu. – Tu me traíste da pior maneira que se poderia conceber. Lideraste um motim despropositado, que teve como resultado a queda da terça parte dos meus anjos. Não é algo que se resolva com uma bandeira branca, ou duas...

— Você não é capaz de perdoar? – o Diabo perguntou, num raro tom que empregava menos malícia que curiosidade.

— Claro que Sou. E, diferente dos anjos e dos homens, a quem perdoar é uma coisa e esquecer é outra, tudo que perdoo é atirado para sempre no mar do esquecimento.

— Se você tivesse dado aos humanos esse dom de esquecer completamente as ofensas, teria dificultado um bocado o meu trabalho – Lúcifer divagou, balbuciando para si mesmo

com os olhos mirando o chão espelhado. – Mas, voltando ao assunto: então, por que você não me perdoa e esquece o que aconteceu?

— Exatamente isso que não é tão simples, Portador da Luz. Para que Eu possa perdoar, é necessário que antes haja arrependimento.

— Eu me arrependo – o Diabo adiantou-se.

— Arrependimento *sincero*, Lúcifer! – Deus cortou rapidamente, com uma pequena amostra da cólera divina transparecendo na voz. Depois retomou o tom sereno: – Tu não estás arrependido. Estás apenas triste e amargurado porque as coisas não saíram como planejavas. Ainda há pouco pensavas num modo de me atacar e só foste dissuadido dessa ideia por concluir que serias novamente derrotado. Não é verdade? Arrependimento é diferente de deixar de fazer algo por perceber que não vai dar certo.

— Pra mim é a mesma coisa – Lúcifer comentou, cruzando os braços e fazendo uma careta emburrada.

— Pois em verdade te digo que não, Estrela da Manhã. Não é a mesma coisa.

— Tá, digamos que, por mais que tente, eu não consiga me arrepender de maneira sincera, nem hoje, nem daqui um milhão de anos. Tem alguma outra coisa que eu possa fazer para que as coisas voltem a ser como eram antes? Antes da queda, eu quero dizer...

— Podes voltar a me amar como amavas antes – Deus respondeu, com um sorriso jovial.

— Como eu te amava antes da queda, antes das guerras contra o Caos, antes de você criar os humanos, o Miguel e os outros anjos? Como eu te amava quando éramos só nós dois, Pai e filho caminhando por um universo infinito, é isso? – Lúcifer perguntou, com uma

emoção, há muito não sentida, amarrando a garganta e atrapalhando a correta entonação de algumas palavras.

— Sim, filho. Exatamente isso.

Lúcifer imergiu num oceano interno de silêncio e reflexões, lembrando-se de dias que há muito não ousava lembrar, dias que há muito decidira relegar a um canto escuro da memória e fingir que sequer tivessem acontecido. Os dias em que era o único anjo a habitar o Céu, em que amava o Pai de todo coração, de toda alma e todo entendimento, sem qualquer mácula, sem qualquer questionamento ou porém. Dias em que se preocupava apenas em compor canções e escrever poesias para mostrá-las ao Altíssimo e com Ele se alegrar.

Os dias mais felizes de sua vida.

Em verdade, os *únicos* dias felizes de sua vida.

— Você destruiria o mundo dos homens, apagaria da existência todos os outros anjos e apagaria da minha memória todas as lembranças das coisas que se passaram desde aquela vez em que conversamos à beira da Fonte da Vida? A vez em que te vi criando Miguel e senti ciúme, raiva e cobiça pela primeira vez? Você faria essas coisas por mim?

— Não, não faria – Deus respondeu sem hesitação, mas não sem certa tristeza.

— Nós dois sabemos que é impossível que eu volte a te amar como amava antes, sem que as coisas voltem a ser como eram antes e, principalmente, com as lembranças do que aconteceu depois martelando na cabeça o tempo todo – Lúcifer concluiu, abatido. – Hoje, depois de tanta coisa que já fiz, depois de tanto ódio e rancor que cultivei em tantos corações, principalmente no meu próprio, já nem sei se ainda sou capaz de amar a você, aos anjos, aos demônios ou qualquer outra coisa. Sou?

— Sim, Lúcifer. O amor é uma dádiva acessível a todas as criaturas sem exceção, a qualquer momento. Não importa quanto uma alma esteja submersa nas trevas, ela ainda é capaz de amar e de retomar o caminho da luz. Qualquer alma. Até mesmo a sua... — o Altíssimo respondeu, voltando a tomar assento no trono celestial.

— Tudo bem, eu abro mão da minha vontade, me faça voltar a amar. Estale os dedos e livre a minha alma de todos os sentimentos ruins e depois preencha tudo com amor, até transbordar. Eu quero amar todo mundo! Você, os humanos, os passarinhos, os outros anjos... até o Miguel e o Belial! Você pode fazer isso? — Lúcifer perguntou em tom de desafio.

— Eu posso fazer qualquer coisa. Mas essa eu não faria.

— Por quê?

— Porque tudo posso, mas nem tudo me convém! — Deus esbravejou. — Que valor teria esse amor, me diga? Nenhum! O amor só vale quando é a opção que se escolhe em meio a infinitas outras possibilidades.

— Parece que caímos num beco sem saída, então — o Primeiro entre os Anjos abriu os braços, conformado. — Eu posso até falar que te amo agora, mas você saberia que não é verdade, saberia que é da boca pra fora e não de coração. Poderia ficar aqui um tempo, para ver se o amor volta a florescer como algo mágico no meu peito, mas duvido muito que isso aconteça. Se bem me conheço, em pouco tempo estaria corrompendo outros anjos para tentar novo levante. Então, eu volto lá para o Inferno, pra continuar traçando planos de uma guerra que já sei de antemão que está perdida, ou tem algum outro jeito, alguma outra coisa que possa fazer para selar esse acordo de paz, para me redimir?

Deus ouviu as palavras de Lúcifer e olhou em seu coração. E viu que aquela era uma rara oportunidade em que o Senhor das Trevas falava em tom humilde e sincero. E viu

também que a vontade de mudar, mesmo que originada pelos motivos errados, era genuína. Então, o Altíssimo decidiu que seria justo dar uma chance de redenção àquele que agora possuía a alma mais cheia de trevas em toda a criação, mas que um dia já fora a alma que brilhava como a Estrela da Manhã. Dessa forma, propôs Ele ao Diabo:

— Enviar-te-ei ao mundo dos vivos, para que convivas com eles. Tua missão será fazer algo bom pela humanidade e por ti mesmo. Se conseguires isso, ponderarei com mais calma sobre teu pedido de redenção.

— O que seria exatamente esse “fazer algo bom”? – Lúcifer perguntou, coçando o queixo.

— Ora, tu não foste criado apenas como o mais belo entre os anjos, mas também como o mais inteligente. Estou certo que conseguirás pensar em algo.

— Você tem noção do quanto é difícil arrancar uma resposta direta sua? Bom, seja como for, eu topo. Parece que será no mínimo divertido.

— Ótimo! – Deus alegrou-se. – Apenas uma coisa mais: na Terra, permanecerás com teus poderes de anjo, mas não poderás usá-los. Caso os utilize, em qualquer circunstância, o trato estará desfeito. Terás que viver e agir como um homem comum, pelo tempo que permaneceres por lá.

— Hum... – Lúcifer tentou imaginar as implicações daquilo. – Isso tá parecendo mais o tipo de cláusula que eu coloco nos contratos de compra de alma, mas tudo bem. Como dizem na Terra: “já que estamos no inferno, então vamos logo abraçar o capeta!”.

Deus balançou a cabeça em desaprovação, mas sorriu. Depois, estalou os dedos.

E assim, Lúcifer materializou-se no mundo dos homens.

CAPÍTULO IX – O PÃO QUE O DIABO AMASSOU

Lúcifer mergulhou num mundo de escuridão. Não a escuridão fria e agonizante igual a que estava acostumado depois de séculos e séculos no comando do Inferno, mas a escuridão silenciosa da não existência. Depois de um segundo ou, talvez, de uma eternidade, sua alma trouxe à tona, em forma de sonhos, lembranças que julgava perdidas, eventos tão distantes e ao mesmo tempo tão próximos, recheados de detalhes que causavam estranheza: objetos que pareciam ter outras cores, pessoas que pareciam ter outras vozes, ações e reações que o tempo havia cuidado de deixar mais palatáveis e agora se revelavam com a crueza da realidade. A realidade que só pode ser reconstruída no reino onírico, quando a consciência baixa a guarda e os tormentos da memória podem se mostrar como realmente são. Sonhou com os campos verdes do Céu, com acordes de harpa, com poemas que não terminou e haveriam de ficar inacabados para sempre. Sonhou também com frutos proibidos, com os seios e o ventre nu de Eva, com a derrota que sofrera nos quarenta dias do deserto, com crucificações e com os três dias de desforra. Tão curtos. Sonhou com o Pai, com Miguel, Belial, Lilith e todos os outros anjos e demônios. Sonhou com o Lago de Fogo e com a Fonte da Vida. Aquela água cristalina. Água... tão fria. Água... tão... molhada. Água... Água...

— Acorda, vagabundo! – o homem de camisa azul e bigodinho fino gritou, enquanto esguichava com a mangueira para expulsar Lúcifer da calçada em frente à porta de metal. – Vai, filha da puta, anda! – insistiu, direcionando o jato d’água para o rosto do Primeiro entre os Anjos, que levantou cambaleando, tentando se proteger com as mãos, sem fazer a menor ideia do que estava se passando. – Vai, vai dormir pra lá. Olha aí, que merda, cheiro de mijo que esses porras deixam na porta da minha loja! – Lúcifer se afastou e agora o homem de

bigode fino praguejava em voz alta, lavando a calçada amarelada pela urina dos cães, dos mendigos e dos boêmios.

Recuperado do “ataque surpresa” e com os olhos acostumados à luz do Sol, Lúcifer se sentou em um banco da praça, em frente à loja de ferramentas e materiais de construção de onde acabara de ser enxotado feito cão vadio. Teve o ímpeto de atravessar a rua de volta, entrar na loja, pegar um martelo e bater naquele homem até a camisa azul ficar vermelha e até que em seu rosto não sobrassem vestígios de bigode fino, nem de nariz, nem de dentes, nem de olhos, nem de nada. Mas se controlou. Ainda era demasiado cedo para colocar tudo a perder. Porém, marcou bem o rosto, para o caso de algum dia reencontrá-lo no Inferno: certamente aquela alma teria um tratamento *especial* se isso acontecesse. Observou ao redor – uma estátua, de um grande poeta, com o metal escuro sufocado sob as fezes dos pombos e a placa explicativa (que podia se contar nos dedos quantas vezes havia sido lida desde a inauguração), ganhando ares carnavalescos com as pichações que se sobrepunham dia a dia; um morador de rua fuçando as lixeiras e conversando consigo próprio, como se o futuro da humanidade dependesse das decisões tomadas naquele “debate”; alguns pardaizinhos que se amontoavam perto da estátua, disputando, a bicadas, as pipocas que duas amigas com uniforme escolar deixaram cair; os ônibus lotados freando raivosos e contrariando leis da física ao ficar ainda mais cheios, depois de pegar as pessoas com cara de sono no ponto ali perto; a velha senhora com lenço rosa cobrindo a cabeça, atirando migalhas aos pássaros com toda solidão do mundo refletida nos olhos; a menina suja chorando num canto, com a mão estendida aos passos indiferentes de toda aquela gente de bem que caminhava apressada para as repartições, para as lojas, para as pias e privadas, para os computadores, cafés, restaurantes, cartórios e sabia Deus mais para onde.

“Caramba, o que é que eu tô fazendo aqui?”, foi a primeira coisa que Lúcifer pensou após suas observações. Imaginou o que estariam comentando a seu respeito no Inferno a essa

altura, e não conseguiu deixar de se sentir ridículo. Um sentimento que fez as bochechas formigarem e o rosto queimar em brasa. Sensações novas, que lhe despertaram repentinamente a curiosidade em relação à própria aparência. Mãos e pés estavam imundos, com encardidos debaixo das unhas que não davam mostras que sairiam mesmo se mergulhados no Lago de Fogo. Foi até a vitrine de um estabelecimento próximo à praça e, antes que fosse mais uma vez escorraçado, conseguiu ver que trajava o “uniforme” de mendigo, dos sapatos largos e furados à manta cinza, que arrastara até aquele momento sem perceber. A beleza de seu rosto estava submersa em camadas e mais camadas de rugas e sujeira, barba e cabelo desgrenhados, esbranquiçados pelo Sol. Segurou um fio aleatório e fez menção de arrancá-lo, mas apenas ficou com ele preso entre polegar e indicador por um tempo. Sentiu-se triste e completamente sem rumo.

“Isso é parte do teste, é evidente”, começou a pensar, retomando assento no banco. “Agora eu tenho que fazer algo bom por esses idiotas, mas o quê? Bom, talvez pudesse começar conversando com aquela menina...”. Lúçifer encarou a garota pedinte que ainda chorava com o braço estendido, sem muito sucesso na arrecadação das esmolas. Levantou-se, enchendo os pulmões de coragem e foi até ela.

— Oi, menina... – cumprimentou com cordialidade e um sorriso que a garota não viu, por estar com a cabeça abaixada. – Por que está chorando? – esforçou-se para soar interessado, mas suas dissimulações ainda não estavam adaptadas ao novo corpo e a voz acabou saindo esganiçada.

— Eu tô com muita fome, moço! – ela respondeu, de um jeito que cortaria o coração de uma rocha. – Dá um trocado, pelo amor de... – Nesse momento, a menina ergueu os olhos e notou que falava com um mendigo. Seu semblante então ganhou ares de ódio e malícia que

Lúcifer não via desde que deixara o Inferno. – *Quê que* ‘cê quer aqui, vacilão? Tá me atrapalhando, sai fora, ninguém vai me dar dinheiro com você aí do lado! Vaza, porra!

Sem conseguir responder nada, o Diabo limitou-se a retornar ao banco, e repensar as estratégias. Estava apenas há alguns minutos entre os humanos e já os odiava ainda mais do que quando abandonara o Castelo das Trevas. Outra menina, com roupas rasgadas e rosto sujo, tão ou ainda mais nova do que aquela com quem acabara de conversar, sentou-se a seu lado.

— ‘Cê é novo aqui, né, tio? – ela perguntou, balançando as pernas que não alcançavam o chão e encarando Lúcifer, com um olho fechado e outro aberto.

— É... de certa forma, acho que se pode dizer que sim – o Senhor das Trevas respondeu, sem muito interesse.

— Meu nome é Gisele, mas todo mundo me chama de Giza. E o seu?

— Meu nome é... – Lúcifer travou por alguns instantes. Não havia pensado em como poderia se apresentar no mundo dos vivos sem gerar olhares horrorizados. – Meu nome é Lucien. Isso, Lu-ci-en! – Testou a sonoridade das sílabas, sem receio de parecer maluco. – Mas pode me chamar de “Lu”.

— Vou te chamar de “tio”! – a menina decretou, assim que Lúcifer acabou de falar. – E por que você tá tão pensativo, hein, tio?

— Você não acha que é curiosa demais pra uma menininha de... oito anos?

— Dez, tio. Já tenho dez e mês que vem faço onze. Mas não foge da minha pergunta não, por que você tá aí todo molhado e todo jururu?

— Bom, estou molhado porque o simpático senhor daquela loja de ferramentas fez o favor de me acordar com um belo banho...

— Ah, tio, ‘cê vacilou também, né? Pessoal das lojas tá fazendo isso agora, melhor arrumar outro canto. Mas continua, por que essa cara de quem comeu e não gostou?

— É que... – Lúcifer não sabia ao certo porque estava fazendo aquilo, mas sentiu uma vontade estranha de *desabafar* com a menina que acabara de conhecer. Percebia esse comportamento quando observava os humanos: alguns eram capazes de contar a vida toda e expor terríveis medos e anseios a completos desconhecidos com quem esbarravam nos ônibus, trens ou filas e permanecer no mais sepulcral dos silêncios quando estavam na presença de maridos, esposas, familiares e amigos de longa data. A intimidade e o tempo de convivência pareciam tirar das pessoas o gosto pela conversa, enquanto um rosto novo sempre fazia reacender a chama que aquecia o espírito e gerava uma comichão nas cordas vocais. Era essa vontade de falar e revelar segredos que Lúcifer sentia agora. – É que eu tenho que fazer uma coisa, mas não sei muito bem o que é. E também não sei direito se eu realmente quero fazer essa coisa que eu tenho que fazer, mesmo se soubesse o que é essa coisa. Entendeu?

— Nadinha! – a menina riu.

— Nem eu! – Lúcifer também experimentou uma gargalhada. – Acho que, resumindo, eu estou meio perdido. É mais ou menos isso.

— Olha, tio, não sei se vai adiantar algum lado pra você, mas vou te falar uma parada que a minha mãe sempre falava quando descobria que eu tinha feito alguma coisa errada na escola ou algo do tipo. Ela me chacoalhava pelo ombro e gritava: “Gisele, da próxima vez você pensa o seguinte antes de sair por aí fazendo besteira: o que Jesus faria nessa situação?” – a menina falou, imitando a voz e a “chacoalhada” da mãe.

— Hum... – Lúcifer fez uma cara de asco. – Acho que vou tentar uma ou duas coisas antes de experimentar essa técnica. Mas isso dá certo pra você?

— Algumas poucas vezes, sim. Mas, na maioria, eu só lembro de Jesus depois de já ter feito a burrada – Gisele encolheu os ombros, como se não desse muita importância a isso.

— Você tem mãe? Escola? Como veio parar na rua? – Lúcifer aprumou-se no banco.

— ‘Cê não acha que tá querendo saber demais pra um tiozinho de... quarenta? Quarenta anos? – a menina provocou.

— É um pouquinho mais que isso, mas... sempre bom ouvir a idade errada pra menos – o Senhor das Trevas respondeu com uma alegria que o deixou surpreso. – Agora, para de fugir da minha pergunta.

— Eu morava com a minha mãe, meu pai e três irmãos – as pernas pararam de balançar e o olhar fixou-se triste em algum ponto da calçada. – A gente morava num barraco e dormia amontoado um por cima do outro, mas era melhor que dormir debaixo de papelão. Meu pai era ciumento e bebia mais que gambá... bom, eu nem sei o que é um gambá e nem sei se o bicho bebe, era minha mãe que falava isso – Giza deu um riso anasalado. – Ele vivia ameaçando que se pegasse minha mãe dando confiança pra outro macho não ia prestar, que ia bater nela até ela morrer. Essas coisas. Não sei se minha mãe deu “confiança pra outro macho”, só sei que um dia meu pai chegou em casa mais travado que de costume e cumpriu a ameaça. Montou em cima dela no sofá, bem na nossa frente e começou a bater – Gisele imitou os golpes, batendo no ar. – Meu irmão maior não estava em casa, o do meio tentou ajudar, mas levou uma que arrancou os dentes. Eu fiquei escondida debaixo da mesa, tapando os olhos do caçula e vendo aquele animal acabar com a vida da minha mãe, com um tijolo que ele pegou sei lá da onde. Ela foi pro cemitério, ele pra cadeia e a gente fugiu pra rua.

— É, acho que seu pai não pensou no que Jesus faria naquela situação – Lúcifer falou baixo, erguendo as sobrancelhas e tentando controlar o tom sarcástico.

— É, acho que não...

— E os seus irmãos? – o Portador da Luz perguntou, tentando mudar o assunto para algo mais agradável.

— O menor morreu de asma, na terceira noite gelada que a gente passou aqui. O mais velho entra e sai toda hora da *Fundação Casa* e o outro tá indo pro mesmo caminho. Difícil ver eles dois. Também, não faço nem questão – Giza deu de ombros, mantendo os olhos perdidos nos ladrilhos sujos da calçada.

Lúcifer permaneceu em silêncio, refletindo sobre o que acabara de ouvir. Lembrou-se, com certo orgulho, de quantas famílias ele próprio já havia destruído pessoalmente, valendo-se das mesmas velhas armas, que quando combinadas geravam um efeito devastador: ciúme e bebida. Olhou para aquela menina maltrapilha e sentiu vontade de conversar mais, de ouvir mais a voz fina que falava com entonação de malandro, com a malícia das ruas e o amargor com que falam aqueles que já sofreram muito na vida, mas que, ao mesmo tempo, era imbuída de uma doçura que lhe trazia à memória o som da velha harpa. De súbito, a menina voltou a balançar as pernas e falou, com a tristeza saindo do semblante sem deixar vestígios:

— Eu não gosto de ficar pedindo esmola – ela apontou com a cabeça na direção da outra menina, que continuava com o choro sem lágrimas na esquina. – Prefiro fazer um corre.

— “Fazer um corre”? Estou desatualizado das gírias... o que seria isso, mais especificamente? – Lúcifer agora olhava para ela com curiosidade.

— Ah, tio. Tem um monte de corre que dá pra fazer. Tava pensando num esquema novo, inclusive. E ia precisar de um adulto pra ajudar... tá a fim? – a garota propôs, tirando um saco plástico do bolso da bermuda.

Lúcifer não sabia qual era exatamente a proposta, mas tinha consciência que aquela gíria implicava na prática de alguma modalidade de furto. Sua primeira reação foi de satisfação, pela pequena alma que se corrompia desde cedo, mas lembrou do porquê de estar ali, com uma certeza cada vez maior de que aquilo não iria dar certo. Ouviu algumas vezes, da boca de alguns humanos, desses que discursam melhor do que colocam em prática os próprios ensinamentos, que fazer o bem, mesmo que por pura obrigação, mesmo que para isso fosse preciso dobrar a própria vontade e remar contra os instintos naturais, seria um caminho para purificar a alma e torná-la boa. Sempre considerou isso uma completa bobagem, apesar de ter presenciado, ao longo da história, um ou outro caso em que a “técnica” surtiu algum efeito. Mas, agora, encarava esse dogma como um possível caminho inicial em sua jornada. Ora, não havia nada a perder, afinal.

— Não sei, Giza. Não sei se “fazer um corre” é uma boa ideia – as palavras saíram frias, sem a menor convicção. – Provavelmente é por causa desse tipo de coisa que seu irmão mais velho foi parar na casa de recupe... heii, o que é isso? – Lúcifer se surpreendeu quando a menina começou a inalar dentro do saco plástico.

— Cola de sapateiro – Giza respondeu com a maior naturalidade do mundo. – Ajuda a tapear o estômago. Tá a fim, tio?

— Isso faz mal, não faz? – a pergunta saiu com preocupação mais sincera do que Lúcifer esperava.

— Passar fome também faz... – ela encerrou o assunto.

Fome. Então era assim. Outra sensação nova para o Primeiro entre os Anjos. Um barulho vindo do estômago, uma dor vazia que tirava as forças e incomodava. Então, de repente, Lúcifer não conseguia mais pensar em redenção, nem em salvação ou danação, em guerra, em bem e mal, nem em mais nada. Só conseguia pensar em calar aquele animal feroz rosnando na própria barriga, em saciar o instinto primitivo que tantas vezes havia usado a seu favor para corromper os homens. Imaginou uma voz a lhe soprar nos ouvidos, em tom de desafio: “Não és tu o mais poderoso dos anjos? Transforma aquelas pedras em pão e mata tua fome!”. Imaginou-se fuçando as lixeiras, à caça de sobras deixadas pelo outro mendigo que passara por ali antes. Imaginou o que os demônios pensariam se o vissem em situação tão humilhante. Jamais recuperaria o moral, concluiu.

Sentindo-se sem escolha, levantou-se decidido e falou:

— Tá bom, menina. Vamos fazer esse tal desse corre.

CAPÍTULO X – FAZENDO UM “CORRE”

Giza puxou “Lucien” pelo braço, erguendo-o do banco. Estava empolgada de um jeito contagiante como só as crianças, mesmo as que já viram e sentiram coisas que ninguém de nenhuma idade deveria ter visto e sentido, conseguem ficar. Não fazia, evidentemente, a menor ideia de que se afeiçoara de imediato e agora arrastava pelas mãos aquele que já fora o Portador da Luz, o Primeiro entre os Anjos e também o Primeiro entre os Caídos, aquele que brilhava como a Estrela da Manhã e depois se deixou consumir até se tornar a representação máxima das trevas. Aquele que agora descobria um mundo repleto de sensações novas e, mesmo sem saber ao certo o que encontraria, estava disposto a trilhar os caminhos que se apresentassem à frente, destemido e alegre feito desbravador colocando os pés na terra firme de um continente virgem, após extenuante viagem por um oceano repetitivo.

Chegaram numa esquina infestada de gente que ia e vinha para todo lado num frenesi caótico e ao mesmo tempo sincronizado, digitando mensagens apressadas no celular, fumando, imersas no universo particular dos fones de ouvido, vendo as manchetes do caderno de esportes e as capas de revista de mulher pelada que se apinhavam chamativas nas vitrines das bancas, conversando por obrigação com colegas de trabalho que encontraram no caminho, praguejando sozinhas sobre o trânsito, sobre a poluição, a lotação do metrô, o motorista do ônibus que não parou no ponto, as calçadas quebradas onde os saltos teimavam em ficar presos, o fedor dos bueiros e dos mendigos, o patrão que já não se aguentava nem ver mais a cara quanto mais ouvir a voz cobrando alguma coisa, o Sol forte, o café fraco, a chuva que sempre caía na hora de ir embora e insistia em não encher a represa, sobre o vento que aos olhos trazia poeira e sobre tudo mais que se podia praguejar a respeito dos infortúnios e desventuras da vida cotidiana.

Gisele começou então a explicar o plano a Lúcifer. A voz estridente de menina quase não se fazia ouvir em meio ao alarido das buzinas e dos incessantes fragmentos de conversa dos transeuntes, os olhinhos brilhavam e as mãozinhas não paravam de gesticular, com a firmeza e a convicção de um tenente que explica complexas estratégias de guerra aos soldados sob comando:

— É fácil, tio. Você só tem que fingir que é retardado.

— O quê???

— Retardado, tio! *Mongolóide*, assim, ó... – Gisele revirou os olhos, torceu a boca e o pescoço e trouxe as mãos junto ao corpo, como se fossem as patas de um Tiranossauro Rex. – Se você conseguir babar, é melhor ainda.

— Tá, mas no que isso vai ajudar?

— Então, tio, deixa eu terminar – Giza voltou a falar, com aquela certeza que só têm os loucos e os inocentes. – Eu vou falar pras pessoas que você é meu pai e que tá precisando de um tratamento e que no hospital público a fila tá pra mais de dois anos e se você não fizer a cirurgia logo vai morrer ou ficar vegetando numa maca pelo resto da vida, tá ligado?

— Pensei que você não gostasse de pedir esmolas... – Lúcifer observou, com o sarcasmo que não o abandonava, fosse em forma de anjo, demônio ou humano.

— Não, tio, não é esmola não! Se liga no movimento! Quando eles tirarem a carteira do bolso, pra pegar a grana pra te ajudar, aí é que começa o corre... – ela exibiu o ar de triunfo instrutivo do enxadrista experiente que dá xeque-mate num novato. – Presta atenção, hein, tio! Nessa hora que ele ou ela puxar a carteira, você tosse com força, geme e olha pro alto, que nem se tivesse engasgado com alguma coisa, tá ligado? E também não esquece de dar um passo na direção da pessoa. Se você fizer direitinho, vai chamar a atenção e daí eu dou um

bote na carteira e saio correndo. Você vai ter fechado o caminho com o passo à frente e aí já era, ninguém me pega mais. E aí, o que achou? – ela perguntou com os olhos de jabuticaba cravados nos de Lúcifer, sorrindo com o rosto inteiro, alegria transbordando no semblante.

— Quer que eu fale com sinceridade?

— Claro! – Giza afirmou, colocando as mãos na cintura e erguendo a sobrancelha esquerda numa cara desconfiada que deixava ainda mais evidente a covinha na bochecha.

— É a ideia mais idiota que eu já ouvi – Lúcifer falou em tom de brincadeira. – E olha que já escutei várias, pode acreditar!

— Você tem alguma ideia melhor, tio? – ela perguntou, sem se deixar abalar.

— Hum... por que a gente não faz o contrário? Você se faz de “retardada” e a gente só fica com o dinheiro que nos derem, sem roubar ninguém – o Diabo propôs, torcendo em seu íntimo para ter a ideia refutada.

— Pai pedindo dinheiro pra filho já tá muito manjado, tio. Ninguém cai mais nessa não. Olha lá... – apontou para o outro lado da rua, onde uma mulher pedia esmolas embalando um bebê no colo e era solenemente ignorada por todos os pedestres. – Viu? Nem com nenê funciona mais. Essa não colou, próxima ideia... – Gisele cruzou os braços e começou a bater o pezinho no chão, em desafio.

— É que, na verdade, eu não gosto dessa ideia de roubar – pela primeira vez em sua existência milenar, Lúcifer soou como um péssimo mentiroso, e ruborizou ao perceber isso.

— Tio, eles têm emprego, têm carro, casa. Eles têm vida. Uns trocados não vão fazer tanta falta. A gente não tem nem o que comer. No final do mês eles ganham mais. Não é?

Lúcifer pensou um pouco e não soube o que responder. Ele próprio, nas ocasiões em que se entediava do Castelo das Trevas e resolvia perambular como uma sombra fria no mundo dos vivos, já havia soprado aqueles mesmos argumentos nos ouvidos dos desafortunados e obtido resultados satisfatórios (roubos) e muito satisfatórios (roubo seguido de assassinato) por incontáveis vezes. Mas agora era diferente. Ele estava tentando ser diferente. Ou pelo menos estava certo que começaria a tentar em algum momento. O estômago roncou novamente e os dilemas sobre certo e errado, sobre o que deveria ser feito ou não, foram embora. Restava uma última dúvida:

— E se a pessoa resolver me bater pra descontar a raiva enquanto você foge?

— Tio, quem vai bater num retardado? É só você imitar direitinho que ninguém vai te bater não. Imita aí, deixa eu ver...

— Eu não sei imitar – Lúcifer se fez de difícil.

— Vai, tio, para de fazer *cu doce*... sabe sim! – Gisele insistiu, puxando a manga da camisa do novo amigo.

— Tá bom, vai...

Lúcifer contorceu todo o rosto, dobrou as mãos e os joelhos, andou torto, gemeu sons incompreensíveis e encerrou a performance magistral ao deixar uma baba viscosa escorrer pela barba desgrenhada. As pessoas passando ao lado olharam-no com pena e, ao mesmo tempo, tiveram a incômoda felicidade disfarçada de alívio que chega à alma sem ser convidada quando se vê de perto alguém em situação de completa desgraça e se pensa: “graças a Deus, eu não sou assim. O que são meus problemas, quando comparados a essa tragédia, a essa crueldade da natureza?”. Gisele gargalhou, batendo palmas em aprovação:

— Tá perfeito, tio! Perfeito! Vamos?

Eles foram. Lúcifer continuando com sua interpretação digna de estatueta e Gisele conduzindo-o pela calçada, procurando uma vítima em potencial para o golpe. Não demorou a avistar uma senhora distinta saindo da estação de metrô. Trajava saia cinza quadriculada, uma blusa preta e vistosa, salto (alto, mas não muito) e um terninho que fazia conjunto com a saia. Trazia no pescoço dois ou três colares, que pareciam ser de verdade (caros, em outras palavras), tinha os cabelos grisalhos cuidadosamente penteados para trás, o rosto maquiado com pó muito branco e segurava a bolsa com tanta displicência que Gisele chegou a pensar que seria mais fácil tomá-la de uma vez, sem a necessidade de todo aquele teatro que planejara. Quando chegaram perto, porém, a mulher parecia ter sentido os olhares cobiçosos que a rodeavam e aprumou a bolsa no ombro, enlaçando-a com o braço gordo.

— Tiaaa... – Gisele iniciou a abordagem, falando de um jeito que quase enganou e encheu de pena o coração do próprio Lúcifer, que babava e grunhia sílabas desconexas a seu lado. Num fôlego só, sem perder a ternura, a menina fez o show: – Meu pai tava indo pro trabalho daí ele foi assaltado e bateram nele e ele caiu do ônibus tia e quase quebrou a cabeça na guia e daí ele ficou internado tia e foi mandado embora depois e ficou assim e agora ele tá precisando muito de um transplante de fígado senão ele vai ficar assim pra sempre tia a gente tá morando na rua eu não sei onde tá a minha mãe e tenho que ajudar meus irmãos e...

— Como é seu nome, filha? – a senhora perguntou, interrompendo a criança antes que ela continuasse falando até o fim do mundo.

— É Gisele, tia. Mas todo mundo me chama de Giza.

— Olha, Giza, eu tenho um filho... deficiente... e só eu sei quanto foi difícil criar aquele menino. Até hoje. Até hoje, meu Deus! – Os olhos da mulher perderam-se em algum lugar do passado e transbordaram a amargura de uma vida de renúncias. – Tá aqui, filha, um dinheirinho pra te ajudar.

A velha abriu a bolsa e, depois de revirar um pouco o interior, tirou dela uma carteira comprida, de couro vermelho. Gisele arregalou os olhos na direção de Lúcifer e ordenou entredentes: “Vai!!!”. E ele “foi”. Aproximou-se da velha de modo atabalhado, emitindo um grunhido que inspirava ojeriza e ao mesmo tempo pena, olhando para o alto como se visse alguma coisa além das nuvens finas espalhadas pelo céu sem muita imponência, cobrindo o azul aqui e ali. A senhora de terninho cinza arregalou os olhos, sem saber se recuava, se saía correndo de uma vez, se gritava por uma ambulância para acudir o homem ou se gritava por um táxi para acudir a ela própria, levando-a embora do detestável centro da cidade, que a cada dia só ficava mais fedido, mais sujo, mais cheio de gente *feia* e mal-educada, falando alto nos mais variados sotaques e emprestando um aspecto de circo de horrores do século passado àquela região abandonada por Deus, pelo poder público e pelas mínimas regras de etiqueta. Demorou um pouco a perceber que a carteira vermelha não estava mais em suas mãos, mas nas de Gisele, que agora já corria longe, imiscuindo-se à multidão que saía e entrava num fluxo interminável pelas escadarias do metrô. Ao notar o furto e, principalmente, a completa impotência diante da cena que se desenhava à sua frente, a mulher soltou um gritinho fino e contínuo, agudo o suficiente para se destacar em meio aos escapamentos das motos e alto o suficiente para chamar a atenção do povo que passava perto. Ela agarrou a bolsa com as duas mãos e a sacudiu no ar, com raiva, como se apertasse o pescoço de alguém. No mesmo tom agudo, continuou gritando, carótida querendo explodir no pescoço: “Eu fui assaltada! Eu fui assaltada!”.

Pensou que sua indignação geraria uma comoção popular, que todos interromperiam seus trajetos para perseguir a ladrazinha, até o inferno, ou mesmo até a última estação da Zona Leste se fosse preciso, que ninguém descansaria até que a carteira fosse recuperada e a pequena malfeitora fosse amarrada a um poste para receber uma boa lição (com fins educativos, visando o bem da própria menina, claro) e servir de exemplo aos outros

vagabundos que infestavam aquele lugar maldito. A indignação transformou-se em ódio, ao constatar que ninguém deu a menor bola para o infortúnio que acabara de ocorrer com ela. Ódio contra o mundo injusto em que cidadãos de bem ficavam expostos à barbárie, contra o governo que não *dava logo um jeito* nesse povo que nunca haveria de se endireitar, ódio contra os covardes sem coração que a ignoraram, contra os desalmados que além de não ajudar ainda tiveram a pachorra de rir da cara dela, ódio contra a polícia que nunca estava por perto quando mais se precisava e ódio contra Deus, que não mandou do Céu um de seus raios fulminantes para interceptar a menina, antes que ela conseguisse fugir levando consigo a carteira vermelha.

Toda essa erupção de sentimentos demorou apenas alguns segundos, mas fez jorrar na corrente sanguínea uma adrenalina estocada há muito tempo. Foi aí que ela tornou a enxergar o “pai deficiente” da menina. Lúcifer ainda estava todo torto, com os joelhos dobrados para dentro e as “mãos de dinossauro” curvadas à altura do peito; parara de grunhir e a cabeça ainda estava voltada para o alto, mas os olhos miravam para baixo, encarando a senhora. Pequenos espasmos no rosto denunciavam uma gargalhada ávida por escapar. Todo ódio da mulher foi canalizado em um único ponto.

— Seu miserável! – ela gritou com os lábios quase cerrados, desferindo uma bolsada que fez o Primeiro entre os Anjos cambalear para o lado.

Foi a vez de Lúcifer não saber se era melhor correr, continuar com a imitação, roubar também a bolsa e fazer a velha enfartar de uma vez ou apenas se defender e ver o que acontecia. Optou por continuar com o disfarce e passou a grunhir “socôuooo, socôuooo!”, olhando para o céu enquanto apanhava. A imitação do Anjo Caído era tão boa, talvez até mais convincente do que se fosse um deficiente mental de verdade, que as pessoas que haviam parado e já formavam uma roda para acompanhar a cena tragicômica começaram a ficar com

pena dele. Começaram também a encarar aquela senhora de olhos esbugalhados e dentes de cão raivoso à mostra, que batia com violência desproporcional, sem trégua e sem motivo aparente, no indefeso morador de rua, um homem irreversivelmente enfermo, que jamais faria mal a ninguém. A própria senhora, vendo todo o sofrimento que se desenhava no rosto sujo do mendigo, convenceu-se de que ele era mesmo inocente, que sua doença era real e que ela havia agido como uma megera. Seu rosto corou por baixo da maquiagem. Respirou fundo, ajeitou o terninho e o cabelo, tentando se recompor. Em seguida, balbuciou: “Eu... eu pensei que era fingimento. Desculpe...”. Abaixou a cabeça e, a passos curtos e ligeiros, abriu caminho em meio à roda de gente que já se dispersava, pensando consigo: “Deus, me perdoe... não permita que ninguém faça com o meu Eduardo o que acabei de fazer com esse homem. Proteja o meu Eduardo, meu Senhor, é só isso que lhe peço. Proteja o meu pobre Eduardo, por favor...”.

A senhora de terno cinza, agora com menos raiva do que vergonha, não demorou a virar somente mais uma gota naquele mar de gente e desaparecer, como se nunca tivesse existido.

Lúcifer foi procurar Gisele.

CAPÍTULO XI – PREGAÇÕES

O Anjo Caído estava satisfeito, e particularmente orgulhoso, com a própria atuação de minutos atrás. Começou a rir sozinho, da senhora que acabara de ser enganada, das pessoas que há pouco o observavam com pena e da simplicidade do plano orquestrado pela menina, que, descontando-se as bolsadas que havia levado na cabeça, acabou dando mais certo do que esperava. O riso, porém, cessou de imediato quando chegou ao local combinado e notou que Giza não estava lá. “Mas que malandrinha...”, pensou, enquanto um calafrio lhe visitava as vísceras e a sensação de ter sido enganado se avolumava no peito. Procurou ao redor, mas não viu nada além da infinidade de carros e pessoas – era mais fácil encontrar a tal da agulha no palheiro do que localizar alguém em específico ali no meio da multidão. Nesse momento, se deu conta de uma pequena aglomeração na praça, ao redor de um homem que gritava com entusiasmo. Tendo perdido até a fome depois da punhalada que recebera nas costas da Judas em miniatura e sem nada melhor para fazer, foi até lá ver do que se tratava. Não demorou a entender. Um homem magro e moreno, que não abria mão do terno e gravata mesmo derretendo em suor sob o Sol escaldante, empunhava a bíblia e bradava com sincera comoção e ímpeto fervoroso, que podiam ser comprovados pelas veias que pulsavam à testa, feito lagartas caminhando por debaixo da pele ao falar:

— Vi uma besta que saía do mar. Tinha dez chifres e sete cabeças, com dez coroas, uma sobre cada chifre, e em cada cabeça um nome de blasfêmia. A besta que vi era semelhante a um leopardo, mas tinha pés como os de urso e boca como a de leão. O dragão deu à besta o seu poder, o seu trono e grande autoridade. Uma das cabeças da besta parecia ter sofrido um ferimento mortal, mas o ferimento mortal foi curado. Todo o mundo ficou maravilhado e seguiu a besta. Adoraram o dragão, que tinha dado autoridade à besta, e também adoraram a besta, dizendo: "Quem é como a besta? Quem pode guerrear contra ela?".

À besta foi dada uma boca para falar palavras arrogantes e blasfemas, e lhe foi dada autoridade para agir durante quarenta e dois meses. Ela abriu a boca para blasfemar contra Deus e amaldiçoar o seu nome e o seu tabernáculo, os que habitam no céu. Foi-lhe dado poder para guerrear contra os santos e vencê-los. Foi-lhe dada autoridade sobre toda tribo, povo, língua e nação. Todos os habitantes da terra adorarão a besta, a saber, todos aqueles que não tiveram seus nomes escritos no livro da vida do Cordeiro, que foi morto desde a criação do mundo. Aquele que tem ouvidos, ouça: se alguém há de ir para o cativeiro, para o cativeiro irá. Se alguém há de ser morto à espada, à espada haverá de ser morto. Aqui estão a perseverança e a fidelidade dos santos.

O homem fez uma pausa para umedecer os lábios e limpar a saliva que se acumulava branca nos cantos da boca. Explicou aos *irmãos* que o escutavam que os “santos” mencionados eram aqueles que viviam em comunhão com o Espírito, que aceitaram o Filho como salvador e único caminho para chegar ao Pai, não os santos que os adoradores de imagens de madeira costumavam reverenciar em suas igrejas profanas e *desvirtuadoras* de almas. Depois, realizou rápida consulta à bíblia, retomando o trecho onde havia interrompido e secou o suor da testa.

— Apocalipse treze, irmãos. Quem quiser acompanhar pra confirmar o que estou falando aqui, acompanhe. Maldito seja aquele que colocar ou tirar uma vírgula do que está escrito aqui, amém? – ele falou, erguendo o bom livro para que todos pudessem ver. Continuou a leitura, com a voz um pouco mais sombria: – Então vi outra besta que saía da terra, com dois chifres como cordeiro, mas que falava como dragão. Exercia toda a autoridade da primeira besta, em nome dela, e fazia a terra e seus habitantes adorarem a primeira besta, cujo ferimento mortal havia sido curado. E realizava grandes sinais, chegando a fazer descer fogo do céu a terra, à vista dos homens. Por causa dos sinais que lhe foi permitido realizar em nome da primeira besta, ela enganou os habitantes da terra. Ordenou-lhes que fizessem uma

imagem em honra da besta que fora ferida pela espada e revivera. Foi-lhe dado poder para dar fôlego à imagem da primeira besta, de modo que ela podia falar e fazer que fossem mortos todos os que se recusassem a adorar a imagem. Também obrigou todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e escravos, a receberem certa marca na mão direita ou na testa, para que ninguém pudesse comprar nem vender, a não ser quem tivesse a marca, que é o nome da besta ou o número do seu nome. Aqui há sabedoria. Aquele que tem entendimento calcule o número da besta, pois é número de homem. Seu número é seiscentos e sessenta e seis.

Algumas pessoas se juntavam à aglomeração, outras se dissipavam. Duas mulheres oravam lado a lado, com os olhos fechados e as mãos espalmadas para o alto; um senhor de idade, segurava uma sacolinha de plástico e concordava, dizendo “amém” ao final de cada frase; uma jovem segurava as alças da mochila com os polegares e teve o semblante modificado no decorrer da pregação, de um desdém soberbo no início para um misto de pavor e preocupação no final; dois rapazes, da mesma escola que essa última moça, a julgar pelos uniformes, cochichavam um ao ouvido do outro e davam risada. A maioria do povo, porém, apenas observava por alguns segundos, tempo suficiente para saciar a curiosidade a respeito da natureza da aglomeração, pensava coisas que iam de “só mais um louco” até “meu Deus, tenho que voltar pra igreja”, passando por “daqui a pouco vai pedir dízimo” e seguia a vida.

Lúcifer cruzou os braços e ouviu tudo com atenção. Sorriu com deboche em alguns pontos, pensando “acho que tem muita besta nessa história” e tentando associar quem era quem ali. Sabia que o tal dragão era ele próprio, mas toda aquela delegação de poder não fazia muito sentido, pois sempre que planejava levar a cabo seus planos de conquista do mundo, pensava em fazê-lo sozinho, como protagonista, jamais como alguém que controla tudo nos bastidores. Já havia, é claro, escutado, lido e relido todas aquelas palavras. Mas ali, naquele instante, teve algo similar a uma revelação, algo que nunca havia pensado. Primeiro, ponderou sobre o desafio de “fazer algo bom por eles”, que era a razão de estar ali na Terra.

Refletiu se talvez aquele homem magro e moreno, berrando a esmo para um público restrito e desatento, mesmo com a visão reduzida por cabrestos e o coração abarrotado de preconceitos, não estava fazendo a única coisa que, a longo prazo, poderia se entender como realmente “boa”: a salvação da alma. Afinal, por mais que conseguisse tornar a existência humana melhor (seja lá qual fosse o critério de “melhor” e “pior” aplicado), quarenta, oitenta ou cem anos, ou mesmo novecentos como na época de Matusalém e Noé – por mais longeva que pudesse ser, uma vida terrena ainda era um piscar de olhos, um episódio ridiculamente efêmero quando comparada à eternidade.

— Você já conhece Jesus Cristo, irmão? – o pregador da praça interrompeu os devaneios de Lúcifer, dirigindo-lhe a palavra e estendendo-lhe um folheto pobremente ilustrado, que explicava a expiação dos pecados na cruz do Calvário.

— Ah, sim, nós já fomos apresentados – Estrela da Manhã apertou os olhos e sorriu com simpatia, pegando o folheto.

— E você já aceitou a Cristo como salvador e único caminho para o reino dos céus? – o homem perguntou, com a mesma intensidade com que acabara de ler o versículo do apocalipse.

— Digamos que ainda não... – a simpatia do sorriso ganhou ares de deboche.

— E por que não hoje, irmão? Aceite o Senhor Jesus e sua alma será salva. Basta orar comigo e se entregar de coração. O que acha? – o pregador da praça já tomava as mãos do Primeiro entre os Anjos, com felicidade e ansiedade sinceras pela iminência de conquistar mais uma alma para o reino de Deus.

— Hum... hoje não. Tenho que pensar melhor sobre o assunto. Qualquer coisa eu te aviso, tá? – Lúcifer falou, recolhendo a mão, ainda sorrindo.

— O tempo está acabando! – o semblante do pregador se transformou e a voz ganhou ares de ameaça. – O fim está mais próximo do que você imagina, cuide da sua alma enquanto é tempo. Quando este mundo estiver sob domínio da besta, os que não estiverem firmes na fé e na retidão do propósito, hão de chorar lágrimas de sangue. E então, será tarde!

— Olha, desculpe te decepcionar, mas posso garantir que não vai ser desse jeito. O diabo não é tão feio quanto se pinta, não é esse o ditado? – Lúcifer riu.

— O diabo vem para roubar, matar e destruir. Ai daquele que duvidar disso! Ai daquele! – o homem bradou, preparando-se para ler outro trecho do livro sagrado que empunhava feito espada.

Lúcifer amassou o folheto e atirou-o à primeira lixeira, enquanto retomava a linha de raciocínio acerca do que seria bom para a humanidade. Sabia ele muito bem que a salvação da alma não era uma questão de bem ou mal, mas de proximidade ou afastamento do Altíssimo. A fagulha de Caos, que todo ser humano trazia consigo, precisava ser voluntariamente convertida em fagulha divina. Aí entrava o livre arbítrio e a salvação através da aceitação consciente e voluntária do amor e da graça de Deus. Concluiu, a contragosto, que o único bem real que poderia ser feito à humanidade (e ao universo como um todo, já que isso implicaria na aniquilação do Caos) era convencer o maior número de pessoas a amar o Criador. Mas isso seria demais para ele, pelo menos por ora.

Tratou logo de pensar em outra coisa.

Refletiu sobre as estratégias que usara até então para desvirtuar os homens do caminho de Deus: em geral, buscava gerar dor, desespero e loucura, induzir e reforçar vícios, detonar tragédias pessoais ou coletivas que minassem a fé na possibilidade de existência de um ser superior que olhava por todos e protegia e amava a cada um, individualmente. Muitas vezes isso funcionava: pais que perdiam os filhos e, junto com eles, o amor por Deus; mulheres

violentadas que jamais conseguiriam entender, ou perdoar, um ser superior que deixou algo tão terrível acontecer com elas; jovens refletindo sobre a fome em outros continentes, a miséria e a desigualdade no mundo, chegando à conclusão que seria impossível que houvesse um Deus justo no comando das coisas; parentes de alcoólatras inveterados, agressores contumazes, doentes crônicos e detentores de mazelas afins, que não viam mudança alguma no quadro das pessoas que amavam, a despeito de todas as orações que faziam. Todos esses, por mais justificativas que tivessem, refutavam a graça divina e acabavam no Inferno, onde Lúcifer lhes espremia a alma por longos e dolorosos períodos, para lhes extrair o Caos (com o qual produziria uma nova arma para ser usada na batalha derradeira contra o Céu).

Porém, por vezes esse mesmo estratagema surtia efeito oposto: na hora mais escura, as pessoas acabavam voltando-se definitivamente para Deus e recebendo a dádiva da vida eterna no Paraíso. Sem contar aqueles em que os demônios “investiam” por anos e no último instante, assim como o bandido crucificado à direita de Jesus, acabavam se arrependendo dos pecados e amando a Deus, muitas vezes com mais intensidade do que muitas “pessoas de fé” haviam amado por toda a vida. A danação e salvação constituíam assim um jogo de apostas incertas, conforme a própria natureza caótica dos seres humanos. Dessa forma, Lúcifer decidiu que não se concentraria em questões espirituais, ao menos por enquanto, e resumiria o inconclusivo “fazer algo bom por eles” à existência na própria Terra, o que certamente exigiria um mínimo de afinidade com os humanos. “Tá, vou tentar gostar desses filhos da puta...”, concluiu, rindo para si mesmo. Não pôde também deixar de pensar, todavia, sobre qual rumo tomaria o mundo, e, sobretudo as almas, no caso de no lugar de dor e desespero, prevalecessem a harmonia e a paz. Antes que pudesse se aprofundar em mais elucubrações, sentiu um puxão na manga da camisa esfarrapada e uma voz conhecida ardendo nos ouvidos:

— E aí, tio! Vai ficar aí parado olhando essa lata de lixo que nem bobo ou vai querer comer um lanche?

— Onde você estava, menina? – Lúcifer ficou mais alegre do que podia imaginar ao ver Gisele. – Fiquei te procurando igual louco, pensei que você tinha me enganado.

— Pô, tio... se liga no movimento! Não posso ficar dando bandeira parada no mesmo lugar depois de fazer um corre – Giza falou, com o semblante entediado de quem explica a coisa mais óbvia do mundo. – Vamos lá comer um dogão?

— Dogão? Isso é bom? – Estrela da Manhã fez uma cara desconfiada.

— Lógico que é, tio! Errrrrr... você às vezes parece que não sei!

— Então vamos...

Lúcifer seguiu a menina, com a estranha, e irritantemente agradável, sensação de que talvez não fosse assim tão difícil gostar dos humanos.

CAPÍTULO XII – CACHORRO-QUENTE

Caminharam juntos até o carrinho de cachorro-quente, ou “dogão” como Gisele chamava, relembrando os detalhes do golpe bem sucedido que haviam acabado de praticar. Lúcifer contou os detalhes que ocorreram quando a menina já não estava mais presente na cena do crime, imitou a velha desferindo as bolsadas e interpretou novamente o papel de “retardado” que utilizara para comover a população e se livrar dos ataques. Os dois caíram na gargalhada por diversas vezes. Giza falava sem parar, contando novas ideias que estava bolando para outros “corres”, sugerindo novos lugares com vítimas em potencial onde poderiam atuar e explicando a importância de diversificar, para que o golpe não ficasse “manjado” e não atraísse a atenção dos policiais. A fome agora retornara com força total, aliada a uma sensação ainda mais terrível que deixava boca e garganta secas. “Então, de fato a sede é bem pior”, o Anjo Caído concluiu em pensamentos, sentindo ao mesmo tempo alívio e grande ansiedade quando chegaram à barraquinha onde atendia uma senhora negra, bem baixa e atarracada. Ela trajava um avental, tão branco quanto os dentes que exibia num sorriso constante, e, por trás das grossas lentes dos óculos, observava a tudo e a todos, atenta à movimentação infundável que transcorria à sua frente o dia todo.

— Faz *dois dogão* pra gente aí, tia – Gisele pediu, sem muita polidez.

— “Por favor”... – Lúcifer completou, arqueando a sobrancelha na direção da menina como a lhe dizer “viu, da próxima vez não esqueça de falar isso”.

— Por favor... – Giza tratou de dizer, aceitando a dica de boas maneiras com bem menos resistência do que Lúcifer esperava.

A senhorinha de avental encarou os dois moradores de rua, mudando rápida e repetidamente os olhinhos esbranquiçados de um para o outro, analisando-os sem qualquer

cerimônia. Com a mesma disposição e celeridade com que um bicho-preguiça muda de galho, ela pegou a faca de serra e um dos pães embalados em plástico, que ficavam guardados na gaveta de alumínio na parte de baixo do carrinho. Olhando por cima dos óculos fundo-de-garrafa, ela perguntou, dirigindo-se a Lúcifer, como quem não quer nada:

— O senhor é pai dela, é?

— Oi? Ah, não! – Estrela da Manhã respondeu, um tanto surpreso. – Não sou pai dela, não. Ela é a minha... sócia.

— Sei... – a senhora continuou no tom desconfiado, cortando o pão com uma boa vontade que dava impressão que levaria três dias só para vencer o plástico que o envolvia. – E vocês vivem por aqui mesmo, é? Ela eu acho que já vi – apontou Gisele com o queixo –, mas do senhor eu não tô lembrada não.

Antes que Lúcifer pudesse responder, Giza se adiantou, já entendendo onde a mulher do cachorro-quente queria chegar:

— A gente tem dinheiro pra pagar, tia – ela tirou do bolso uma das notas novinhas que havia “transferido” da carteira vermelha, fruto do “corre”, minutos atrás. Segurou-a pelas extremidades com os polegares e indicadores, depois a esticou e dobrou umas quatro vezes no ar, como uma sanfona, quase em frente ao rosto da senhora. – Pode ficar sossegada.

— Não, minha *fia*! Não era isso não! – a mulher ficou desconcertada e errou a força no corte, quase partindo o pão em dois. – É que tem coisa que *a gente fica* curiosa, né? Mas é só pra conhecer os clientes mesmo, Deus me livre desconfiar de quem quer que seja. Roupa não quer dizer nada hoje em dia. Você não vê esses deputados aí? Tudo de terno e gravata e são os que mais roubam. Vai querer uma ou duas salsichas, *fia*?

— Duas. Com tudo que tem direito e sem *miguelagem* no ketchup, hein, tia?!

— E o senhor, vai querer uma ou duas?

Lúcifer, quando soprava conselhos nos ouvidos dos humanos, invariavelmente recomendava o exagero em todos os aspectos, alicerçado na premissa de que “a vida é uma só” e sempre a melhor opção era se esbaldar o máximo possível em toda e qualquer oportunidade, afinal, dada a volatilidade e fragilidade dessa vida, toda chance de se fazer o que quer que fosse tinha o enorme potencial de ser a última chance de se fazer qualquer coisa, e não aproveitar essa chance, atirando-se ao encontro dela de cabeça, era certamente a mais terrível de todas as insanidades. Porém, em sua primeira escolha na condição de mortal, resolveu agir como o ferreiro que dentro da própria casa utiliza espetos de madeira, tomando o caminho mais comedido:

— Uma só, por favor.

A mulher cortou os pães, os recheou com as salsichas (duas no de Giza, uma no de Lúcifer) e completou com ervilha, milho, vinagrete, mostarda, ketchup (sem “miguelagem”), maionese, purê, cheddar, catupiry e batata-palha. Tudo com agilidade robotizada de linha de produção, que fazia parecer que ela poderia, sozinha, atender todo um exército de vasto contingente sem deixar formar muita fila. Enquanto prensava os lanches, pegou a nota que Gisele acabara de mostrar e a juntou com o bolinho de dinheiro que trazia num dos bolsos do avental. Mesmo bolinho de onde saiu o troco. Lúcifer acompanhou o olhar de Gisele em direção àquelas notas e não precisou usar muito de seu intelecto para deduzir o que a menina estava pensando. Durante todo esse processo, a mulher falou sem parar, com a mesma desenvoltura com que preparava o *dogão*:

— (...) mas a vida é assim mesmo, é ou não é? Agora a prefeitura inventou de cobrar taxa de inspeção *não-sei-o-quê*. Toda terça-feira vem o fiscal agora pra encher o saco. Parece que fazem de tudo pra gente não trabalhar, Deus que me perdoe. E olha daqui, e olha dali, e

vê validade disso, e vê validade daquilo. Na última vez veio um menino que acabou de sair da fralda, devia ter uns vinte anos, no máximo. Ficou olhando e anotando sabe-Deus-o-quê nesses “aiPód”, “aiPéd”, não sei como fala, não entendo nada dessas coisas, que ele trouxe. Daí virou e falou bem assim pra mim, vê se pode: “a senhora tem que acomodar melhor essa salsicha”. Ah, minha filha, mas deu uma vontade de falar onde que eu ia acomodar a salsicha se ele ficasse me atazanando! Trabalho com isso há quarenta anos, agora vem um merdinha desse, com o perdão da palavra, querer ensinar o padre a rezar missa? Ah, quê que é isso?! Vocês vão querer refrigerante?

— Vou querer uma soda. E você, tio?

— Hum... uma soda também – Lúcifer copiou, encolhendo os ombros.

— Mas, a gente precisa levar um dinheirinho pra casa e acaba tendo que engolir uns sapos de vez em quando, é ou não é? – a mulher continuou a falar, olhando mais para Gisele, com quem simpatizara e a quem tentava, inconscientemente, transmitir “bons valores”. Mas era Lúcifer quem a ouvia com mais atenção. – Agora minha filha tá desempregada. Procura, procura e não acha nada. Falei pra ela: “Cristiane, faz o curso de manicure, menina”. Mas é teimosa que só ela: “não, porque eu tenho experiência com telemarketing, porque logo acho outro de telemarketing, porque *não-sei-o-quê* telemarketing, porque não quero trabalhar em salão fazendo unha de madame, porque bi bi bi, porque bo bo bó”... tá aí, quatro meses parada com essa teimosia dela e no final quem tá sustentando minha neta sou eu. Quero só ver começo de ano que tem que comprar materi... – interrompeu, retirando os hot-dogs da prensa, com o orgulho do artesão que vê a obra pronta. – Pronto, tá aqui o *prensadão*, bem caprichado! – disse ao entregar os lanches aos dois, que já não aguentavam mais esperar.

Nesse momento chegou um grupo de estudantes, com a algazarra, a energia e a vontade de viver características da juventude. Pediram os *dogs* e, de “brinde”, ouviram o

desfecho da história dos materiais escolares da neta da senhora do cachorro-quente, que logo já emendou em outro assunto e depois em outro e em outro. Na verdade, não ouviram quase nada, pois conversavam entre si, mas a mulher parecia não se importar com esse detalhe.

Lúcifer tomou um gole da soda com o canudinho. Sentiu as bolhas de gás fazendo cócegas na língua e depois por toda a traqueia, até chegar ardendo no peito. Fez uma cara de dor e foi instruído por Gisele: “tem que tomar mais devagar, tio!”. Experimentou outra golada e dessa vez foi bem melhor. Depois, encarou o pão por alguns instantes: todos aqueles ingredientes de sabores desconhecidos, compactados em um bloco diminuto de aspecto que não era lá dos mais atraentes. O cheiro do purê deu cabo de todas as dúvidas, ao invadir as narinas, aguçando a fome e despertando, pela primeira vez, a vontade de comer. Foi amor à primeira mordida. Enquanto ainda estava no Paraíso, na condição de Campeão de Deus e Primeiro entre os Anjos, Lúcifer provara das frutas mais frescas e dos mais saborosos manjares. Mas não era a mesma coisa – lá, a ingestão de alimentos não era uma necessidade básica, como no corpo carnal, e isso fazia toda a diferença. Em várias oportunidades, durante a convivência que tivera com os humanos, na condição de demônio, Lúcifer havia se deparado com expressões do tipo “o melhor tempero é a fome” e “nada alegre mais a alma do que a comida quente chegando ao estômago vazio”. Agora, comprovava que era a mais pura verdade. Mastigou, saboreando com gosto, como se fosse a primeira (de fato era) e também a última vez. Respirou fundo e constatou, com um suspiro anasalado, que depois de muito e muito tempo, tinha voltado a se sentir realmente feliz.

Observou Gisele: ela já estava quase terminando o lanche, comendo ruidosamente como se mais nada no mundo importasse, com as bochechas e também os dedos melecados de cheddar e purê. Estrela da Manhã decidiu em seu íntimo que, antes de pensar em fazer qualquer coisa “boa” (seja lá o que isso quisesse dizer) pela humanidade e cumprir o acordo com Deus, que sequer tinha certeza se queria cumprir mesmo, ele deveria cuidar daquela

menina. Disso teve convicção, ali, naquele instante. Seria, ao menos, um primeiro passo – talvez pegasse gosto pela coisa, talvez desistisse de toda aquela história de redenção. Era impossível prever, mas, só o fato de ter descoberto um ponto de partida já o animara ainda mais que o hot-dog. A alegria do momento transbordou no rosto em forma de sorriso.

— Tá pensando em quê, tio? – perguntou Gisele, lambendo os dedos.

— Oi? – Lúcifer despertou do transe.

— Tá dando risada aí sozinho, igual bobo! – a menina provocou, dando uma ombrada de leve no novo comparsa. – Quero saber no que você tá pensando, pra rir também, ué...

— Ah, eu só estava pensando... – Lúcifer olhou para o alto por alguns instantes – que também deveria ter pedido o meu com duas salsichas.

— Não era isso não, tio! Para de me enganar! – ela deu risada e bateu com o cotovelo no braço de Lúcifer. – Mas vou fingir que acredito, vai – disse isso e fez uma cara de quem não acredita. – Tá a fim de mais um dogão?

— Não. Agora não. Esse aqui já está ótimo, por enquanto.

— Tá, então vamos andando. Lá na praça a gente divide o dinheiro que sobrou.

Despediram-se da Dona Nice, a senhora do cachorro-quente, que já havia servido todos os estudantes que se amontoavam em frente à barraquinha e ainda falava sem parar sobre a neta, o marido preguiçoso, o cachorro que deu despesa no veterinário, a televisão que “só passa porcária” e uma infinidade de outros assuntos. Depois, seguiram caminhando em silêncio até a praça onde se encontraram pela primeira vez na manhã daquele mesmo dia. Ali, num canto afastado de possíveis olhares curiosos, Gisele sacou o restante do dinheiro e contou, sussurrando o valor atualizado a cada nota que fazia correr entre os dedos.

— Cento e vinte e quatro – Giza exclamou com satisfação –, já tirando o que a gente gastou no dogão. Até que a velha tava bem de grana, hein, tio? Quando peguei aquela carteira vermelha cheia de *frique-frique*, já pensei “quer ver que só vai ter cartão de crédito aí dentro...”. No final, valeu muito a pena.

— O que você fez com a carteira? – Lúcifer ficou curioso.

— Joguei no bueiro, ué... – a menina respondeu, daquele jeito que fazia parecer que estava dizendo a coisa mais óbvia.

— Com todos os documentos da mulher?

— Lógico, né, tio! Errrr... tô falando que você às vezes parece que não sei.

— Deve dar um trabalhão tirar tudo de novo – Estrela da Manhã falou, quase que apenas para si próprio, recordando de reclamações que costumava ouvir com certa frequência quando passeava pela Terra para atormentar as almas dos humanos.

— Tá com dó vai lá tirar segunda via pra ela, tio! – Gisele explodiu numa gargalhada.
– Toma, tio, tá aí a sua parte – ela falou, esticando duas notas de vinte, uma de dez e uma de dois na direção de Lúcifer. – Meio a meio.

— Não tinha cento e vinte e quatro no total? – o anjo arqueou uma sobrancelha.

— Cinquenta e dois pra você, cinquenta e dois pra mim – a menina explicou como se dissesse “um mais um, igual a dois”.

— E esses vinte que sobraram? – Lúcifer inquiriu, pensando que ao fazer isso estaria apenas desmascarando uma trapaça “inocente”, provavelmente um teste da menina para ver se ele sabia contar e se estava “ligado no movimento”. Dariam risadas, o “engano” seria corrigido com mais dez para cada lado, o dito seria dado por não dito e ficaria tudo bem.

Mas não foi isso que aconteceu. Ao explicar sobre o destino desse dinheiro que não entrou na partilha, Gisele abaixou a cabeça e fechou o rosto numa expressão sombria.

— Esses vinte a gente tem que dar pro Jota, tio.

— Quem é Jota? – Lúcifer ficou intrigado.

— Jota é o cara que dá a letra das coisas por aqui, tio. Ele livra a nossa cara de vez em quando, protege a gente... – Giza explicou, sem convicção alguma nas palavras, como se apenas repetisse um discurso que escutara várias vezes, mas que ela mesma não acreditava.

— E cobra uma *porcentagzinha* de tudo o que vocês conseguem nos “corres”, é isso? – Estrela da Manhã completou.

— É. É isso.

— Mas ele não precisa ficar sabendo quanto tinha no total – Lúcifer sugeriu, relembrando involuntariamente seus conselhos dos “velhos tempos”.

— Vixe, tio... o Jota parece que tem parte com o Capeta – Giza afirmou com raiva e Lúcifer forçou a memória, tentando sem sucesso se recordar de algum Jota que conhecera por aquelas bandas. – Ele parece que sabe quanto que a gente levantou no corre só de olhar pra nossa cara – a menina fez uma pausa, engoliu seco e depois continuou, com os olhos ainda cravados no chão. – Mês passado teve um moleque que tentou dar calote. Fez um corre de quatrocentos e falou que tinha sido só cem. No outro dia, acordou com a boca cheia de formiga. Tava estirado no pé daquela árvore mais grossa, tá até a marca ainda ali, tá vendo? – Gisele apontou. – Com a cabeça rachada e o short abaixado, cheio de sangue escorrendo “lá detrás”. Todo mundo sabe que foi o Jota, tio. Quem fica com dívida de droga ele faz daí pra pior – ela engoliu seco de novo e balançou a cabeça, como se tentasse esquecer alguma coisa. Em seguida, concluiu: – Melhor não arriscar.

— E quando que esse Jota vai aparecer por aqui? Estou ansioso para *conhecê-lo* —
Lúcifer falou com soberba, sentindo por um instante que estava sentado no próprio Trono das Trevas, não num banco de madeira podre, relegado aos recônditos de uma praça qualquer.

— Daqui a pouco ele deve aparecer por aí. Mas, ó: quanto menos falar com ele, melhor. Vai por mim, tio.

— Fica tranquila, eu sei lidar com tipos que nem ele — Lúcifer deu uma piscada confiante e Giza sorriu sem muita convicção em resposta.

Gisele se levantou, alegre como se aquele assunto sobre o tal de Jota nunca tivesse sido conversado. Convidou o “tio” para ir até a fonte se refrescar. Ela pareceu não se importar com a recusa e foi sozinha, correndo animada como só uma criança pode correr. Lúcifer permaneceu no banco, observando o Sol que já se deitava na direção do oeste. Pensou com surpresa no tanto de coisas e de mudanças de cenário que havia passado num único dia: acordara no inferno, depois foi ao Paraíso e num piscar de olhos estava na Terra. Depois se deu conta de que na verdade não sabia ao certo quanto tempo de fato havia durado esse “piscar de olhos”, decorrido entre o fechamento do acordo com Deus até ser acordado pelo jato d’água gelado, desferido impiedosamente pelo dono da loja de ferramentas. De qualquer forma, não poderia voltar o tempo, então relaxou, ocupando-se em acompanhar a trajetória errante de uma borboletinha amarela que voava por ali.

Não percebeu o homem de proporções *rinocerônticas* que se aproximava.

CAPÍTULO XIII – NOVOS AMIGOS

O Sol, que se esquivava avermelhado entre as folhas das árvores onde a borboleta amarela pousava aqui e acolá, desapareceu da visão de Lúcifer, coberto por uma sombra repentina, não das nuvens, mas de um homem enorme, tão largo que parecia andar constantemente com os braços abertos e não dava impressão de que conseguiria fechá-los, mesmo se quisesse. Vestia uma calça de capoeira que, num passado longínquo, talvez já tivesse sido branca, e também uma camiseta esfarrapada, tão limpa quanto a ficha da coligação partidária que a estampava. Tinha o semblante feroz dos que não precisam ocultar a verdadeira natureza atrás de máscaras sociais. À primeira vista, poderia dar impressão de ser um obeso quase mórbido, mas um olhar pouco mais próximo revelava uma estrutura maciça de ossos e músculos, de alguém que em tempos pré-diluvianos poderia ter derrubado mamutes à unha e se tornado líder e macho alfa de uma vasta comunidade de caçadores-coletores, ou que, também em outros tempos, com machado ou martelo de combate em punho, haveria de ter trucidado incontáveis inimigos, mudando os rumos de uma batalha perdida para depois receber as mais diversas recompensas (entre as quais, certamente estaria uma donzela de belas ancas) por isso. Em outras épocas, aquele mesmo homem teria nascido preenchendo todos os pré-requisitos para se tornar um herói afortunado, um líder tão temido quanto venerado. Respeitado, no mínimo. Quiçá, nessas outras épocas, pudesse até ter se tornado um homem bom. Mas, tendo nascido nos tempos e no lugar em que nasceu, passado pelas coisas que passou e sofrido as coisas que sofreu, acabou que teve diminutas chances de conhecer destino outro que não fosse o das ruas.

E da crueldade.

Esse homem estava agora parado em frente a Lúcifer, olhando-o de cima para baixo, com a mesma expressão que os lutadores usam para intimidar os adversários ao subir no ringue. Só que carregada não da fúria espetacular que permeia tais eventos, mas de um ódio genuíno que a tornava ameaçadora de verdade. Estrela da Manhã, porém, não demonstrou o menor sinal de medo. Apesar de ter consciência que estava num corpo mortal, frágil, de mais osso que carne, ainda conservava a sensação de força e poder do Senhor das Trevas. Poder este que estava apto a retomar a qualquer momento – isso o deixava tranquilo, dava a ele a impressão de estar imune a qualquer mal que os homens pudessem pensar em lhe fazer. Não pretendia, de forma alguma, recorrer a esses poderes, pelo menos não tão cedo, pois isso implicaria na quebra de seu acordo com Deus e também em reconhecer a fraqueza de não conseguir lidar muito bem com adversidades. Mas só o fato de saber que tinha na manga uma “arma secreta” de semelhante calibre fazia sua confiança transbordar, fazia com que em seu íntimo acreditasse ser capaz de conquistar todo o mundo dos homens se assim quisesse, naquele ou em qualquer outro corpo, sem recorrer a dons angelicais ou demoníacos.

— Tá rindo do que, seu pau no cu do caralho? Tá me achando com cara de dentista pra arreganhar essa boca cheia de dente pro meu lado, filha da puta? – o homem enorme perguntou a Lúcifer. Falava com uma variação de timbre inconstante, que em duas sílabas ia do grave ao agudo rachado, como se a mudança de voz iniciada na adolescência nunca tivesse se desenvolvido por completo. Esse jeito de falar em nada combinava com a aparência, mas a raiva que escapava do peito, cavalgando em cada palavra, tornava amedrontadora aquela voz, que em outra situação talvez pudesse ser tomada por ridícula.

— Você deve ser o Jota – Lúcifer deduziu. – Não, meu amigo, não estou te achando com cara de nada. Quer dizer, na verdade estou sim, mas não é de dentista... – disse isso e abriu ainda mais a “boca cheia de dentes”.

— ‘Cê tá me tirando, maluco? Tá perdendo a noção do perigo? De que buraco que tu saiu, quem te falou meu nome, filha da puta?’

Jota disse isso e deu um passo na direção do banco, o que fez Lúcifer prontamente se levantar. Nesse momento, o Diabo notou que seus olhos ficavam à altura do peito daquele homem, quase na mesma linha que ficavam à altura do peito de Belial. Fez, instintivamente, o movimento de bater asas, como fazia na presença do Comandante, para que pudesse encará-lo de cima. Mas dessa vez não havia asas e seus pés ficaram bem grudados ao chão, fato que gerou momentâneo desconforto. Levou, também por instinto, a mão direita à cintura, em busca de uma espada que não estava lá. A *Aniquiladora do Caos* repousava agora em posse de Uriel, nos distantes Portões de Safira, e essa constatação fez algo gelado se revirar nas entranhas daquele corpo que o espírito do Senhor das Trevas agora habitava.

— Vou te perguntar mais uma vez só: da onde que tu veio e como ‘cê ficou sabendo do meu nome, caralho? – Jota intimidou, a praticamente um passo de distância, de modo que as palavras agora vinham acompanhadas, além do ódio, também por um bafo azedo, que fez o Anjo Caído torcer o semblante e virar o rosto.

O mendigo grande, de aspecto selvagem, chegou ainda mais perto e a corrente sanguínea de Lúcifer foi inundada por adrenalina, inflando músculos e aguçando sensibilidades, deixando o corpo nas melhores condições possíveis para reagir em resposta à ameaça iminente. Havia ali três possibilidades: atacar de surpresa, tentando decidir o embate num primeiro golpe bem-sucedido; saltar para o lado e depois correr o mais depressa e o mais longe que as pernas pudessem aguentar, ou; tentar conversar, seja respondendo com submissão aos questionamentos realizados valendo-se de tão nobre sutileza, seja dando uma resposta sarcástica que apenas adiaria por pouquíssimo tempo o conflito corporal. Por costume, Lúcifer optaria pelo sarcasmo, mas nenhuma boa resposta lhe veio à cabeça, que

parecia completamente travada ao raciocínio, focando todas as sinapses para assessorar o físico, que seria exigido a qualquer instante. Seu primeiro ímpeto foi o de correr, mas mesmo naquele corpo e tendo todas as desculpas e justificativas a seu favor, jamais admitiria isso nem a si mesmo. Lamberia as botas da armadura de Miguel antes de fugir de um humano.

Restou o ataque.

Na forma de espírito maligno que rondava ao redor do mundo para atormentar os homens, Lúcifer já havia presenciado (e na maioria das vezes instigado), ora por deleite, ora por pura curiosidade ou absoluta falta de coisa melhor a fazer, uma quantidade incomensurável de conflitos corpo a corpo: da pedra que matou Abel à enteada que entrou no quarto do padrasto durante a noite e, com um corte seco na garganta, pôs fim a anos de abuso; do menino de gentil aspecto que derrubou o gigante Golias ao soldado sedento enforcando, com as próprias mãos, o companheiro de trincheira que não dividiu a água do cantil; dos gladiadores lutando pela vida em Roma aos lutadores se digladiando por fama e fortuna nos ringues e octógonos; dos cristãos fugindo dos leões aos presidiários esperneando e gritando no canto das celas, sob dentadas de cachorro; das espadas trespassando armaduras nas cruzadas às guerras de controle remoto em busca de petróleo; da bala que lavou a honra com sangue aos puxões de cabelo por causa de namorado na porta da escola; dos bandidos e inocentes crucificados no Calvário aos bandidos e inocentes linchados nos postes. Sabia que nessas situações a maior vantagem era pegar o oponente desprevenido, pelas costas, ou, no melhor dos cenários, inconsciente. De preferência com uma pedra, pedaço de pau ou objeto de concussão equivalente à mão. Como nada disso estava disponível, atacou com as mãos nuas, tentando ao menos se aproveitar do efeito surpresa.

Estrela da Manhã desferiu um gancho, com força maior do que se poderia julgar pela finura dos braços. Tinha como endereço certo o queixo do adversário e muito provavelmente

o derrubaria, ou ao menos atordoaria, se acertasse. Mas não acertou. Com agilidade que destoava ainda mais do que a voz estridente para um homem daquele tamanho, Jota se esquivou, inclinando cabeça e corpo para trás e deixando o soco do oponente perder-se no vento. Com a mesma rapidez com que foi para trás ele voltou, com um punho de martelo indo de encontro ao estômago de Lúcifer. O cachorro-quente semi-digerido, pressionado pelo impacto violento, escalou a traqueia e saiu pela boca num jorro ácido alaranjado que lavou o chão da praça. O ar também saiu e não dava a menor impressão de que iria voltar. O rei dos demônios caiu sentado, mãos que apertavam o local atingido na vã esperança de fazer passar a dor e olhos arregalados, tomados pelas lágrimas desesperadas de quem quer respirar e não consegue. Algumas pessoas pararam para olhar o que estava acontecendo, mas o olhar de Jota as intimidou e foram embora. A elas, pouco importava o que acontecia ou deixasse de acontecer àqueles mendigos, de qualquer forma.

— Agora ‘cê vai me falar da onde que tu veio ou vai continuar dando uma de louco pra apanhar mais, caralho? – Jota perguntou, agarrando o pescoço de Lúcifer, que começava a recuperar o fôlego.

— Eu... eu... – a dificuldade para inspirar era terrível e aquela mão, que mais parecia uma prensa de ferro a apertar a garganta, não estava ajudando em nada. Num último resquício de orgulho, Lúcifer tomou a decisão (não tão sábia, dadas as circunstâncias) de optar pela velha ironia que, curiosamente, nesse caso, era somente a verdade: – Eu vim do inferno!

A mão pressionou ainda mais e já não deixava espaço para o ar. Lúcifer se debatia, agarrado ao antebraço que mais parecia tronco de árvore, tentando inutilmente se desvencilhar do algoz. Sentiu a agonia dos que encaram a morte certa – agonia essa que ele se refestelara incontáveis vezes ao ver estampada no semblante dos homens, nas mais diversas oportunidades. Agora, com ele próprio tendo essa sensação, não estava achando a menor

graça. Ficou no limite do que poderia resistir sem usar sua verdadeira força, então a mão afrouxou. Um segundo de alívio, antes de receber um soco no nariz. O mundo escureceu numa explosão de dor ardida e tudo que conseguiu fazer foi colocar as mãos espalmadas formando um escudo patético em frente ao rosto, enquanto lutava novamente para respirar.

— Da onde tu veio, filha da puta?

Antes que qualquer reposta, sarcástica ou não, sincera ou não, pudesse ser dada, veio outro soco, que teria afundado a maçã do rosto se não tivesse escorregado no sangue que jorrava do nariz e pego apenas de raspão. Mesmo assim doeu. Muito. Jota agarrou novamente a garganta e dessa vez dava impressão que não soltaria até sufocar aquele mendigo que não sabia quem era, em plena luz acobreada da tarde, diante de olhares curiosos que voltaram a se aglomerar ao redor sem nada fazer.

— Para, Jota! Ele tá comigo! – uma voz de menina veio em socorro do Anjo Caído.

— Porra, guria! – Jota largou o pescoço e se voltou para Gisele. – Quem que é *esses* cuzão do caralho que ‘cê tá trazendo pra cá sem me falar nada? Que putaria é essa aí, caralho?

— Não trouxe ninguém não, Jota – o medo transparecia na voz, mas ela permaneceu firme o suficiente. – Ele apareceu aí do nada, tava mais perdido que azeitona em boca de banguela, daí chamei ele pra fazer um corre. Olha, tá aqui a sua parte... – Gisele estendeu a nota de vinte na direção de Jota.

— Seguinte: vou falar uma vez só, ‘cê tá me entendendo? – Jota falou, puxando o dinheiro da mão da menina. – Tá me entendendo ou não tá, porra?

— Tô, Jota... – ela respondeu baixinho, cruzando os braços e olhando para baixo.

— Responde olhando pra mim então, caralho! – a mão apertou as bochechinhas tenras e limpas pela água da fonte, manchando-as de sangue e forçando a menina a olhar para cima.

— Tô, Jota... – ela respondeu novamente, com mais raiva do que medo dessa vez.

— Daqui pra frente, *tudo os corre* que tu e esse pau no cu aí fizer – Jota apontou na direção de Lúcifer, que se contorcia deitado no banco com a mão no rosto ensanguentado –, ‘cêis vão me dar metade. Metade. Fui bem claro?

— Foi sim, Jota...

— E a cola de sapateiro vai te custar o dobro também. A não ser que tu queira pagar daquele *outro jeito*, tá ligada? Daí fica o preço normal. Dependendo, dou até um desconto pra ti... – Jota sorriu, com o olhar fixo nos caroços que começavam a brotar no tórax de Gisele. – Entendido?

— Beleza, Jota.

Os braços da garota voltaram a se cruzar à altura do peito e os olhos constrangidos voltaram a encarar o chão. Jota foi embora e as poucas pessoas, que ainda acompanhavam o desdobramento da briga, se dispersaram. Começava a escurecer e o frio chegou de súbito, junto à garoa fina trazida por nuvens que não estavam ali há poucos minutos. Gisele foi acudir Lúcifer. Ele gemia de olhos fechados. “Fica aí, tio. Vou ali na farmácia comprar umas coisas pra você”, ela falou, ao perceber que não havia muito a se fazer. Não demorou a voltar com analgésicos e curativos e demonstrou ter grande aptidão para a enfermagem, enquanto passava o maior sermão no “tio Lucien”, que deveria “ter se ligado no movimento e evitado tretar com o Jota pra não ferrar o lado dela”. Estrela da Manhã, contudo, não prestou atenção às palavras que saiam da boca de menina em profusão espantosa. Resmungou com um remédio mais ardido que foi passado antes do curativo, mas foi só. No mais, permaneceu em silêncio,

sentindo-se humilhado, imerso em pensamentos e planos de vingança. Não conseguiria bater de frente com semelhante troglodita, isso era fato. Porém, todo homem, por maior e mais forte que fosse, precisaria dormir em algum momento e deixar a jugular desprotegida, a mercê de qualquer canivete ou caco de vidro. Só havia um problema – seria uma morte muito rápida, e ele precisava sofrer. Sofreria depois, nas mãos de Belial, mas Lúcifer queria ver o maldito sofrer em suas próprias, na Terra, não no Inferno. Devolver na mesma moeda, dente por dente. Sem chegar a nenhuma conclusão, foi dominado pelo cansaço.

— (...) agora só quero ver como que vai ficar, pelo menos ele não falou nada da gente ter que ir pra... Você tá ouvindo o que eu tô falando, tio? – Giza perguntou, indignada.

— Estou sim, claro que estou – Lúcifer despertou do transe e mentiu.

— Tá nada, tio! Ah, quer saber de uma coisa, vamos dormir que a gente ganha mais.

Foram até outro lugar da praça, onde uma horda de mendigos se apinhava, debaixo de papelões e cobertores esfarrapados, alguns já dormindo, alguns jogando conversa fora, a maioria ainda aproveitando as bebidas, cigarros e restos de comida que tiveram a *sorte* de encontrar no lixo. Giza e Lúcifer se acomodaram num canto e o ódio que queimava no peito do Anjo Caído esmoreceu um pouco ao se lembrar do primeiro plano que traçara naquele longo dia: cuidar da menina. Antes que se desse conta, Estrela da Manhã questionou sobre um assunto que o estava incomodando mais que a dor no nariz:

— O que o Jota quis dizer com pagar a cola de sapateiro de “outro jeito”?

— Ah, tio... não quero falar disso aí não. Tá? – ela desviou o olhar.

— Tá bom...

A resposta, ou falta de resposta, confirmou a certeza que Lúcifer se negava a ter. Elucubrou por um tempo se Jota obrigava as meninas a pagarem dessa forma e se Gisele já havia recorrido a esse artifício para obter a droga. O ódio voltou a se inflamar com força total e aumentou ainda mais ao identificar o miserável caminhando despreocupadamente por ali, recolhendo seu quinhão com os outros mendigos antes de sumir de vista novamente. Ao acompanhar o trajeto do inimigo, Estrela da Manhã notou o vulto de alguns prédios no horizonte e isso lhe chamou a atenção.

— Aqueles prédios ali – cutucou Gisele que já cochilava e apontou, para que ela também olhasse –, por que estão apagados?

— Não mora ninguém ali não, tio – ela respondeu, em meio a um bocejo. – É tudo prédio abandonado. Por quê?

— Hum, nada não. Boa noite... – fez menção de acariciar o cabelo da menina, mas desistiu, ao pensar que seria demonstração de afeto demais para o primeiro dia.

Olhou a Lua se escondendo sem sucesso atrás de uma cortina de nuvens finas. Sentiu a garoa fazer cócegas ao se acumular nas sobrancelhas. Imaginou o teto de cimento dos tais prédios abandonados. Depois dormiu uma noite sem sonhos e só acordou horas depois, com o sol ardendo no rosto ainda dolorido.

CAPÍTULO XIV – UM DIA DEPOIS DO OUTRO

Dificuldade para respirar, cabeça latejando, peito e braços doendo, curativos empapados em sangue e olhos ardendo por conta do Sol, que já nascera com a promessa de que o calor não daria trégua naquele dia. Foi assim que Lúcifer despertou. Sentou-se no banco da praça, olhou em volta, ainda se acostumando com a claridade, e notou que Gisele não estava por perto. Também constatou que praticamente todos os outros mendigos já haviam saído para se ocupar com seus *afazeres*: juntar papelão, latinhas de alumínio e quaisquer outras coisas que pudessem interessar ao Jota, ou ao dono do ferro-velho; pedir esmolas, sentados em um ponto fixo ou vagando aleatoriamente pelas calçadas; aguardar pela sopa do almoço, conversando e exibindo sorrisos de poucos dentes à porta dos albergues; aplicar pequenos golpes, praticar furtos ou pedir dinheiro de forma mais *persuasiva*; disputar espaço com os cães, encarando com olhar desolado as pessoas dentro dos restaurantes e lanchonetes; exibir partes do corpo amputadas ou mutiladas, corcundas, trombozes e deformidades afins, na esperança de despertar a compaixão nos corações dos transeuntes que iam e vinham sem parar, como haviam feito ontem, como haveriam de fazer amanhã e em todos os outros dias.

Entre uma contorcida com os braços cruzados à altura do estômago e outra, entre uma ajeitada no curativo e outra e entre um gemido de dor e outro, Lúcifer tentava pensar no que faria – teria que colocar em prática um plano, qualquer que fosse, pois continuar daquele jeito estava absolutamente fora de cogitação. Mas as ideias não vinham e ele se inquietava mais e mais. E quanto mais se inquietava, menos pensava. Creditou a escassez de soluções ao calor, então se refugiou à sombra de uma árvore de galhos frondosos e grandes folhas, de um verde amarelado que se acendia como se tivesse luz própria ao bater do Sol. Os planos não vieram e dessa vez o culpado foi o curativo, que coçava demais. Arrancou-o de uma vez e o atirou no chão com um muxoxo zangado, sob olhar de reprovação de uma senhora que passeava por ali

com um cãozinho preso à coleira. Se estivesse em seu castelo, nas profundezas mais abissais que um espírito pode chegar, chamaria por Belzebu – de vez em quando um pouco de bajulação ajudava a raciocinar. Mas estava em um banco de madeira corroída pelo tempo e pelos cupins, que em nada lembrava a imponência do trono das trevas, balançando as pernas compulsivamente, com boca e garganta secas e a dor da fome já se aliando à dor remanescente da pancada do dia anterior para incomodar o estômago.

“Preciso começar por baixo, não tem jeito. O filho da puta armou pra mim de novo...”, refletiu, apertando os olhos na direção do céu. “Arrumar um jeito de ganhar dinheiro sem correr o risco de apanhar nem de ser preso, cuidar da menina, *dar um fim* nesse Jota... é, não tem jeito, vai ter que ser assim. É, vou fazer isso. Senão, vou ficar correndo atrás do rabo sem sair do lugar. Enquanto isso vou pensando no que fazer sobre ‘algo bom por eles’. Se bem que... quanto mais ou menos será que Ele quis dizer com ‘eles’? Será que se eu ajudar de alguma forma essa mendigada fedida do cacete já não conta pra cumprir minha parte do trato? Ou será que tem que ser mais? Uma cidade? Um país? A porra do mundo inteiro? Por que Ele nunca é específico, hein? Mas primeiro, tenho que cuidar da menina. É, da menina. E aquele Jota filho da puta, tenho que resolver isso também. Mas antes tenho que cuidar de mim... se não conseguir nem me ajudar, como vou ajudar os outros? Porra, mas como eu vou ganhar dinheiro? Com essa cara suja e esses trapos ninguém vai me dar emprego. É, tenho que cuidar de mim e dela e do Jota... caramba, cadê essa menina?”. As divagações vinham em profusão desordenada, até que foram interrompidas por uma voz conhecida:

— E aí, tio? – Gisele falou, enquanto terminava de mastigar alguma coisa. – Pensei que ia dormir o dia inteiro. Tá com fome? – estendeu um saco de papel marrom, amassado e cheio de coisas escritas, na direção de Lúcifer.

— O que é isso? – o Senhor das Trevas perguntou, um tanto desconfiado com o cheiro doce que emanava lá de dentro do pacote, mas já enfiando a mão para pegar o que quer que fosse.

— É o que deu pra comprar com o que sobrou do nosso corre de ontem. Você foi dar aquela vacilada com o Jota, agora a gente tá sem dinheiro de novo – Giza respondeu, um pouco brincando, um pouco brava de verdade. Perdeu a paciência ao ver Lúcifer cheirando e girando o pãozinho recheado em frente aos olhos como se estivesse avaliando uma pedra preciosa. – Come logo, tio... é sonho! Vai falar que nunca comeu?

— Na verdade, não mesmo – o anjo respondeu, mordendo o tal do sonho. Mordeu, sentindo a massa romper no encontro com os dentes, o creme transbordando por baixo da língua e o açúcar cristal grudando nos lábios e se misturando à saliva. Mastigou, deliciando-se com aquela explosão de novos sabores. A vida na Terra tinha lá suas vantagens. – É bom! – falou com a boca cheia, já buscando o último doce no fundo do saco marrom.

— É bom, mas não vai encher nossa barriga o dia inteiro. A gente vai ter que fazer outro corre, tio – Gisele decretou.

— Então, Gisele... queria conversar com você sobre isso – Lúcifer começou a falar ainda terminando de comer o outro sonho, um pouco hesitante, dando impressão que escolhia bem as palavras ou que não acreditava naquilo que ele próprio estava para dizer. – Acho que é melhor a gente parar com esses corres aí. Uma hora isso vai dar errado, e eu não quero que você acabe se juntando ao seu irmão na cadeia.

— “Fundação Casa”, tio... – Gisele corrigiu, cruzando os braços e desviando o olhar.

— É cadeia do mesmo jeito, você sabe.

— E a gente vai viver de quê, tio? De vento? Quer ficar cheirando cola o dia inteiro? Até pra isso precisa de dinheiro, sabia?

— Eu vou cuidar de você... – Estrela da Manhã afirmou, dessa vez com uma convicção que fez Gisele voltar a encará-lo.

— Tipo um pai? Tipo arrumando uma casa pra gente morar, arrumando um serviço pra você e uma escola pra mim? – os olhos de Giza foram revestidos por uma camada brilhante de esperança e sua voz soou inocente, como se ainda não tivesse presenciado as maldades do mundo.

— Tipo isso – ele confirmou, com a mesma convicção.

— Se liga no movimento, tio... – Giza recuou e com as costas da mão *limpou um cisco* que havia caído em seu olho. – Isso aí não é pra gente não, quem vem pra rua não volta mais, é sempre assim.

— Giza... – Lúcifer segurou-a delicadamente pela nuca e cravou os olhos azuis nos olhos pretos da menina. Então pediu: – Confia em mim. Confia?

— Você vai trabalhar e a gente não vai mais precisar roubar pra comer? É isso, tio?

— Isso mesmo – ele confirmou com ternura.

— E você vai arrumar emprego hoje até a hora do almoço?

As mãos afrouxaram na nuca e dessa vez foram os olhos de Lúcifer que buscaram o chão, procurando por palavras que não foram encontradas. Gisele sorriu, com uma satisfação amarga por ter vencido a discussão. Dando tapas de incentivo no ombro do amigo, ela falou:

— Vai, tio, para de sonhar com passarinho. ‘Bora fazer o corre.

— ‘Bora... – o Primeiro entre os Anjos anuiu, abrindo um sorriso cúmplice.

Aquela pirralha era dura na queda.

* * *

Na falta de plano melhor, ou mais atual, partiram para o mesmo golpe do dia anterior – Lúcifer se passando por deficiente mental para distrair a vítima, enquanto Giza se aproveitava para tomar a carteira exposta e correr, desaparecendo nas brumas da multidão. Abordaram dessa vez um senhor de idade, de cabelos grisalhos penteados para trás, vestido com uma calça social bege, surrada pelo tempo e uma camisa branca, igualmente social e igualmente surrada, com botões já quase cedendo à volumosa barriga, e um bolso frontal onde havia um lenço quadriculado, à moda antiga, perfeitamente dobrado, e também um bolinho de notas, organizadas em ordem crescente de valor. O velho tirou as notas do bolso, umedeceu polegar e indicador na ponta da língua e começou a passá-las, buscando os trocados que se escondiam no centro do bolo. Porém, antes que Lúcifer pudesse dar o urro bestial para distraí-lo, alguém gritou no meio do povo que caminhava caótico: “CUIDA QUE É GOLPE!!!”. O que acabou distraíndo do mesmo jeito. Mas também tirou o foco de Gisele, que errou o bote no maço de notas e pegou apenas algumas, fazendo as outras voarem e se espalharem pela calçada.

Dessa vez precisaram correr. Muito.

Trombaram em ombros que inadvertida ou propositalmente bloqueavam o caminho, esquivaram-se de pés esticados que tentavam derrubar e de mãos que tentavam agarrar, ouriçadas pelos gritos de “PEGA LADRÃO”. Conseguiram despistar. Gisele, menor e mais ágil, com mais facilidade. Encostaram-se, arfando com as mãos apoiadas aos joelhos, à parede de um amarelo desbotado e descascado, tão bonita quanto as costelas despeladas de um viralata sarnento, que ladeava um prédio antigo ali nos arredores. Depois de recuperar o ar, Lúcifer observou bem aquele edifício e notou que era o mesmo que tinha visto na noite

anterior e questionado Gisele sobre o porquê das luzes não estarem acesas. Tratava-se de um conjunto simples, dois blocos de seis andares, com janelas tão pequenas e feias que emprestavam a ele um ar de presídio. Estava ali, abandonado, convidativo.

— O que tanto olha pra esse prédio aí, tio? – Gisele interrompeu os pensamentos do demônio.

— Hum... fiquei só imaginando, ele está vazio, por que a gente não vem morar aqui?

Gisele puxou o ar, preparando-se para responder alguma coisa de imediato, como estava acostumada a fazer sempre, mas desistiu no meio do caminho. Fez um bico enquanto olhava atentamente o prédio e balançou afirmativamente a cabeça, não conseguindo esboçar nenhuma reação que não denunciasse o sentimento de “como é que eu não pensei nisso antes?”. Depois de um tempo, acabou se dando por vencida:

— É mesmo, tio... por que a gente não vem morar aqui?

— Podemos começar hoje mesmo! E acho que cabe toda aquela cambada! – Lúcifer sorriu com satisfação, por ter bolado um plano que talvez contribuísse para vencer o desafio com Deus, por ter deixado Gisele boquiaberta e pelo sentimento de superioridade ao constatar que, em um único dia, teve uma ideia que a ele parecia tão óbvia, mas que todos aqueles humanos jamais tiveram em todo tempo que ficaram por ali.

— Putz – a empolgação momentânea sumiu do rosto de Giza –, a gente vai precisar pedir pro Jota. E do jeito que ele é, vai negar só de birra.

— Mas você acha que os outros não vão me seguir quando escutarem minha ideia?

— Tio – Giza balançou a cabeça, dessa vez em negativa, com ar decepcionado –, aquele pessoal ali não dá nem um peido sem falar com o Jota. Sem chance. Se a gente vier

sozinho, pode ter certeza que vamos acordar com a boca cheia de formiga no dia seguinte. Ele não vai deixar de jeito nenhum. E também não vai querer vir sabendo que a ideia foi sua...

— Bom – Lúcifer apertou os olhos e coçou o queixo –, acho que consigo resolver isso. Mas agora, vamos comer – disse, massageando o estômago. – Quanto pegou do velho?

— Quase nada, o dinheiro escapou da minha mão. Mas dá um dogão pra cada. Até ia sobrar alguma coisa, se a gente não tivesse que dar metade pro Jota – ela se lamentou.

— Esse Jota já encheu o saco, hein?

— Nem me fale! – Giza respondeu, sem resistir à risada.

* * *

Foram à mesma barraquinha de cachorro-quente, fizeram o mesmo pedido e ouviram as mesmas histórias da mesma mulher. A filha da Dona Nice, a simpática senhora negra e baixinha que fazia o melhor dogão do mundo (depois de confirmar que o freguês tinha condição de pagar), continuava procurando emprego no telemarketing, as coisas continuavam difíceis, a neta continuava precisando de materiais para a escola e os fiscais da prefeitura continuavam a importuná-la. Voltaram à praça depois de comer e aliviaram-se às raízes de uma árvore. Depois, Lúcifer pediu a Giza o restante do dinheiro e disse que entregaria pessoalmente nas mãos do Jota e aproveitaria a oportunidade para se desculpar. Pediu também que a menina ficasse por perto no momento da conversa.

Procurou pelo brutamonte e não demorou a encontrá-lo, sentado às escadarias de granito de uma catedral, vendendo cola de sapateiro para as crianças debaixo do Sol e do nariz indiferente dos policiais que rondavam a região. Aproximou-se com mais cuidado do que gostaria de admitir a si mesmo – por mais que o orgulho ainda transbordasse na alma angelical/demoníaca, a cabeça e o estômago ainda doíam e faziam lembrar que agora as regras

eram outras, ao menos enquanto ele se dispusesse a segui-las. Subiu um pouco e, deixando uma margem segura, falou, apoiando o cotovelo ao joelho que pousou dois degraus acima e apertando os olhos por causa do sol:

— Fala aí, Jota! Acho que começamos com o pé esquerdo ontem, não?

— Fala logo o que você quer, seu pau no cu do caralho – Jota cortou, no mesmo tom que falaria com um inseto, juntando as notas de dinheiro recém-recebidas pela venda da cola às outras que se dobravam num maço de volume considerável.

— Direto ao assunto, hein?! Do jeito que eu gosto! – Lúcifer falou como... Lúcifer. – Bom, é o seguinte: eu não tenho pra onde ir e gostaria de ficar por aqui mesmo. Como entendi que você é o pica do lugar, vim aqui, humildemente – ele sorriu e fez uma reverência teatral –, me desculpar pelos aborrecimentos de ontem e pedir vossa permissão para permanecer em tão distinto ambiente, na presença de tão nobres confrades – Jota perdeu a conta das notas e olhou para Lúcifer com uma cara de interrogação. Antes que pudesse dizer qualquer coisa, o Primeiro entre os Anjos continuou: – Resumindo, me desculpa, me deixa ficar aqui... por favor – “E vai se foder, antes que eu me esqueça...”, finalizou a frase, apenas no pensamento.

— Ahhh, agora ‘cê tá falando a minha língua, porra. Da onde que tu veio?

— Eu vim do in... terior. Eu tinha uma casa e uma mulher, lá no interior. Era Gertrudes o nome dela (da mulher, não da casa!). Ah, era tão bonita a Gertrudes! – Estrela da Manhã balançou a cabeça afirmativamente, confirmando a veracidade das palavras inventadas. – Um dia, fui pro posto de gasolina (eu era frentista) e quando voltei pra casa, não tinha janta pronta, não tinha mais televisão, nem geladeira, não tinha mais Gertrudes, nem porra nenhuma. Fugiu com alguém, não sei se era homem, mulher ou capeta, só sei que não era da cidade, porque não deram falta de mais ninguém além dela. Daí, no outro dia, em vez de ir pro posto, eu fui pro bar, e dali pra sarjeta. Fiquei pedindo esmola, dia e noite, gastava

tudo em rabo-de-galo. Só que a cidadezinha era pequena e o prefeito não gostou muito dessa história, daí o puto me colocou num ônibus e agora estou aqui – Lúcifer ergueu a sobrancelha e olhou para a catedral, que refletia o Sol em vitrais de outros séculos, com a expressão serena dos que se conformam com as mazelas da vida. – Ah, era tão bonita a Gertrudes...

— Qual é o teu nome, filha da puta? – Jota perguntou, depois do tempo que levou para aceitar como verdadeira a história que acabara de ouvir.

— Lucien... – Estrela da Manhã respondeu, meio descontente com aquele nome que havia bolado às pressas no dia anterior para Gisele.

— Que porra de nome é esse? – Jota deu risada.

— Pode continuar me chamando de “filha da puta”, se preferir – Lúcifer disse em tom amigável.

— Aí... – Jota se levantou e, daquela posição alguns degraus acima, avolumava-se como o gigante que caminha sobre as nuvens nas histórias infantis. Desceu e, com dedo em riste na cara de Lúcifer, falou: – Eu te chamo do jeito que eu quiser, ‘cê tá ligado?

— Tô... tô ligado, Jota – Lúcifer aquiesceu, contorcendo o rosto devido ao cheiro de ovo podre que emanava da boca do brucutu. – Foi só uma brincadeira...

— Tem palhaço aqui não, ‘cê tá me entendendo? – esfregou o indicador na bochecha de Lúcifer, fazendo-o virar o rosto. – Se veio me dar alguma coisa é melhor dar logo, senão vaza, filha da puta...

— Eu trouxe, eu trouxe... tá aqui, ó... – o Senhor das Trevas estendeu o produto do “corre” realizado pouco antes.

— É só isso mesmo? Olha lá, hein?

— É até um pouco mais que a metade, hoje o dia foi ruim.

— Se eu desconfiar que ‘cês tão me enganando, já sabe, né? Vai sobrar pra você e pra menina – Jota esticou o queixo papudo na direção de Gisele, que aguardava lá embaixo, à sombra de uma daquelas árvores de aspecto triste que todos conheciam como “chorão”.

— Pode ficar tranquilo, ninguém aqui é louco de te enganar não, Jota – Estrela da Manhã falou com humildade, enquanto pensava “talvez de te cortar a garganta enquanto você sonha com os anjinhos, mas enganar assim, à luz do dia, não...”.

— É bom mesmo. Agora puxa o carro, filha da puta.

Lúcifer desceu dois ou três degraus de costas e só então se virou, com receio que se assim não fizesse acabaria tomando tapa ou chute traiçoeiro nas costas (ele certamente faria se os papéis estivessem invertidos) que o levaria a rolar escadaria abaixo e quebrar algumas costelas no caminho. Chamou Gisele, que veio após bufar um “você demorou mais que tartaruga aleijada, tio!”. Jota umedeceu os lábios ao observá-la lá de cima. Ela viu, mas desviou o olhar fingindo não ter visto. O Diabo olhou para o céu, apontou as poucas nuvens que se juntavam aqui e ali e comentou, disfarçado o suficiente para fazer parecer que realmente só falava com a menina e, ao mesmo tempo, alto o suficiente para ser ouvido até quase à porta de madeira com batentes dourados que guardava a entrada da catedral:

— Pelo jeito vai chover de novo hoje, hein, Giza?

— Acho que não, tio. As nuvens nem estão pre...

— Ah, vai sim! – Lúcifer a beliscou disfarçadamente. – Lá no interior, a gente aprende a sentir o cheirinho da chuva, olha só... – farejou ruidosamente o ar, com o nariz indo mais alto a cada fungada. – Não tá sentindo? Com esse calor que tá agora, à tarde e à noite é chuva na certa! E a gente vai se molhar de novo, ter que ir atrás de mais papelão pra forrar o chão

amanhã, o Seo Zé vai perder as coisas que ele junta na carrocinha dele, coitado. E aqueles predinhos ali, tão vazios! – os dois braços fizeram papel de setas apontando na direção do pequeno condomínio abandonado. – Seria bem melhor se a gente morasse ali, né?

— É mesmo, tio... – Gisele havia entendido onde o tio *Lucien* queria chegar. – Como ia ser bom se a gente pudesse morar lá enquanto ninguém tá usando, né? – completou, como se declamasse Shakespeare a uma plateia distante, de modo tão exagerado que quase fez LúCIFER lhe tapar a boca.

— É verdade! Mas quem tem CORAGEM de invadir? Ah, eu não tenho não! Não tenho mesmo! – Estrela da Manhã finalizou o teatro e puxou Giza, antes que ela pudesse dizer algo que colocasse tudo a perder.

Antes de se colocar a caminho da praça, olhou para Jota e fez uma meia continência como aceno de despedida. Notou que o brutamonte estava com uma expressão de dúvida no semblante, olhando para os prédios e coçando a papada que se derramava feito bolsa de compressa onde deveria haver um pescoço. LúCIFER conhecia muito bem aquele semblante – a semente da dúvida estava plantada, agora era só esperar. Sorriu, saboreando a pequena vitória que ainda não se concretizara, mas haveria de se concretizar, em breve.

E a semente germinou mais cedo do que as previsões mais otimistas poderiam supor.

No dia seguinte, Jota convocou a mendigada para ocupar os prédios abandonados.

CAPÍTULO XV – O REINADO DE BELIAL

Enquanto isso, no Inferno...

Após a saída de Lúcifer, Belial tomou rapidamente gosto pelo comando do Inferno e assumiu o posto de Senhor das Trevas como se estivesse destinado a isso desde sempre. No íntimo, carregava exatamente essa convicção, de que estava somente conquistando algo que já fazia por merecer há tempos, algo que era parte indissociável de sua existência. A primeira ordem, dada ainda enquanto os Lordes Infernais estavam reunidos no salão, foi que recolhessem os restos de Azazel e os atirassem ao Lago de Fogo, para que o corpo se regenerasse dos ferimentos e o demônio da ira pudesse retornar à ativa. Belzebu adiantou-se em convocar alguns dos soldados que treinavam no lado de fora do castelo, para que eles cumprissem o desejo do novo mestre. Depois que Azazel foi retirado, seguido de perto pelo bode preto, Belial dispensou os demais Lordes, dizendo-lhes que em breve os convocaria individualmente para conversar e traçar planos. Todos foram embora sem dizer nada, exceto Belzebu, que falou, prostrado aos pés de Belial:

— Meus ouvidos estarão atentos ao seu chamado, meu supremo Senhor. Estarei sempre por perto – depois saiu, zunindo em forma de mosca.

Azazel foi atirado ao Lago, conforme ordenado. A recuperação durou exatos cinco dias de magma percorrendo músculos, ossos, tendões, vísceras e cartilagens; fumaça que sufocava a alma; sensação de vazio eterno e sofrimento indizível. O bode ficou “pastando” as almas humanas que estavam enterradas ali às margens, ansiando pela volta de seu mestre durante todo o tempo. Quando estava finalmente recuperado, Azazel saltou do fogo, transpirando ira por todos os poros do corpo nu. Belial deixou o castelo e veio ter com ele.

— Azazel, recuperou-se com grande rapidez – o grande demônio afirmou, numa tentativa não muito bem sucedida de soar cordial.

— Onde está Samael? – perguntou Azazel, respirando fundo e olhando à volta com os olhos vidrados e repletos de ódio.

— Estrela da Manhã está agora no mundo dos homens, prestando-se ao ridículo de conviver entre eles como igual. Acredito que as chances de que retorne sejam ínfimas, afinal, ao que parece, ele aceitou transformar-se num capacho do Criador – o novo Senhor das Trevas falou, com asco impregnado nas palavras. – Porém, essa condição de nosso velho General é temporária, pois logo não haverá mais mundo dos homens onde ele possa continuar dando vazão às palhaçadas que se submeteu a fazer em troca da redenção.

— O que quer dizer com isso, Belial?

— Quero dizer... – Belial fez uma breve pausa e encarou Azazel, com semblante ainda mais sério que de costume. – Quero dizer que essa guerra já se adiou por tempo demasiado.

— Então você vai atacar? – Azazel concluiu, com o rosto enrugado em interesse.

— Sim, em breve – Belial olhou ao redor, como se contasse o número de soldados do exército, depois se voltou para Azazel, dessa vez conseguindo empregar melhor o tom amistoso: – E preciso de um *aliado*, que assuma minha função de comandante das tropas.

— Entendo. E isso é um convite... ou uma ordem? – o demônio da ira apertou os olhos, caminhando na linha tênue entre o tom de respeito e de desafio.

— A princípio, um convite – respondeu Belial, sem alterar o semblante ou a voz.

— Pois bem, eu aceito. Quero estar na linha de frente e ser o primeiro a encontrar Samael no campo de batalha... – a contração dos punhos e dos vigorosos músculos dos braços

e do peito de Azazel deram ideia do que a mente planejava para quando ocorresse tal encontro.

Dessa forma, Azazel, aspecto da ira, tornou-se comandante das legiões infernais. Os treinamentos tornaram-se ainda mais intensos e violentos, com drástica redução dos intervalos de descanso. Os castigos aplicados aos que se mostravam inaptos para o combate ficaram ainda mais dolorosos e cruéis, de modo que o Lago de Fogo vivia cheio de demônios com graves ferimentos. As tropas, já no primeiro dia, sentiram saudades de Belial, o que antes seria completamente inimaginável.

O novo Senhor das Trevas estava satisfeito com o desempenho do demônio da ira como comandante, e ainda mais satisfeito por ele tê-lo aceitado como superior sem conflito. Belial temia que Azazel quisesse disputar o trono quando recuperado, não por medo de perder a luta (naquele momento Belial sentia-se, com razão, capaz de derrotar qualquer anjo ou demônio), mas por receio de perder um aliado poderoso. Como a situação se resolveu da melhor forma possível, tratou de convocar os outros Lordes. O primeiro a ser convocado foi Asmodeus, por quem Belial nutria um desprezo que não fazia questão de disfarçar.

— Oi, chefinho. O Belzebu foi me avisar que você estava me chamando. Em que posso ser útil? – disse o aspecto da luxúria com sua voz afeminada, ao entrar no salão do Castelo das Trevas onde Belial o aguardava.

— Em primeiro lugar – Belial ergueu-se do trono e começou a descer as escadas –, dirija-se a mim apenas como “Senhor”.

— Ai, o Lúcifer não ligava quando a gente chamava ele de “chefinho”... – Asmodeus provocou e as cabeças de touro e carneiro emitiram sons de escárnio.

— Você está vendo Estrela da Manhã aqui, Asmodeus? – o novo Senhor das Trevas fez a pergunta retórica, colocando-se à frente do demônio da luxúria, de modo que este não pudesse ver nada além do tórax largo e do *Degolador de Arcanjos* a se projetar como uma terceira asa nas costas do grande demônio.

— Ai, como sou distraído. O Lulu não está mais aqui faz tempo, né? Bom, então em que posso ser útil... Senhor? – Asmodeus falou com o tom de deboche característico, mas mostrando que a ameaça velada de Belial havia sido perfeitamente compreendida e não estava disposto a maiores atritos, que provavelmente acabariam, para ele, em dias e dias agonizando em pedaços no Lago de Fogo.

— Uma questão dev... *demasiado* intrigante, Asmodeus: em que um demônio gordo e preguiçoso como você pode ser útil numa guerra?

— Nossa, é isso que você pensa de mim... Senhor? Com todo respeito, mas devo dizer que está um pouquinho enganado. Eu ainda me lembro de um truque ou outro, algumas coisinhas que podem ser úteis pra depenar uns anjinhos, sabe? – disse Asmodeus, piscando e batendo rapidamente as pequenas asas de dragão, como se quisesse levantar voo.

— Esses seus “truques” – Belial deu as costas e iniciou a subida das escadas em direção ao trono –, talvez funcionem contra anjos de baixa patente, mas quando se deparar com um serafim, ou mesmo com um querubim mais capacitado, teremos um Lorde Infernal a menos no campo de batalha. Não seria assim se tivesse exercitado suas habilidades de combate desde que viemos para cá. Mas agora é tarde, já não há mais tempo para treinamentos dessa natureza.

— Bom, o antigo chefi... digo... o antigo Senhor, o Lulu, me incumbiu de trazer pra cá o maior número de almas possível. Foi isso que eu fiz durante esse tempo, em vez de ficar

exercitando minhas habilidades de combate. E olha, não quero bancar o orgulhoso, longe de mim... mas acho que ninguém trouxe mais que eu não, viu? – Asmodeus fingiu-se ofendido.

— Isso é verdade, Asmodeus – Belial concordou, já tomando assento no trono. – Por isso quero que vá ao mundo dos homens e lá permaneça, ganhando o maior número de almas que conseguir, numa investida devastadora nessa reta final antes da guerra.

— Como quiser, Senhor – o aspecto da luxúria sorriu e fez uma reverência exagerada.

Para Asmodeus seria um alívio ficar longe de Belial (o sentimento era recíproco), de modo que não tardou a cumprir a ordem. O próximo a vir foi Belphegor, aspecto da preguiça. Entrou arrastando os pés que pareciam galhos e mostrou-se pouco animado para conversar e ainda menos animado para receber ordens de Belial, de Lúcifer ou de quem quer que fosse.

— Não quero tomar muito de seu tempo, Belphegor – disse Belial, sem se levantar para receber o *convidado*. – O que quero saber é demasiado simples: você lutará a meu lado na batalha contra o Céu?

— Hummmm... só isso Belial querer saber? – Belphegor indignou-se ao ouvir a pergunta que poderia ser feita sem aquele tipo de convocação tão formal, mas depois respondeu, ansioso para terminar o assunto de uma vez e retornar às torturas que estava praticando antes de ser chamado por Belzebu: – Belphegor lutar contra Céu, lado de Belial, lado de Estrela da Manhã, não importa.

— Provavelmente Estrela da Manhã estará entre as fileiras inimigas – Belial provocou e ficou atento à reação do demônio da preguiça.

— Huummmm... Belphegor acabar com Estrela da Manhã, então. Belphegor acabar com quem estiver no Céu – labaredas percorreram o corpo do grande demônio.

Contente com a resposta, Belial dispensou-o. Já havia falado com Belzebu (que lhe jurou lealdade eterna e se prontificou a convocar todos os outros), Azazel, Asmodeus e Belphegor. Faltavam agora três Príncipes Infernais, porém, após a reunião de Lúcifer, Leviatã havia desaparecido novamente, voltado ao covil que ninguém sabia ao certo se ficava nas profundezas dos oceanos no mundo dos vivos, nas esferas de realidade que separam os universos ou em algum outro lugar obscuro. De qualquer forma, Leviatã ouvia apenas a voz de Lúcifer e pouca utilidade teria na batalha final, uma vez que estava destinado, desde a criação, a combater e, nesse combate, aniquilar e ser aniquilado pelo seu Nêmesis, o monstro dourado com corpo de rinoceronte, cabeça de touro e seis patas de leão, que pelos anjos era chamado Behemoth. Sobraram, dessa forma, Mammon e Lilith. Chamou Mammon, aspecto da avareza, por quem nutria desprezo semelhante ao que sentia por Asmodeus.

— O que manda, Belial? – Mammon perguntou, após leve reverência.

— Às vezes, acho que deveria te mandar treinar com Azazel, para que você pudesse sofrer e se arrepender todos os dias por ser um inútil que nunca se interessou pela arte do combate, Mammon. Mas não me traria benefício nenhum fazer isso. E também, há a remota possibilidade de que você possa servir como conselheiro de guerra, afinal, sua inteligência não é de todo desprezível.

— Ufa, escapei por pouco! Sempre soube que minha inteligência acabaria servindo pra alguma coisa. Aliás, o Azazel tá pegando pesado com a rapaziada, hein? – Mammon falou, esticando o semblante magro. – Mas então, quais são as minhas instruções?

— Faça o que quiser – Belial respondeu, unindo os dedos em frente ao rosto.

— Bom... tudo bem! – Mammon concordou, surpreso e desconfiado com o que acabara de ouvir. – Será que é agora que você fala aquele “mas...”?

— Mas... – Belial iniciou a frase, pausadamente.

— Ah, sabia que tinha alguma coisa.

— Caso vá até o mundo dos homens, qualquer conversa com Estrela da Manhã será considerada alta traição – o Regente das Trevas continuou. – E deve imaginar que não reservo um destino muito agradável àqueles que ousarem me trair...

— Olha, pra falar a verdade, eu não faço a menor ideia, mas também não tô nem um pouco a fim de descobrir. Também nem tenho mais nada pra falar com o Lu mesmo... – o demônio da avareza afirmou, encolhendo os ombros.

Belial limitou-se a dizer “ótimo” e dispensá-lo com um balançar de mão desinteressado. Faltava apenas Lilith. O Regente das Trevas ordenou a Belzebu que a chamasse e o demônio da gula apressou-se ao encontro da *mulher*. Pouco depois, Lilith chegou ao salão, com um sorriso misterioso e um olhar que faria qualquer homem atirar-se de um prédio por um naco de sua atenção. Belial inquietou-se, enfurecido consigo mesmo por ficar abalado na presença dela. E inquietou-se e se enfureceu mais ainda quando a mulher começou a subir os degraus que conduziam ao trono, caminhando descompromissada e dona de si, como se aquele castelo e todo o universo infinito pertencessem a ela. Belial sentiu o cheiro doce que emanava naturalmente dos cabelos e da pele de Lilith; contemplou, cheio de luxúria, os seios fartos que davam impressão que pulariam a qualquer momento para fora do generoso decote; arrepiou-se quando a mulher ficou bem próxima do trono e lhe acariciou a barba com mãos tão leves que pareciam não existir; segurou, num esforço colossal, o ímpeto de agarrá-la, jogá-la ao chão, rasgar suas diminutas vestes e descarregar milhares de anos de desejos secretos e reprimidos. Belial sabia que se perderia se agisse dessa forma. E a vontade de se perder e nunca mais se encontrar quase falou mais alto, quando ela roçou as coxas nas suas e sussurrou-lhe aos ouvidos, com aquela voz que era feita de esmeraldas e veludo:

— O que eu posso fazer por você, hein, Belial? Pode pedir qualquer coisa, que eu te dou... quero te deixar bem contente, bem satisfeito...

— Eu quero... eu quero...

— O que você quer, *mon chéri*? Fala aqui no meu ouvido, fala. Não vou contar pra ninguém – Lilith enredou-se no pescoço de Belial, de modo que as bocas ficassem a um pensamento de distância.

— Quero te aprisionar, mulher! – o grande demônio gritou, recuperando a força da voz e agarrando o pescoço de Lilith num movimento tão rápido quanto inesperado.

— O.. q-que... *hung*... me sol... *huuung*... – Lilith se debateu, suspensa no ar, tentando inutilmente se desvencilhar daquela mão de dedos enormes que a sufocava.

— Belzebu, traga o sarcófago! – ordenou Belial, apressado.

— Aqui está, meu claustrofóbico Senhor! – o laçao já estava de prontidão.

No mesmo instante, o demônio da gula e pestilência arrastou, com muita dificuldade, uma caixa salão adentro. Era um sarcófago de metal escuro, de paredes e dobradiças muito grossas, cravejado de espinhos por dentro e por fora e infestado de vermes, insetos e coisas imundas. Ali Belial jogou Lilith, que gritava e se debatia tanto que acabou com o braço direito decepado quando a tampa foi fechada pela primeira vez. Belial pegou o braço que se contorcia sozinho no chão, abriu uma fresta e atirou-o ao sarcófago onde Lilith dava um urro tenebroso de ódio e dor. O Regente das Trevas lacrou rapidamente a tampa, isolando Lilith e seus gritos num mundo de escuridão. Tudo mergulhou no mais completo silêncio e ele sorriu. Não ouviria mais a voz dela, não veria mais aquele rosto, nem sentiria mais aquele cheiro inebriante. Agora não era necessário ter receio de nada nem ninguém, não havia mais ponto fraco. Sentia-se invencível.

— Belzebu! – Belial chamou, cheio de confiança e maldade na voz. Antes que o demônio das moscas pudesse proferir as costumeiras bajulações, continuou: – Leve esse sarcófago. Quero que o tranque na cela mais escura da mais profunda masmorra. Depois entregue minhas ordens a Azazel, diga para intensificar ainda mais os treinamentos. Peça a ele dez bons soldados e depois traga-os aqui, para que eu possa exercitar minhas técnicas de combate e não ficar enferrujado, como estava Estrela da Manhã. Traga também aquele soldado chamado Ranzael, pois quero me divertir um pouco. A guerra está próxima como jamais estive, Belzebu. DEVERAS próxima...

Voltou ao trono das trevas e ali permaneceu, traçando estratégias malignas, até que Belzebu retornasse com os soldados escolhidos, apreensivos com o longo dia que teriam pela frente. Não podiam imaginar, sobretudo o pobre Ranzael, que os piores temores afiguravam-se a um mar de águas cristalinas quando comparados ao que realmente os aguardava. O Regente das Trevas levantou-se e estalou os dedos e o pescoço, satisfeito com a iminência de voltar a fazer o que realmente gostava.

— Pois bem, quem terá a honra de ser o primeiro? – perguntou Belial, sorrindo ao empunhar o *Degolador de Arcanjos* e avançar na direção dos soldados.

CAPÍTULO XVI – CONDOMÍNIO

O pardieiro abandonado não tardou a ganhar, com méritos, a alcunha popular de “favela vertical”. Depois que as “porteiras” foram abertas, para lá migraram os mendigos da praça, os mendigos da outra praça, catadores de latinha que perambulavam pela região e antes dormiam sabe Deus onde, um grupo de três travestis (eram quatro, porém uma desafortunadamente morreu esfaqueada no dia anterior à mudança) que viram naquele novo empreendimento a oportunidade de se livrar do aluguel, morar num local mais próximo do trabalho e obter a tão desejada qualidade de vida, duas prostitutas velhas e uma aprendiz (que tinham rixa com as travestis e precisaram ser alocadas em quartos distantes para que a paz do condomínio fosse minimamente preservada), meninos de rua que pareciam ter brotado do chão, além da visita casual de todo tipo de “nóias”, dos mais esporádicos aos inveterados, que se drogavam nos arredores e acabavam passando a noite em qualquer lugar vagamente familiar onde, mesmo o cérebro entupido de crack podia reconhecer, a chance de ser morto, roubado ou estuprado (nessa ordem de prioridade e risco) era menor.

Os tijolos à vista da fachada ficaram totalmente encobertos pelos varais que dia e noite exibiam os mais variados tipos de peças de vestuário (o das travestis era particularmente exótico, deixando bem para trás o das prostitutas. O do catador de latinhas curiosamente ocupava a segunda posição nesse ranking inusitado). Bastava não chover e os varais estavam lá, transbordando, o que quase invariavelmente levava as pessoas que passavam ali em frente e até mesmo os próprios moradores a pensar: “de onde essa gente arruma tanta roupa, meu Deus do Céu?”. Qualquer que fosse a origem das vestimentas, o fato é que todas aquelas cuecas, calcinhas, meias, ceroulas, calças, meias-calças, vestidos, saias, minissaias, microssaias e ínfimas tarjas de pano usadas como saia, panos de prato, de chão, toalhas e cobertores multicoloridos, emprestavam à fachada um ar de abertura de seriado de comédia,

desses que passam às quintas e mostram o cotidiano de famílias muito atrapalhadas que aprontam altas confusões e vivem muitas aventuras num condomínio da pesada que sempre dá o que falar. Mas que no final acaba bem e, como diz a frase motivacional, se não tiver acabado bem, é porque ainda não acabou.

No entanto, diferente dos esquetes que iniciam às portas da madrugada na programação ordinária da televisão, as desavenças entre aqueles moradores quase nunca acabavam em risadas de harmonia e redenção. Em algumas raras oportunidades, é bem verdade, a comunidade se uniu e ao menos não desatou em conflitos internos durante o exercício de uma ação que visava o bem comum. Por exemplo, quando o Seo Jairo (que devido ao porte físico de proporções esqueléticas todos chamavam de “Seo Madruga”, em alusão a um personagem que habitava o imaginário popular) se voluntariou a reparar a instalação elétrica, puxando um “gato” dos fios que se emaranhavam como teias de aranha caçadoras de pipas e sapatos velhos nos postes públicos. Dizia o Seo Jairo, com convicção de militante partidário, que fora eletricitista em outra encarnação (Lúcifer riu um bocado ao ouvir isso) e que poderia realizar o trabalho com certa facilidade se estivesse de posse das ferramentas necessárias – uma escada e um alicate. As travestis arrumaram a escada e as prostitutas, para não ficar atrás das inimigas, trataram de arranjar o alicate, ambos sabe-se lá onde e sabe-se lá abrindo mão de quais artifícios. Dona Nalva, uma mendiga que, segundo as lendas, tinha a mesma aparência há pelo menos vinte anos e não haveria de envelhecer devido a um pacto que fizera com uma entidade maligna (Lúcifer puxou na memória, mas não se recordou de nada similar) para obter vantagens no amor (se houve tal pacto, certamente ela foi enganada), lançava presságios de mau agouro disfarçados de preocupação voluntariosa para com a integridade física do Seo Jairo, que subia as escadas dando mostras que cairia à menor brisa: “Vai cair daí, Seu Madruga!”, “Eita que vai tomar choque aí nesse fio, daí quero ver!”, “toma cuidado, Seu Madruga... pelo amor de misericórdia, que *hómi* louco...”. A ouvidos

mais atentos (e havia ao menos um par de ouvidos bem atentos por ali), tais avisos transpareciam uma ponta do desejo secreto e talvez inconsciente de que a desgraça alertada se concretizasse – que o homem caísse das escadas ou que, ainda melhor, recebesse uma descarga elétrica que lhe atirasse tremendo e fumegando ao chão, sobrevivendo tempo pelo menos suficiente para ouvir a frase que Dona Nalva falaria, com o maior prazer do mundo disfarçado em tom de pêsames – “eu avisei”.

Mas o Seo Jairo não caiu e, depois de um estalo metálico e uma chuva de faíscas, o quadro geral de energia do prédio começou a emitir um zunido carrancudo, como se despertasse contra a vontade de uma longa hibernação. E todos comemoraram feito apito final em decisão de campeonato e receberam o Seo Jairo com as honras do herói que marca o gol do título. Putas e travestis selaram um acordo tácito de trégua momentânea na rivalidade, acenderam os cigarros umas das outras e olharam-se, com a cumplicidade silenciosa de quem sabia que eram elas as verdadeiras protagonistas do episódio, pois não fosse a escada e o alicate e nada daquilo teria acontecido.

Porém, esses momentos de paz, união e alegria coletiva eram exceção, quase na mesma proporção em que o Natal era (ao menos em teoria) exceção diante dos demais dias do ano. Na maior parte do tempo, os condôminos entravam em atrito por qualquer motivo, dos mais graves aos mais banais: uma bermuda que sumiu aqui, um maço de cigarro que esvaziou muito rápido ali, a conversa alta na hora de dormir, a podridão que ficava no banheiro depois que certos moradores de intestino mais indômito o utilizavam, o varal de uma que se esticou até um pedacinho a mais do que deveria e invadiu espaço do varal da outra, a mão boba que distraidamente apalpou as nádegas alheias na subida da escadinha, o “Don Juan do albergue” (essa foi Estrela da Manhã quem inventou) que mexeu com a mulher do outro, a “vagabunda” que se meteu a “roubar macho que já tem dona”, o velho mendigo que dizia estar se preparando para o fim do mundo e pegava tudo que encontrasse na rua (de cascas de laranja a

quadro enferrujado de bicicleta) e trazia para atulhar dentro do quarto (fazendo a alegria das baratas), a prostituta que inventou de atender cliente lá mesmo e empestou o ambiente de perfume barato e gemidos fingidos, o carroceiro que para facilitar o trabalho decidiu usar a galeria desocupada do térreo como depósito das latinhas e papelões que vendia no ferrovelho. Tudo. Tudo era motivo de discórdia, reclamação, gritos e, não raro, socos e pontapés, chegando a dois casos mais extremos onde objetos de concussão – um paralelepípedo num caso e um caibro 5 x 5 no outro – foram utilizados de modo letal para resolver a contenda.

Jota, que convocara os moradores da praça sentindo-se um Moisés pós-moderno que conduziria seu povo à terra prometida onde manava leite e mel, refestelou-se com a novidade no começo, pois seus lucros multiplicaram (que fim dava ao dinheiro era um enigma de aspecto insolúvel, pois não ostentava vícios de nenhum tipo, tampouco era visto com mulheres e visivelmente também não gastava com roupas, relógios, correntes, objetos de valor, atrações culturais, doações a orfanatos, financiamento do crime organizado, nem com nada) face à “taxa de administração e segurança” que passou a cobrar dos “inquilinos” além da tradicional porcentagem sobre o faturamento de cada um. Quem não tinha condições de pagar, perdia acesso ao maná, ao leite e ao mel, dando lugar a outro que fizesse por merecer o acesso àquela Nova Jerusalém de seis andares. Também seu sentimento de poder aumentou, visto que decidia quem ficava e não ficava (e onde ficava), tomava as decisões que julgava cruciais para que todos ali continuassem respirando, além de, desnecessário dizer, tomar para si o melhor quarto, que não dividia com ninguém, e ali instalar uma cadeira dessas de rodinha, com encosto e braçadeiras acolchoadas, onde ficava a maior parte do tempo como um rei em seu trono. Não obstante, com o passar do tempo e com a inevitável caracterização de síndico que acabou lhe sendo conferida, viu sua vida se converter a passos largos num mar caótico de reclamações e pedidos de intervenção constante para resolver os casos mais mesquinhos e banais. Lúcifer, que planejava matá-lo (mais por vingança pela humilhação que sofrera com a

surra do primeiro dia do que por qualquer benefício social que tal morte supostamente traria), decidiu esperar um pouco para ver como as coisas se assentariam, para ver de perto aquele sofrimento que já havia acompanhado em outros condomínios, dos maiores e mais luxuosos aos mais simplórios.

Pois, seja pela cor do azulejo da piscina, pelo sorteio da vaga na garagem, pelo cachorro que não para de latir e arranhar a parede, pela TV que fica ligada no volume máximo durante a noite, pela furadeira que se pôs a trabalhar no domingo de manhã ou pela “vaca da Dolores que roubou minha calcinha que tava ali no varal”, as pessoas que vivem separadas apenas por paredes e tetos finos tendem a brigar e a tornar a vida do síndico um inferno até que o problema seja resolvido a seu favor (o que na maioria dos casos envolve o vizinho parar de fazer barulho ou ceder em qualquer que seja a questão, preferencialmente levando uma multa ou punição equivalente no final, “para aprender”). Jota aguentou esse martírio por algumas semanas e estava prestes a explodir. O primeiro ímpeto foi esmurrar o próximo que pisasse em seu quarto para abrir a boca e reclamar de um cocô de pardal no parapeito da janela que fosse, mas mesmo em meio à fúria e ao estresse conseguiu raciocinar que, se assim o fizesse, acabaria matando um a um todos os moradores e não teria mais fonte de renda até repor os quartos com novos condôminos, que mais cedo ou mais tarde acabariam sendo mortos também. Decidiu nomear um “síndico oficial” que ao menos filtraria os casos mais corriqueiros, levando a ele apenas assuntos que realmente exigissem intervenção *superior*.

Lúcifer, devido ao carisma que transbordava naturalmente de seus gestos e palavras e, principalmente, à capacidade de dar conselhos tão precisos quanto bem-humorados para as mais diversas situações, já gozava de certa popularidade entre os mendigos (e também entre as prostitutas, travestis e os “nóias”), e isso levou alguns a pedirem que ele se candidatasse ao “cargo”. Contudo, o Primeiro entre os Anjos sabia que Jota (com uma boa dose de razão) encarava-o cada dia mais como uma ameaça, e só não o expulsara ainda por receio de que

Gisele acabasse indo junto. Em outras palavras, o “Rei dos Mendigos” jamais entregaria o cargo de síndico a ele. Lúcifer usou isso como desculpa, porém, mesmo que houvesse essa possibilidade, não se candidataria – certamente haveria outra maneira de fazer algo bom pela humanidade sem passar por semelhante tormento. Seo Jairo acabou se oferecendo, segundo o próprio “com a maior boa vontade”. Na verdade, tinha uma boa pitada de segundas intenções – com o posto de destaque na hierarquia do grupo, quase um braço direito do poderoso chefe, almejava conquistar o coração da Dona Nalva, que nunca havia lhe dado bola. Um romântico incorrigível.

Foi aceito de imediato e arrependeu-se já no segundo dia.

“Tem que ver isso aí logo, Seu Madruga”, “Porra, Seu Madruga fala logo com o Jota que ele resolve”, “e aí, Seu Madruga, vai pisar na bola *mêmo*? Deixa você... tá fudido na minha mão, seu arrombado”, “ô, Jairo... olha a putaria que esses travecos do caralho tão fazendo aqui dentro, não pode deixar isso aí não”. Essas foram algumas das coisas que em menos de quarenta e oito horas o Seo Jairo ouviu, pela frente. Pelas costas, em sussurros propositalmente altos para que pudessem ser escutados à distância de alguns passos e suficientemente baixos para que pudessem ser negados caso confrontados, ouvira toda sorte de expressões e adjetivos. Um deles, da Dona Nalva, causou ferida no coração que já pensava não ter mais espaço para tanta cicatriz: “mas esse Seu Madruga é um banana mesmo...”, ela disse, depois que ele pediu um tempo para resolver o impasse do colchão de espuma que os três no quarto queriam, mas só um poderia usar (e, evidente, Dona Nalva pretendia que esse “um” fosse ela própria). Jairo só não desistiu da nova atribuição por medo da reação que Jota poderia ter – certamente não seria das mais compreensivas.

Dessa forma, o pobre Seo Jairo continuou no exercício da ingrata função, o que assumiu como um tipo de castigo por ter sido, em uma vida passada (outra, além da que fora

eletricista), um inquilino que atrasava o aluguel e vivia a dar dor de cabeça ao senhorio. Jota retomou, com força total e ânimo renovado, os afazeres que realmente lhe davam prazer – a venda de drogas e o agenciamento de meninas de rua “novinhas” que se dispunham a *fazer companhia* a homens mais velhos por algumas horas, por alguns trocados ou por alguns saquinhos da cola de sapateiro que aplacava a dor e a fome. Na maioria das vezes, o próprio Jota, zeloso com os serviços que oferecia, *testava* ele mesmo as meninas, com o nobre intuito de verificar se estavam aptas a satisfazer os clientes. Lúcifer, que até então sobrevivera com os “corres” e às vezes com esmolas, pretendia afastar Gisele dessa ameaça o máximo possível. Solidificara em seu íntimo a certeza de que o “algo bom pela humanidade” deveria começar por aquela menina. E para que esse algo bom pudesse ser feito, primeiro precisava do teto, que já havia conseguido ao convencer o Jota a invadir os prédios. Depois, precisava arrumar um trabalho, pois, mais cedo ou mais tarde, um dos golpes daria errado e ele acabaria preso. Essa segunda etapa, porém, estava difícil de vencer. Não havia lugar disposto a empregar um mendigo sujo sem “lenço nem documento” como o povo costumava falar.

Certa vez, passou em frente a um estabelecimento, que possuía o seguinte cartaz estampado na vitrine: “*Preciza-se* de ajudante com experiência em xérox e conhecimento em informática”. Lúcifer riu ao ler e pensou “conhecimento em gramática poderia ser um diferencial”. Trajava, na ocasião, a camiseta seminova que ganhara de uma senhora que passou distribuindo roupas aos moradores de rua alguns dias antes. Havia tomado banho ainda naquela manhã, a barba estava aparada e o cabelo não tão desganhado. Somente a calça jeans, fugida do guarda-roupa de um mecânico de jamantas, não ajudava, mas resolveu arriscar mesmo assim. Entrou e rapidamente se encostou ao balcão, onde as pernas não podiam ser vistas. Uma mocinha de olhos puxados e cabelo à altura das orelhas o atendeu, com um sorriso tão simpático que parecia falso.

— Bom dia, senhor, em que posso ajudá-lo?

— Oi, tudo bom? Eu vim ver sobre o anúncio... – a moça apertou ainda mais os olhos e inclinou-se na direção de Lúcifer, como se não estivesse entendendo. Ele então complementou, apontando a vitrine às suas costas: – O anúncio de ajudante.

— Ah, sim – a mocinha arregalou os olhos e estreitou a boca, pensando no que faria. Resolveu começar com a pergunta padrão: – O senhor tem conhecimento de informática?

— Eu criei o Facebook, moça! – Lúcifer falou a verdade, sorrindo de um jeito que parecia brincadeira, para que não fosse tomado por maluco. Ela gargalhou, colocando o indicador embaixo do nariz como se fosse espirrar. Antes que a piada perdesse o efeito, Estrela da Manhã continuou: – Bom, na verdade eu só criei um perfil lá, há muito tempo. Mas, sim, eu tenho conhecimentos em informática.

— E o senhor tem experiência com copiadoras? – ela perguntou, inexplicavelmente afeiçãoada ao mendigo que entrevistava.

— Hum... pra ser bem sincero, não tenho, não – Lúcifer contraiu os lábios e coçou a nuca. – Mas, olhando daqui – esticou os olhos na direção da máquina de cópias –, eu diria que tem algo a ver com abrir aquela tampa, colocar o papel com o lado que você quer copiar virado na direção do vidro com um negócio de luz em baixo, depois fechar a tampa e apertar o botão verde. É mais ou menos isso?

— É, é mais ou menos isso... – a mocinha dava uma risada anasalada baixinha, mas gostosa de ouvir, e sempre usava o dedo como suporte do nariz ao fazer isso.

— Viu só? – Lúcifer abriu os braços e o sorriso. – Já sou especialista em copiadoras! Começo hoje mesmo?

— Então... – foi a vez da moça apertar os lábios e coçar a nuca. – Eu vou ter que falar com meu chefe. O senhor espera um pouquinho aqui?

Lúcifer confirmou com um aceno de cabeça e já sabia o que iria acontecer, assim que a moça virou as costas. O chefe debruçava-se sobre uma prancheta, cortando papeis com estilete atrás do vidro onde ficavam as copiadoras. Quando a funcionária fez a pergunta, ele olhou para o mendigo no balcão por menos de dois segundos e respondeu alguma coisa com rispidez. A mocinha voltou sem graça e falou, esforçando-se para não soar como uma mentirosa descarada:

— Então, moço... a vaga já foi preenchida...

— Ah, é? – Lúcifer apontou novamente para o cartaz.

— É... a gente esqueceu de tirar o anúncio. Desculpe...

Despediram-se sem dizer mais nada. Lúcifer foi se sentar no banco da praça, onde gostava de ficar enquanto Gisele brincava na fonte. Um homem de terno, gravata e cabelo penteado com gel, que acompanhara toda cena do balcão enquanto aguardava suas cópias, saiu do estabelecimento e foi se sentar ao lado do Anjo Caído.

— Você não vai arrumar emprego vestido desse jeito, cara – ele falou, olhando para a rua, esticando e recolhendo os lábios.

— É mesmo? – Lúcifer replicou, com desdém pelo alerta óbvio.

— Hoje em dia o que importa é marketing, cara. Só isso – continuou a falar, ignorando a reação do interlocutor. – Se fosse um Zé Mané ali, com roupinha de marca e cabelinho cortado, ficaria com a vaga, mesmo que não soubesse nem que a porra da máquina de xérox precisa ser ligada na tomada pra funcionar. Não é o que você sabe, é o jeito que você se veste, é o jeito que você fala, é o que você faz parecer que sabe – o homem suspirou e recostou-se no banco de madeira, sem se preocupar em sujar o terno. – Foi mal, cara – olhou para Lúcifer e contraiu o semblante num riso nervoso de negação –, tô falando essas coisas porque tô meio

puto. Três anos batalhando por uma promoção, me dedicando, fazendo hora extra pra caralho... pra chegar nos 45 do segundo tempo e aparecer uma vagabunda do nada, dar pro chefe e ficar com a porra do cargo.

— É, deve ser complicado – Lúcifer disse, erguendo as sobrancelhas sem muito interesse.

— Mas quer saber, cara? Tô pouco me fodendo pra isso – suspirou longamente e secou os lábios com as mãos. – Nem sei pra quê eu queria essa promoção. Ter mais funcionário debaixo da gente só serve pra encher o saco. Nem sei pra quê eu continuo indo pra essa empresa, cara... tem dia que não dá vontade nem de sair da cama, tem dia que dá vontade de... sei lá... – voltou a esticar os lábios formando um bico para depois retraindo e esticar de novo. Agora dava tapas rápidos no próprio joelho e os olhos começavam a se encher, vermelhos.

— Conte-me mais sobre isso... – Lúcifer não resistiu a saber mais sobre o assunto que mais lhe despertava interesse antigamente.

— Sei lá, cara... às vezes fico me perguntando pra quê tudo isso, saca? Acho que foi marketing também. Meu pai acreditou na propaganda que fizeram e me colocou na melhor escola que ele conseguiu me colocar, me incentivou a arrumar emprego do mesmo jeito que ele arrumou. Eu consegui. E o que adiantou? Eu não tenho vontade de sair da cama quando o despertador toca. Eu acordo e já pego o celular pra ver as notícias, me enganando que é pra me manter atualizado, mas não é isso porra nenhuma... na verdade eu olho aquilo ali torcendo pra ver uma notícia de que teve um atentado terrorista no prédio do trabalho, que estourou uma guerra e me convocaram, que a Terra foi invadida... qualquer merda que me servisse de desculpa para não vir trabalhar. Sacas? E tá todo mundo assim, cara. Todo mundo que eu converso tá vivendo igual zumbi, sem tesão nenhum pela vida que tá levando. E mesmo

sabendo tudo isso a gente tem filho e o que faz? Coloca o moleque na escola, incentiva a arrumar um bom emprego, correr atrás de dinheiro, igualzinho a gente fez. Tipo um boi colocando o bezerro na esteira do matadouro, saca? Tem alguma coisa muito errada nisso, cara. Alguém enganou a gente direitinho... – respirou fundo, diminuindo o ritmo das palavras e dos tapas no joelho. – E a gente percebe melhor isso quando tem crise, e agora todo dia tem crise, e você fica com medo de perder o emprego que odeia, fica com medo de não conseguir mais sustentar as coisas que nunca precisou ter, de perder a porra do padrão de vida que não te dá a menor alegria. Medo de crise, medo de assalto, medo de cotação da bolsa, medo de tudo, cara. Puta que pariu, foderam a gente – ele riu, como se agora considerasse tolas as próprias palavras. – Porra, eu sei que tem gente muito mais fodida que eu, tem um pessoal que não tem nem o que comer e tal e que parece que eu estou reclamando de barriga cheia...

— É verdade – Lúcifer o encarou com ironia.

— Foi mal, cara. Não quis te ofender – o homem se desculpou sinceramente ao se dar conta de que reclamava sobre o sabor da sobremesa com alguém que vivia das migalhas que caíam da mesa do banquete. – Até outro dia! – levantou-se e, depois de dois passos, virou-se para falar: – Mas aquele lance sobre a roupa, infelizmente é verdade. Tenta ver isso aí.

E foi embora. Lúcifer sabia que era mesmo verdade, que precisaria de uma indumentária adequada antes de pleitear qualquer vaga, mesmo que de ajudante de copiadora. Para isso, precisaria de dinheiro. Decidiu apelar para algum serviço braçal.

Afinal, “pra erguer peso não deve precisar de R.G. nem roupa bonita”, pensou.

CAPÍTULO XVII – UM HOMEM DE BEM

— Tio, se liga, vão te pagar merreca. Isso se alguém te der chance, né. Pô, tio, não leva a mal, mas ‘cê tem *mó* chassi de frango, não tem cara que aguenta carregar nada não – Gisele gargalhou ao falar a verdade sem pensar duas vezes, quando Lúcifer lhe disse que procuraria serviço nas docas de desembarque do mercado.

— Inteligência deve contar alguma coisa, não? E isso, minha cara, o tio Lu tem de sobra! – o Anjo Caído falou com a costumeira confiança, entornando o copo de água de coco que haviam comprado com os trocados remanescentes do último golpe.

— Inteligência pra carregar caixa, tio? – ela riu mais ainda. – ‘Cê tá viajando!

— Sempre muito bom contar com seu incentivo, Gisele! Muito obrigado, tinha certeza que você iria me apoiar – sorriu e moveu o copo vazio em frente ao rosto, examinando o comportamento da última gota que escorria no fundo. – Isso é bom mesmo, hein!

— Quer o resto do meu? Já tô cheia... – Giza ofereceu o copo com um pouco menos da metade e Lúcifer aceitou. – Ah, tio, não quero te desanimar não. Mas é que essa parada aí é serviço de peão brucutu, tá ligado? Você tinha que tentar alguma coisa mais *light*.

— Você sabe que eu tentei, Gisele. Mas sem documento e com essas roupas aqui, não me deixam passar nem da porta. Preciso levantar um dinheiro pra me vestir de um jeito decente, daí sim procurar algo mais “light”.

— É só juntar o dinheiro dos corres, tio. Não tem segredo.

— Com os corres a gente ganha dinheiro num dia e depois não sabe quando vai ganhar de novo. Não dá. Preciso de dinheiro garantido e... honesto... – quase engasgou ao dizer essa última palavra. – Além que a gente ainda vai acabar se ferrando com essa história.

— Bom, você que sabe, tio.

Lúcifer tomava aquela passagem pela Terra, mais do que como um desafio pelo trato feito com Deus, como um período de férias, um ano sabático, ou algo do tipo. As sensações que sentia no corpo material já eram por si só um grande atrativo – cada cachorro-quente, pedaço de pizza (experimentado pela primeira vez na ocasião do aniversário de Gisele), pastel com caldo-de-cana, prato feito de arroz, feijão bife e batata-frita, cada cheiro, cada dor e desconforto, cada fóton que lhe trespassava as retinas, tudo possuía o gosto de coisa nova que há muito não sentia o sabor. Temeu, a princípio, que assim como descrito pelo famoso poeta, acabasse se entediando do eterno novo, que não tivesse aventura para além do segundo leão, que o gosto das novidades se tornasse insosso e repetitivo e se perdesse no mar com a segunda delas. Provavelmente isso haveria de acontecer, pois a dádiva da mente brilhante sempre vem acompanhada pela maldição do rápido enfatiamento com tudo e com todos. Porém, não havia matado ainda nem o primeiro leão, havia muito a ser feito. Outrossim, desejava provar que os humanos agiam feito bebês mimados, sempre reclamando de tudo, preferindo a lamentação pelos infortúnios que chegam inevitáveis no decorrer da vida à ação necessária para revertê-los. Tinha convicção de que poderia fazer melhor e os planos para “chegar lá” (onde quer que fosse esse “lá”) ocupavam a maior parte de seus dias e de seus pensamentos, de modo que Belial, Belzebu, os outros Lordes e até mesmo Lilith, desvaneciam na memória como um passado distante e só se lembrava do Inferno quando sentia dor, ou fome, ou frio, ou raiva e lhe vinha o ímpeto de desistir da vida terrena – nesses momentos, recordava-se do tédio ao assento do Trono das Trevas. E acabava decidindo ficar.

No outro dia, foi até o mercadão municipal, que ficava a algumas quadras do prédio. Era um domingo bem cedo e os caminhões chegavam de toda parte trazendo grãos, peixes, ostras, verduras, frutas secas, frutas cítricas, frutas doces e nem tão doces que ganhavam gosto na lâmina besuntada em adoçante com que eram cortadas para o freguês provar, embutidos,

carnes, ervas, temperos, condimentos e especiarias das mais variadas. Esses produtos vinham em caixas, que eram tiradas dos veículos e carregadas nos ombros dos “peões brucutus” até as barracas na parte interna do mercado. Foi se aproximando, como quem não queria nada, de um homem alto, de touca de lã e jaqueta preta, que parecia ser chefe (apenas apontava para os outros as caixas que deveriam pegar primeiro e para onde as deveriam levar, mas ele próprio não carregava nada). Quando viu o mendigo se aproximar, o homem falou, com uma nuvem de fumaça branca de cigarro e do sereno da madrugada saindo da boca:

— Depois, se sobrar alguma coisa a gente deixa aí pra vocês. Agora *tâmo* descarregando, não vem encher o saco aqui não...

— Na verdade eu gostaria de pedir um trabalho. Algo que eu possa fazer para ajudar, em troca de uma módica quantia em dinheiro, é claro – Lúcifer respondeu sem perder a pose, encarando o homem com simpatia.

— Ajudar? – o homem analisou Lúcifer de cima a baixo, como se conseguisse ver toda a estrutura óssea que se escondia por baixo das roupas e músculos. Em seguida deu o diagnóstico: – Você não aguenta o tranco, não. Sai fora...

— Ora! – o Portador da Luz se indignou. – Aposto que sou muito mais esperto que qualquer um desses carregadores!

— Esperto? – o homem falou com sarcasmo. – Bom, isso eu não duvido. Tá vendo o Marcão? Aquele branquelão alto ali... – com os dedos que seguravam o cigarro ele apontou para o tal do Marcão, que empilhava dois caixotes em cada ombro e descia do baú do caminhão num salto. – Ô, Marcão! *Essas aí é* lá no Valter, hein? – aproveitou para instruir o funcionário, que só concordou com a cabeça e seguiu caminhada mercado adentro. – Se você perguntar pra ele quanto é dois mais dois ele não vai saber te falar. Tá vendo o negão que desceu logo atrás? É o Tonhão. Tonhão e Marcão. O que um tem de branco, o outro tem de

preto. E o que um tem de burro, o outro tem de jumento. Mas olha quanta caixa esses *filhas da puta* carregam de uma vez. É só isso que eu preciso... de força. Não preciso de nenhum vagabundo metido a esperto aqui não.

— Mas de vez em quando o Marcão deve errar o lugar da entrega, não erra? E vai ver o Tonhão confunde a notinha do pedido, não confere direito o recibo, essas coisas. Certo? Daí você tem que ir lá resolver e isso te enche o saco, não é? Se tivesse alguém mais esperto trabalhando pra você, mesmo que carregasse menos caixas por vez, poderia agilizar as coisas lá dentro. Daí acabava o serviço mais cedo, economizava dor de cabeça sua, do Valter – apontou esticando o lábio inferior para o mercado –, dos outros feirantes, do próprio Marcão e Tonhão, que levariam menos *enrabada* por fazer coisa errada... e todo mundo ficava mais feliz no fim do dia – Lúcifer experimentou uma cartada que, dada a extensão da tragada do homem de touca e jaqueta com quem conversava, parecia ter surtido algum efeito.

— Você anda me espionando há quanto tempo, caralho? – o homem olhou desconfiado ao redor, como se procurasse outros mendigos que pudessem estar à espreita, vigiando-lhe os passos.

— Não, não, não! – Lúcifer gargalhou. – Não estou te espionando não, fica tranquilo. Eu só imaginei as coisas e, pelo jeito, acertei em cheio, não? – o riso desapareceu numa expressão séria, ele encarou o homem e assim lhe disse: – Vai, cara... só estou te pedindo uma chance. Eu tenho uma *filha* pra cuidar e não aguento mais pedir esmola.

A bituca incandescente se refletiu nos olhos do homem, que observavam Lúcifer com atenção. Lembrou-se da própria filha, agora sob a guarda irresponsável da mãe, que depois da separação adquirira o hábito de conhecer um “macho” pela manhã e já colocá-lo dentro de casa à tarde, expondo a menina a coisas que ele não queria nem imaginar, mas acabava imaginando o tempo todo. Pensou nas constantes reclamações do Marcão e do Tonhão, que

não estavam dando conta sozinhos, mas que se enciumaram com os dois últimos ajudantes que havia tentado contratar e os hostilizaram até que pedissem as contas. Junto à última baforada do cigarro, expirou os resquícios da raiva ainda recente pela trapalhada que aqueles dois haviam aprontado na última semana, trocando os recibos de compra entre os clientes (o que fez um descobrir que o outro pagava mais barato nas mesmas mercadorias e gerando uma crise diplomática que quase precisou de intervenção da ONU para se resolver).

— Tá – ele falou, coçando a testa –, vamos fazer o seguinte: entra ali no caminhão de peixe e descarrega o salmão. São três caixas pro Hirata e duas pro Hajime. Três pro Hirata – repetiu, fazendo os números com os dedos enquanto falava – e duas pro Hajime. Entendeu?

— Três pro Hajime e duas pro Hirata, enten...

— Não, porra!!! São três pro Hi...

— Tô brincando, patrão! – Lúcifer sorriu e já se colocou em direção ao trabalho. – Pode deixar que de hoje em diante não vai ter entrega errada nunca mais.

O caminhão de peixes era o menor, mas também, segundo as estatísticas da “peãozada brucutu”, o pior. Dentro da câmara fazia um frio glacial e Estrela da Manhã começou a bater os dentes assim que entrou. O cheiro forte dos frutos do mar quase fez ânsia, mas ele resistiu, enquanto procurava pelos salmões entre os vários caixotes de plástico branco. Quando encontrou, encaixou as mãos às alças, com as costas arqueadas. Ao tentar levantar, teve impressão que a maldita caixa estava pregada ao chão, mas logo percebeu que era só muito pesada mesmo. “*Cê tem mó chassi de frango, tio!*”, não pôde deixar de imaginar a voz de Gisele a tirar sarro de sua cara. “Ela vai ver só...”, respondeu em pensamentos. Arrastou as caixas até a borda, com o trabalho facilitado pelo chão escorregadio. Então desceu e as pegou lá em baixo – ora, não precisava saltar da caçamba com as caixas a tiracolo igual fazia a dupla Marcão / Tonhão, como se estivessem treinando para as Olimpíadas. Inteligência servia para

alguma coisa mesmo naquele contexto, afinal. Infelizmente, não havia como arrastar as caixas até as peixarias lá dentro e aí teve que entrar em cena a força bruta mesmo. Carregou a primeira carga com a mesma desenvoltura da criança que insiste em brincar com um carrinho pesado demais. Na segunda, bíceps, tríceps, trapézios, deltoides e outros músculos que apenas os doutorandos em anatomia e os *personal trainers* conhecem, já queimavam. Encontrou seus novos colegas de trabalho no caminho:

— E aí, Tonhão, beleza? E esse nosso time, vai ou não vai? – perguntou alto, como se tivesse crescido e jogado bola na rua com Tonhão (que vestia uma camisa regata de clube de futebol).

— Tem que ir, né... – Tonhão respondeu meio desconfiado, mas, diante da abertura, não resistiu a falar o que lhe transbordava no coração: – Amanhã pega uma baba, se não ganhar, pelo amor de Deus!

— É lá ou aqui?

— É aqui...

— Ah, se fosse lá podia complicar, mas aqui vamos passar o rodo! – Lúcifer afirmou, com a certeza de torcedor fanático. Tonhão arreganhou um sorriso cheio de dentes. – Pô, Marcão – o Senhor das Trevas dirigiu-se ao outro (que vestia a camisa de um time rival), esforçando-se para não transparecer a dor nos ombros que quase não deixava mais respirar –, se não ganhar esse final de semana vai complicar a classificação, hein?

— Oxê, vai nada! *Tâmo* sossegado ali no G4, *fio*...

— Ah, mas tem um monte de time chegando, se perder ponto de bobeira complica, escuta o que eu tô te falando! Diz aí, Tonhão... – Lúcifer passou a palavra ao novo amigo, com quem compartilhava da mesma paixão.

— Tô falando isso aí pra esse barriga de *largatixa*, não é de hoje – Tonhão gargalhou.

— Beleza, rapaziada, vou entregar esse salmão ali no Hajime, antes que descongele.

Depois a gente troca mais ideia.

Estrela da Manhã disse isso e continuou o árduo caminho até o mercado. Tonhão e Marcão desceram a rampa para pegar mais caixas e não puderam deixar de comentar entre si: “gente boa esse magrelo”. Encontraram-se novamente quase no mesmo ponto, quando voltavam com mais caixas na direção do mercado e Lúcifer voltava de mãos vazias em direção aos caminhões.

— Marcão, você entregou aquelas quatro pro Valter, né? – Lúcifer interpelou.

— Entreguei, por quê? – Marcão parou e olhou com cara de poucos amigos.

— Não, é que eu passei em frente à barraca dele e ele veio falar que a nota tava errada...

— Ôxe, mas de novo? Esse Valter tá é de brincadeira, vou lá falar com ele é agora...

— Não, espera. Tá com o recibo dele aí? Deixa eu dar uma olhada.

Marcão colocou as caixas no chão e tirou um bolo de recibos amassados do bolso da calça. Antes de entregar, porém, deu uma olhada para o homem de gorro e jaqueta, que fumava mais um cigarro e acompanhava a movimentação. Apontou para Lúcifer, sem a menor cerimônia e o patrão respondeu com um dedão positivo, confirmando que sabia o que estava acontecendo. Só então estendeu o bolo ao novo companheiro de equipe.

— Ah, tá aqui, ó... essa era do Chico – Lúcifer falou, escondendo os lábios e apertando os olhos, em tom de cumplicidade. – Mas fica sossegado que eu vou dar um jeito. O porra do Valter já tava querendo chamar o patrão, deixa eu ir lá amansar a fera. Entrega essas aí onde

vocês estavam indo, depois tem três de salmão pra levar no Hirata. Já deixei ali na boca do caminhão, nem precisa entrar lá no gelo, beleza?

Mais tarde, com todas as entregas feitas, todas as notas e recibos devidamente conferidos e os clientes devidamente satisfeitos, voltaram a conversar. Lúcifer contou, com ares de poema épico, sobre como havia sido difícil acalmar o Valter, e respirou com alívio ao dizer que no final tudo deu certo. Com a voz em tom de segredo combinou com os companheiros:

— Isso aí fica só entre a gente, não vamos falar nada pro patrão que hoje ele tá meio estressado, acho que a ex-mulher aprontou outra presepada, sei lá... essas coisas acabam com o humor da gente, não é?

— Ôxe, se acaba... eu mesmo, se soubesse a peste que aquela quenga ia virar depois, não tinha casado era nunca! – Marcão concordou, com os pêsames doloridos de quem passa pela mesma situação.

— Então, só fica entre a gente, tá tudo resolvido mesmo, não vamos incomodar ele com bobeira. Fechado? – Lúcifer encerrou o assunto e quem olhasse de fora poderia jurar que aquele trio de amigos se conhecia e brincava de bolinha de gude e figurinha desde o berçário.

Recebeu trinta por aquele dia em que passara no “teste de admissão”. Ganharia duzentos por semana (trabalhando de terça a domingo), o que no fim do mês, nas palavras do patrão: “dá quase um salário mínimo, tá reclamando do quê?”. Apesar da dor no braço e do sentimento de ter sido atropelado por um daqueles caminhões cheios de carga, era dinheiro garantido e o Anjo Caído sentiu-se bem, como jamais imaginou que poderia se sentir ao fazer uma tarefa tão mundana quanto carregar caixas. Contou a novidade a Gisele e foram comemorar no dogão da Dona Nice, onde há tempos não iam. Pediram duplo, empapuçaram-

se de refrigerante e lá se foi quase todo o dinheiro. Não sobrou nem o quinhão do Jota, para quem Lúcifer mentiria, dizendo que só haveria de receber no fim da próxima semana.

Gisele foi brincar na fonte em frente à igreja e Lúcifer aproveitou o restante do dia para andar pela cidade, cheia mesmo nos dias de folga. Foi observar as pessoas, ver como elas conversavam, do que riam, do que choravam e reclamavam, o que as deixava contentes e o que as preocupava. Sempre gostou de fazer isso – mesmo na forma de espírito demoníaco, costumava vagar pelas cidades, assentar-se nos parapeitos dos prédios altos e observar as luzes, ouvir as vozes, os gritos, sussurros e gemidos que emanavam lá de baixo. Procedia dessa maneira com uma dose de segundas intenções, analisando os pontos fracos daqueles que queria conduzir à perdição e deleitando-se com as lamúrias dos desesperados. Agora, não havia se convertido milagrosamente em uma boa alma, como talvez os eventos recentes pudessem dar a entender, mas ao menos fazia suas observações mais com curiosidade do que com malícia. Aproveitou também para ver o preço das roupas, com as quais almejava conseguir um emprego que lhe desse mais “margem de manobra” para pensar em outras coisas além da própria sobrevivência. Voltou ao apartamento já à noite, tomou um banho quente (por coincidência, Seo Jairo consertara o chuveiro comunitário naquela mesma manhã, depois de receber três ameaças de morte) e dormiu um sono de roncos violentos.

Na segunda-feira, sem dinheiro e com fome, teve que recorrer às esmolas. Gisele também foi, a contragosto – preferia aplicar os golpes do que ficar ali parada com a mão estendida aos olhares de pena, julgamento e reprovação, aguardando a boa vontade da compaixão alheia. Lúcifer também preferia, mas sabia que já estava “manjado” pela polícia e por alguns comerciantes, que esperavam apenas um deslize para pegá-lo. Provavelmente só tomaria alguns sopapos e logo seria solto, mas poderia ter o azar de cair nas graças de alguém particularmente inspirado, que resolvesse aplicar um corretivo mais *duradouro*. Não queria se arriscar e achou mais prudente sair de cena por algum tempo.

Na terça trabalhou, e o corpo, que estava quase recuperado do esforço de dois dias atrás, voltou a ficar todo dolorido de novo. Na quarta-feira, pediu um adiantamento ao patrão, que foi prontamente negado junto a uma baforada de cigarro – só receberia no domingo mesmo e ponto final. Assim, seguiu em duplo expediente – carregamento de caixas junto a Marcão e Tonhão (dupla a que se afeiçoara de um jeito que surpreendeu até a ele mesmo) pela manhã e pedidos de esmola junto a Gisele à tarde. Giza estava cada vez mais arredia quanto à ideia de continuar como pedinte e, no sábado, a situação se tornou insustentável.

— Tá geral com escorpião no bolso aqui, tio. Ninguém vai dar nada pra gente não, se liga. Semana inteira pagando *mó* sapo e mal deu pra comprar um lanche. Cansei! – Ela disse, levantando-se.

— Onde você vai, Gisele? – Lúcifer perguntou, com certa repreensão na voz.

— Vou fazer meu corre, tio. Vem comigo ou vai ficar aí?

— Vou ficar...

— ‘Cê que sabe...

Voltaram a se encontrar só à noite, já no apartamento. Lúcifer estava cansado e precisaria acordar cedo no outro dia, mas não conseguia dormir, preocupado com Gisele que não chegava. Então a menina entrou no quarto, com cara de que nada havia dado certo. Deitou-se no colchão ao lado do de Lúcifer e ficou um tempo olhando para o teto, sem falar nada. Estrela da Manhã quebrou o silêncio:

— Não conseguiu nada no corre?

— Nada...

— Calma, Giza, amanhã eu recebo, já te falei – Lúcifer tentou apaziguar o clima.

— É, tio... a merda é que eu tô com fome hoje – Gisele respondeu sem tirar os olhos, agora cheios de lágrimas, da tinta descascada e das bolhas de bolor que eclodiam no teto.

— É só um dia, Gisele. Quantas vezes a gente já não dormiu com fome, pô? O que foi que te deu hoje, menina?

— Hoje eu cansei, tio... – ela se levantou, resoluta, como se acabasse de tomar uma decisão importante em seu íntimo. Encarou Lúcifer com olhos marejados e selvagens e caminhou na direção da porta.

— O que você vai fazer, Gisele? – Lúcifer a segurou pelo pulso.

— Eu vou conseguir dinheiro, comida ou um saco de cola. O que estiver mais fácil.

— Giza, essa hora, como você vai... ? – então o Senhor das Trevas entendeu o que a menina tinha em mente e fez mais força na mão que a segurava. – Gisele, nem pensar em fazer uma coisa dessa, dorme aí que a fome passa e amanhã a gente dá um jeito...

— Tio, se liga. E me solta! – desvencilhou o braço num puxão. – Entende uma coisa de uma vez por todas: você não é meu pai.

Disse isso e foi até o quarto de Jota.

Foi a vez de Lúcifer deitar e encarar o teto. Ficou ali, ouvindo os passos de Gisele pelo corredor fedido, ouvindo as batidas na porta, o pedido de licença e o “oi, princesa... até que enfim veio me visitar...” malicioso que deu boas-vindas a ela. Alguns mendigos ainda conversavam nos andares de baixo e os latidos de cachorro, buzinas, pastilhas de freio, risadas boêmias e demais sons que compunham a sinfonia de ruídos incessantes da cidade, ressoavam lá fora, mas mesmo assim ele teve certeza que pôde ouvir as mãos grandes e sujas deslizando pelos cabelos, puxando a cabeça para baixo com uma força controlada que denotava carinho,

mas também transmitia a certeza que não haveria mais como desistir. Pôde jurar ter ouvido os estalos molhados, os engasgos, os gemidos abafados e as frases de incentivo que o maldito sussurrava enquanto ajeitava o cabelo da menina atrás da orelha para que pudesse ver melhor: “isso, princesa... tenta engolir tudo, isso...”.

Pouco depois, Gisele voltou, cheirando cola. Não falou nada. Ficou sentada no colchão por algum tempo, depois deitou e dormiu. Lúcifer continuou olhando as manchas amareladas que a umidade desenhava nas paredes, com os sons que não sabia se tinha mesmo ouvido ou apenas imaginado ainda ecoando na cabeça. Precisava matar o Jota, só não sabia como. Teria que parecer acidente, algo discreto, veneno, talvez. Não sabia. Passou muito tempo em claro, pensando nisso, e também em Belial, em Miguel, em Deus, na longínqua guerra contra o Caos, em Eva, em Abel, em Jó, Noé, Davi, Pedro, Barrabás, Pilatos...

E em Gisele.

Principalmente em Gisele.

CAPÍTULO XVIII – MATANDO BARATAS

Dias antes, na loja de ferramentas...

As nuvens de chuva pareciam adivinhar a hora do final de expediente e se juntavam sem cerimônia para observar, com certo sadismo, as pessoas que saíam feito formigas das portas de metal fechadas em uníssono lá em baixo. Cobriam o céu de chumbo, raios e trovões, e lançavam sobre a cidade uma ameaça ruidosa de enchentes, semáforos apagados e trânsito caótico, que fazia a volta para casa afigurar-se a uma pequena fuga do Egito sem Moisés para abrir o mar. José Maria, o homem de bigodinho fino que expulsara Lúcifer de sua porta com um jato d'água, dono da casa de ferramentas, preparava-se para fechar o caixa, quando entrou na loja um senhor muito gordo, de cabelos grisalhos, com uma pressa que dava impressão que a própria vida e o bem-estar de todos seus descendentes dependia da compra de um martelo, serrote, chave de fenda, alicate ou seja lá o que fosse que viera procurar. José Maria viu os olhos de sua funcionária revirarem na direção do teto ao perceber a chegada do nada bem-vindo último cliente do dia.

— Dá tempo ainda? – o homem gordo perguntou, recobrando o ar que teimava em lhe escapar dos pulmões em expirações chiadas.

— Dááá... – a menina atrás do balcão se lembrou da parcela atrasada da faculdade e tirou forças do útero para soar simpática, esboçando um sorriso tão amarelo que chegou a ficar cômico.

— Pode deixar que eu atendo ele, Sarah – José Maria socorreu a funcionária. – Vai embora, vai. Tá armando a maior chuva, daqui a pouco fica tudo parado e você perde a aula.

— Ai, ‘brigada, Seo Zé. Vou indo lá então, até amanhã.

Sarah despediu-se do patrão e do cliente, com uma expressão de alívio. Bateu o cartão, pôs a mochila nas costas e “saiu vazada”, como mais tarde relataria às amigas, antes que algum outro “sem noção” tivesse oportunidade de cruzar a porta. O homem gordo secou o suor da testa com o antebraço e olhou, não tão disfarçadamente, na direção dos *bolsos traseiros* da calça jeans da moça que saía apressada em direção ao ponto de ônibus. Depois, ainda com o peito arfando, voltou a atenção ao sujeito de bigodinho fino que viera atendê-lo.

— O senhor me desculpa o horário – o velho falava como se tivesse acabado de morder uma batata quente –, é que queimou o chuveiro lá em casa hoje de manhã e se eu voltar sem a outra resistência, já viu, né? A mulher vai ficar enchendo o saco e me fazer ir lá no supermercado vinte e quatro horas. Ah, mas depois que sentar no sofá não quero mais sair de casa não, ainda mais com essa chuva, tá louco...

— É o modelo ducha? – José Maria aproveitou a breve pausa do cliente para interromper as divagações que certamente iriam longe.

— Isso. Vai falar que acabou?

— Não, tenho aqui sim – o dono da loja respondeu, virando as costas e enfiando a mão numa das caixas de papelão que se empilhavam na prateleira. – Tá aqui, prontinho.

— Ah, graças a Deus! Quanto é?

— Tá doze.

— *Ôlouco!* – O homem gordo se espantou. – Mais um pouco e compensa comprar logo o chuveiro.

— Pois é, essa inflação aí tá acabando com a gente. Tá ruim pra todo mundo – o vendedor repetiu a mesma frase que falava para quase todos os clientes, havia meses.

— Esse governo tá demais, né? Meu Deus do céu, vai precisar acontecer o que pra esses caras saírem do poder? Uma guerra civil? Tinha que começar a matar esses políticos safados, daí eu queria ver se eles iam continuar roubando. Mas o povo aqui é muito bunda mole, com o perdão da palavra. Só reclama, reclama e não faz nada. Daí eles roubam à vontade mesmo – o velho comentou com a voz engraçada, dando impressão que tinha esquecido da vida e não estava com a menor vontade de voltar para casa.

— É, tá difícil. O senhor vai precisar de mais alguma coisa? – José Maria fez a pergunta de praxe no encerramento de uma venda, no intuito de cortar rapidamente o assunto e despachar aquele velho chato para fora e fechar a loja de uma vez. No instante seguinte, arrependeu-se amargamente de não ter falado apenas: “dinheiro ou cartão?”.

— Olha, acho que vou aproveitar pra levar uns pregos, viu? Sabe o que é... faz uma semana já que a minha mulher comprou um quadro desses que vendem nas praças, sabe? Que tem barco, paisagem e essas baboseiras que mulher gosta. Daí, rapaz, ela tá me torrando os pacová pra colocar essa porcaria lá na sala. Por enquanto eu enrolei, falando que tava sem prego em casa. E tá mesmo. Mas se eu chegar hoje e falar que vim no depósito e esqueci de comprar o bendito do prego, daí, já viu. Mulher, o senhor sabe como é...

A conversa, praticamente um monólogo, estendeu-se por quase dez minutos. O velho gordo perguntou sobre e analisou cada tamanho de prego com cuidado de ourives. No final, levou uma caixa de 22 x 42. Explicou detalhadamente sua decisão, desenhando com o dedo a planta da casa no vidro do balcão e justificando assim o temor de que um prego maior poderia chegar à parede da cozinha (que fazia divisa com a sala) e acabar furando um cano. “E daí, já viu, né?”. José Maria pensou na crise financeira que fazia o fluxo de sua loja diminuir a cada dia, lembrou-se das palavras do pai falecido, quando ainda estava aprendendo os segredos do ofício da família – “atenda sempre bem, sempre sorrindo. Cliente bem atendido volta e

recomenda a loja pra família e pros amigos”. E ele sorriu o tempo todo, a despeito dos sentimentos nada agradáveis a lhe espetar a alma. O velho despediu-se, satisfeito com o *bate-papo*, e rumou sem muita empolgação em direção à esposa, ao chuveiro queimado e ao quadro que aguardava para ser pendurado na sala.

José Maria havia acabado de fechar o caixa quando alguém entrou na loja, esgueirando-se para não se sujar na graxa da porta de metal semiaberta.

— Fala aí, Zé! – disse Geraldo, o proprietário da loja de sapatos vizinha ao depósito.

— Puta susto, meu! – José Maria respirou aliviado, ao reconhecer o outro comerciante. – Pensei que era ladrão. Ou pior: outro cliente pra ficar meia hora enchendo o saco pra levar uma caixa de prego.

— O tiozinho ficou alugando a orelha, né? Tava ali de fora só olhando, esperando pra falar com você e o velho não desembaçava. Pô, hoje também entrou uma senhora ali, fez o menino novo que eu contratei descer metade do estoque e no final não levou nada. O neguinho ficou puto, ha-ha-ha-ha! – Geraldo percebeu que o Zé Maria riu sem muito interesse, só para não deixá-lo sem graça, e decidiu ir direto ao assunto: – Então, mas vem cá... tô pensando numas paradas aí e queria ver o que tu acha.

— Pode falar... – o tom de confissão de segredo empregado por Geraldo acabou despertando a curiosidade de José.

— Então, cara – Geraldo começou a falar, quase sussurrando, olhando para os lados, certificando-se que não havia ninguém escondido atrás do balcão para escutar a conversa –, a gente já conversou várias vezes sobre esses vagabundos que ficam usando droga aí na rua o dia inteiro, certo? Porra, não sei se é impressão minha, mas pra mim tá cada vez pior. Já não

tá bom de cliente por aqui e essas pragas ainda ficam assaltando na região, daí fode mais ainda. A gente reclama e a polícia também não faz nada.

— Nem me fale! – José Maria afirmou, com raiva. Aquele assunto fazia suas entranhas se revirarem em ódio. – Outro dia, um filho da puta desses roubou o celular da Sarah, a menina que trabalha aqui comigo. Ficam mijando aí na porta de madrugada, todo dia tenho que lavar. Minha vontade é matar um por um, acabar com essa raça maldita – exaltou-se, coçando o bigodinho compulsivamente.

— A minha também. E é disso que eu vim falar.

— Como assim?

— Acho que já passou da hora – Geraldo começou a falar, mas parou ao perceber que as palavras estavam saindo altas demais. Aproximou-se do Zé Maria e recomeçou, com mais calma: – Acho que já passou da hora, de a gente reagir. E eu tô com uma ideia pra pegar essa *vagabundaiada* toda de uma vez só.

— E que ideia é essa? – José perguntou, com um interesse receoso.

— ‘Cê já dedetizou sua casa alguma vez?

— Que eu me lembre, não – Zé respondeu com o queixo enrugado, depois de forçar um pouco a memória e o raciocínio lógico na tentativa de associar uma coisa com a outra.

— Eu já. Semana passada – Geraldo começou a contar. – Tava dando barata toda hora, tive que chamar os caras. Descobriram que tinha um foco dessa praga lá na caixa de esgoto. Pô, me senti um puta de um idiota de não ter pensado nisso antes, mas enfim... fiquei olhando como eles iam fazer. Um abriu a tampa, outro jogou uma bomba lá dentro, tipo essas de gás lacrimogênio que a polícia solta, manja? Nem sabia que existia essa porra, parecia coisa

gringa, negócio muito louco mesmo. Mal a bomba passou da entrada e o outro já lacrou – Geraldo reconstituía os movimentos da bomba e da tampa. – Uma ou outra escapou, mas elas já saíam meio grogues de lá, ha-ha-ha-ha, daí a gente matou pisando. Quando abriu a tampa, já era, não tinha nenhuma viva pra contar história. Tô livre de barata por um bom tempo...

— Tá – Zé Maria tentava processar as informações e ligar os pontos –, mas o que isso tem a ver com os vagabundos?

— ‘Cê tá sabendo que eles invadiram aqueles prédios abandonados faz umas duas semanas e ‘tão dormindo lá todo dia, né? Virou uma favela vertical, um chiqueiro de dar nojo aquilo lá – Geraldo torceu o rosto, como se estivesse dentro do lugar que descrevia com mais asco do que acabara de descrever a fossa infestada de baratas.

— ‘Tô sabendo – Zé Maria relutava em acreditar que a conclusão daquele raciocínio seria o que ele estava imaginando.

— Então... e esses prédios antigos pegam fogo fácil, manja?

— Você tá querendo torrar os caras lá dentro? – perguntou o óbvio, cheio de gotas de suor empapando o bigodinho, excitado pela crueldade do plano e ao mesmo tempo aterrorizado com as consequências que aquilo poderia gerar.

— É só espalhar querosene e acender um fósforo perto da caixa de luz. Isso dá pra fazer até sozinho – Geraldo explicou, como se fosse a coisa mais natural do mundo. – O problema é que tem duas portas de saída, uma de cada lado do quarteirão. E a gente precisa fechar rápido, pra não deixar muita barata escapar, manja? Em dois dá pra fazer sossegado.

— Putz, cara... não sei... isso é... é sério demais...

— Pô, Zé! Faz dez anos que você fala que quer matar essas filhas da puta e agora vai dar pra trás quando surge a oportunidade? Vai deixar cobra ficar crescendo aqui no nosso quintal, porra? Na hora que um sem-vergonha desse tá noiado atrás de pedra, não pensa duas vezes antes de te matar não. A gente tentou fazer o certo: denunciou pra polícia. Fizeram alguma coisa? Não fizeram. ‘*Tamô* por nossa conta, parceiro. Se a gente não proteger nosso patrimônio, ninguém vai proteger não – Geraldo discursou, de forma bem convincente, carregando cada palavra com a revolta que se acumulara em seu peito ao longo dos anos, desde o primeiro assalto que sofrera, a lâmina gelada encostada na barriga, o tapa na cara a troco de nada. – O esquema é ir lá domingo à noite, não tem uma viva alma na rua, ninguém vai ver. É *vapt-vupt*. E aí, tu tá comigo ou não tá?

José Maria respirou fundo, cerrou os olhos como se calculasse milhões de possibilidades na cabeça, penteou o bigodinho fino com os dedos e respondeu num único fôlego:

— Tô dentro. Bora tacar fogo nesses filhos da puta.

FIM DA DEGUSTAÇÃO :(

Gostou? Despertou curiosidade para a metade final da história?

Adquira o livro completo por um preço camarada, confira:

<https://www.amazon.com.br/gp/product/B01LKQOSXM>